

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC/SP**

SUELI MARINO

RELACIONAMENTOS QUE CURAM – UMA HISTÓRIA POSSÍVEL

ESPECIALIZAÇÃO EM TERAPIA FAMILIAR E DE CASAL

SÃO PAULO

2008

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP**

SUELI MARINO

RELACIONAMENTOS QUE CURAM – UMA HISTÓRIA POSSÍVEL

ESPECIALIZAÇÃO EM TERAPIA DE FAMÍLIA E CASAL

**Monografia apresentada à Banca Examinadora
como exigência parcial para obtenção do título
de Especialista em Terapia Familiar e de Casal
pelo Núcleo de Família e Comunidade da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
sob a orientação da Profa. Dra. Marilene
Grandesso.**

SÃO PAULO

2008

*Esta Monografia é dedicada aos meus pais
Alberto Marino e Rosmary Machado
Marino (in Memoriam) que me fizeram
herdeira de seus bens mais preciosos: ~*

*A coragem de recomeçar, a força de seguir
adiante, a persistência para não desistir
daquilo que se acredita e a fé que me dá
esperanças!*

Relacionamentos que Curam – alguns agradecimentos...

"A felicidade só existe se for compartilhada"
Christopher McCandless

A Antonio José, meu marido, agradeço por seu amor tão precioso e companheiro.

À todos os protagonistas e participantes pela confiança e disponibilidade.

À Marília Gabriela por estar comigo desde o início.

A Michael White (In Memoriam) por me lembrar que um psicoterapeuta pode ser criativo e ter bom humor.

À Teresinha, que me ensinou que o *caminho* pode ser mais *suave*.

A Wilson, Gil e Denise por serem a minha família espiritual e com seu amor me ajudarem a pertencer.

À Dona América minha sogra querida, e a Maria Antonia minha cunhada querida, por fazerem a parte da minha nova família.

À Aya por transformar a essência do workshop em imagens.

RESUMO

Relacionamentos que curam – Uma História Possível é o relato da criação de um trabalho co-construído com os protagonistas e participantes desta história. Surgiu a partir da necessidade de uma base teórica sustentável que oferecesse segurança para sua prática. O objetivo desse estudo foi compreender o significado da vivência no workshop Relacionamentos que Curam para os participantes. Utilizou-se como fundamentação teórica a Constelação Familiar Sistêmica Fenomenológica de Bert Hellinger, o Pensamento Sistêmico e a Abordagem Narrativa. Pretendeu-se estudar a contribuição das três abordagens, entendendo seus pressupostos básicos, suas diferenças e singularidades, ampliando o olhar onde possível, promovendo uma aproximação entre elas, e finalmente, contemplando o que nasce a partir desse encontro. Escolheu-se a pesquisa qualitativa como delineamento, que tem como foco compreender a natureza do encontro co-construído entre psicoterapeuta e participantes. Optou-se pela utilização da técnica de workshop, com a intenção de ratificar a percepção de que é possível extrair-se recursos, por meio da experiência do outro, que sejam aplicáveis à nossa própria realidade. Observou-se nas entrevistas finais a possibilidade de oferecer recursos ao participante para que possa utilizá-los como ferramenta, e ajudá-lo a rever-se como autor de sua própria história.

Palavras-chave: transgeracionalidade, re-autoria, narrativa, ressonância.

SUMÁRIO

RESUMO

INTRODUÇÃO.....	09
-----------------	----

CAPÍTULO 1 – CONTRIBUIÇÕES DA CONSTELAÇÃO FAMILIAR DE BERT HELLINGER PARA O WORKSHOP RELACIONAMENTOS QUE CURAM.....	16
--	----

1.1 Considerações sobre a Técnica da Constelação Familiar.....	19
--	----

CAPÍTULO 2 – CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM SISTÊMICA PARA O WORKSHOP RELACIONAMENTOS QUE CURAM.....	24
---	----

2.1 Transgeracionalidade.....	25
-------------------------------	----

2.2 Visão Sistêmica do Luto.....	26
----------------------------------	----

CAPÍTULO 3 – CONTRIBUIÇÕES DA TERAPIA NARRATIVA DE MICHAEL WHITE PARA O WORKSHOP RELACIONAMENTOS QUE CURAM.....	30
--	----

CAPÍTULO 4 – O WORKSHOP RELACIONAMENTOS QUE CURAM.....	36
--	----

4.1 Ressonância.....	45
----------------------	----

CAPÍTULO 5 – MÉTODO.....	56
--------------------------	----

5.1 Participantes.....	56
------------------------	----

5.2 Instrumentos.....	57
-----------------------	----

5.3 Procedimentos.....	58
------------------------	----

5.4 Análise de Dados.....	58
---------------------------	----

5.4.1 Uma Reflexão Sobre o Encontro Possível da Psicoterapeuta com André no Contexto do Workshop Relacionamentos que Curam.....	59
--	----

5.4.2 Contexto do Workshop onde André foi Protagonista.....	66
---	----

5.4.3 Uma Reflexão Sobre o Encontro Possível da Psicoterapeuta com Sofia no Contexto do Workshop Relacionamentos que Curam.....	100
--	-----

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	133
REFERÊNCIAS.....	139
ANEXOS.....	142

Meditação para reconciliação

Que todas as mães e filhos sejam reconciliados.

Que todas as mães e filhas sejam reconciliadas.

Que todos os pais e filhos sejam reconciliados.

Que todos os pais e filhas sejam reconciliados.

Que todas as irmãs e irmãos sejam reconciliados.

Que todos os maridos e esposas sejam reconciliados.

Que todos os parceiros e amantes sejam reconciliados.

Que todos os membros da família sejam reconciliados.

Que todos os empregadores e empregados sejam reconciliados.

Que todos os membros da comunidade sejam reconciliados.

Que todos os amigos sejam reconciliados.

Que todas as mulheres sejam reconciliadas.

Que todos os homens sejam reconciliados.

Que todos os homens e mulheres sejam reconciliados.

Que todas as religiões sejam reconciliadas.

Que todas as raças sejam reconciliadas.

Que todas as nações sejam reconciliadas.

Que todas as pessoas sejam reconciliadas.

Que todas as criaturas sejam reconciliadas.

Que todos os seres de todas as formas de vidas sejam reconciliados.

INTRODUÇÃO

Quando penso no processo de criação do Workshop “Relacionamentos que Curam” viajo no tempo e retorno a 1994, época da minha transição profissional entre a abordagem corporal Bioenergética e a dedicação ao estudo da Psicologia Transpessoal.

Teoricamente falando, alterei minha prática: de um trabalho corporal de descarga energética e emocional, por meio da expressão corporal, para um trabalho corporal de alinhamento de chacras, de meditação, enfim para todo um trabalho voltado para o desbloqueio energético.

Em meio a essa transição, senti uma necessidade pessoal, “de alma”, de realizar um trabalho social, mas não queria me deslocar até alguma instituição; por outro lado entendia que apenas ajudar financeiramente era insuficiente.

Sentia que o importante era doar o que tinha de mais valioso no momento: meu trabalho.

Então, tive a idéia de contatar algumas entidades, e comecei a desenvolver em meu consultório vivências e grupos de movimento, nos quais os participantes e eu arrecadávamos mantimentos, ou fazíamos campanhas de determinados produtos que essas instituições estivessem precisando.

Fizemos campanha de leite, de material de limpeza, de material escolar, de brinquedos, de alimentos não perecíveis, agasalhos, papel sulfite, papel higiênico e outros tantos.

Eu mantinha um compromisso comigo mesma de não me fixar em nenhuma instituição, meu objetivo também era o de proporcionar uma “vitrine” tanto de trabalhos quanto de instituições sociais.

Nelas o participante teria a oportunidade de entrar em contato com entidades que ofereciam diferentes tipos de atendimento à população, com crianças, com idosos, com mães solteiras, com pacientes terminais, com filhos de presidiários, com alcoólatras, com drogados entre outros.

Cada mês arrecadava-se para uma instituição diferente. Foi admirável como estas instituições, que se ocupam com atendimentos assistenciais começaram a nos procurar.

Chegou um momento em que não era mais preciso buscá-las, uma indicava a outra.

Eu não impunha nenhuma restrição. Assim, deparei-me com instituições que professavam os mais diferentes credos: católicas, evangélicas, espíritas, e que trabalhavam com os mais diversos tipos de carências.

Selecionada a instituição e definida a campanha, durante todo o mês arrecadávamos o material escolhido, e eu, enquanto psicoterapeuta promovia as vivências e grupos de movimento.

A remuneração por este trabalho não era feita em dinheiro, e sim através da campanha do mês, na qual eu estipulava certa quantidade de alimentos como pagamento, por exemplo: 2 kg de alimentos não perecíveis, tantos litros de leite e assim por diante.

Todo mês eu aumentava essa quantidade, comecei com 1 kg, depois eram 2, depois 3, no final estava-se num patamar entre 5 e até 10 kg.

Eu procurava deixar claro que não era uma “esmola” ou sobra, o pagamento para a vivência correspondia a uma determinada quantia em dinheiro, convertida em objetos para as campanhas.

Para evitar que o participante tivesse qualquer dúvida sobre o destino daquilo que era arrecadado, eu fazia questão da presença de um representante da instituição, que pudesse falar sobre o trabalho que desenvolviam.

Com isso, também queria dar oportunidade para que os participantes pudessem manifestar-se, ou despertar seu interesse em relação a trabalhos sociais.

Estas vivências eram um trabalho de natureza focal, com começo, meio e fim, sendo que nenhum participante tinha obrigatoriedade de manter-se no grupo, assim como a participação em mais de um encontro também não era vedada.

Algumas pessoas passaram por estes grupos e nunca mais voltaram, e outras, no entanto, passaram a usar aquele espaço como terapêutico.

Para a realização destes grupos todos os procedimentos éticos eram respeitados, sendo que os participantes eram informados sobre os objetivos a que nos propúnhamos e que não tínhamos a pretensão de uma terapia em grupo.

Na primeira parte do trabalho, ocupávamo-nos com o ouvir sobre a apresentação da instituição, e sobre seu trabalho mais especificamente.

Na segunda parte, promovia-se um espaço para o grupo colocar-se a partir daquilo que havia mais lhes tocado, diante da exposição do trabalho desenvolvido pela instituição.

A partir daí todos se colocavam, se o encontro era associado a uma instituição, relacionada a idosos, por exemplo, após fazer sua explanação, um tema invariavelmente era extraído desta fala, que tanto poderia variar entre a própria velhice, ou até mesmo sobre a dificuldade de relacionamento com os pais.

Na terceira parte do trabalho, fazíamos um trabalho corporal. Nesta época, os psicoterapeutas corporais trabalhavam muito com grupos de movimento, utilizavam-se técnicas de expressão corporal e relaxamento.

Pelo fato de eu já estar estudando e trabalhando com o Pensamento Transpessoal, minha proposta de grupo de movimento era diferente, eu a mesclava com técnicas de meditação, visualização criativa, alinhamento de chakras, trabalho com exercícios de respiração e outros.

Sempre me preparava para os encontros com alguns exercícios em mente, porém também tinha que considerar que em se tratando de trabalho corporal, cada grupo que se formava trazia uma característica específica.

Determinados grupos apresentavam uma dinâmica mais mental, racional, então, no trabalho corporal explorávamos mais o “grounding”, que é “pé no chão”, como um trabalho de base, e depois os chakras.

Em grupos com dinâmica mais emocional trabalhávamos, além do grounding, os chakras superiores, relacionados a sentimentos e emoções.

Mantínhamos um caminho mais ou menos estruturado para garantir a coesão e o envolvimento dos participantes, porém, na verdade, quem imprimia a direção deste caminhar, dentro deste processo, era o próprio grupo.

Resumidamente, pode-se dizer que do grupo emergia o tema, e eu contribuía com a proposta de uma estrutura de trabalho.

Gosto muito desse jeito de deixar fluir, de me deixar guiar pela riqueza do momento, receptiva e atenta à construção do processo. Entendo-o como um processo vivo, no qual me sinto plena como psicoterapeuta.

Enquanto a pessoa, que vinha representar a instituição, expunha sobre o trabalho e as dificuldades enfrentadas, eu ou o grupo íamos fazendo perguntas espontâneas sobre como se sentiam estando ali diante de nós.

Elas acabavam colocando suas experiências pessoais, não falavam apenas sobre a instituição, ou sobre como chegaram até lá, mas sim das mudanças que isso trouxe para suas vidas.

Quando começavam a nos relatar sobre seus próprios processos, invadia, pelo menos a mim, uma sensação inenarrável, como se esta mesma pessoa estivesse “me trabalhando”, era como se a partir dessa fala tanto eu quanto o grupo sentíssemos-nos tocados.

Antes dessa experiência, eu tinha certo orgulho em dizer que estava ajudando pessoas carentes assistidas. A leitura que fazia disto era a de um orgulho egóico, inclusive em relação aos demais participantes. Iniciávamos o encontro com algo em mente “estou fazendo uma boa ação” e saíamos dele mais humildes, com uma vontade enorme de fazer diferença na vida.

Nunca irei me esquecer de algo que foi muito marcante, antes, porém, é preciso fazer um pequeno parêntese, as entidades dificilmente eram representadas por sua Diretoria. Elas enviavam pessoas que trabalhavam diretamente com os assistidos, o que acabou fazendo toda a diferença para mim, até porque, via de regra, nos reuníamos aos sábados, ou à noite, sendo que muitas vezes não havia muita disponibilidade por parte desses dirigentes.

Isso talvez tenha tornado o trabalho mais rico, mais autêntico, pelo fato de contarmos com depoimentos de seus legítimos representantes, ou seja, pessoas que estavam diretamente ligadas às dificuldades do dia-a-dia dos assistidos, ou até mesmo tivessem passado pelas mesmas dificuldades.

Na maioria das vezes, tais pessoas tinham um nível cultural bastante precário, quando eles chegavam alguns dos participantes do encontro demonstravam certo desconforto, muitas vezes com um olhar até preconceituoso.

Num determinado encontro, tivemos contato com uma pessoa que representava uma instituição, ela veio em um carro muito velho, uma perua quase que inteiramente destroçada. Quando a vi pensei “não sei como conseguiu chegar até aqui”. Ao entrar-se na sala de trabalhos era de praxe tirarem-se os calçados. Quando tirou o tênis, o mal estar foi geral em relação ao odor que exalava. Possivelmente tratava-se de alguém que não cultivava hábitos de higiene, mas, no entanto, quando aquela pessoa começou a falar sobre o que fazia, a comoção foi geral.

Tudo foi ficando tão maravilhoso, tão grande, tão bonito, diante de nossa pequenez ao incomodarmo-nos com seu cheiro, que os participantes começaram a chorar. Era uma pessoa que não tinha a mínima condição financeira, e que, no entanto, fazia mais do que muitos de nós.

Esta foi apenas uma das experiências. Normalmente quando as pessoas acabavam de apresentar seus trabalhos, ficava dentro de mim sempre um ponto de interrogação: “Quem é que ajudou a quem aqui?”

Eu mantinha neste espaço um flipchart¹, ao término do encontro fazíamos um cartão, onde todas as pessoas do grupo assinavam e escreviam mensagens para serem entregues à instituição, aos assistidos e aos colaboradores.

No momento em que estas mensagens eram lidas, muitos expressavam a gratidão que sentiam por terem ouvido tais depoimentos, ou sobre o trabalho que desenvolviam.

Por meio desse trabalho, muitos de meus clientes passaram a procurar essas instituições e continuaram ajudando financeiramente, outros passaram a atuar como voluntários. Sem que houvesse qualquer pretensão, deparei-me com uma mobilização não esperada e muito menos planejada.

Muitas vezes, ficava pensando como é que aquelas pessoas puderam me tocar tão profundamente? Como poderia entender este fenômeno? A que poderia atribuí-lo?

Aos poucos fui percebendo que existem relacionamentos, por meio dos quais se podem extrair recursos aplicáveis à própria vida, calcados na experiência do outro, por isso que para mim todos esses relacionamentos potencializam-se em “relacionamentos que curam”, pois lembrar-me deles inspira-me até hoje.

Daí surgiu à inspiração para identificar este trabalho com o nome de “Relacionamentos que Curam” porque comecei a perceber a riqueza deste tipo de interação, por meio dos caminhos que podem nos ser apontados pelo outro.

Creio que a explanação acima justifica a escolha de meu tema, porém gostaria também de deixar claro no presente trabalho o conceito de *cura*, que assimilei, e talvez tenha ampliado a partir das colocações de alguns autores.

¹ Flipchart (ou flip chart) é um tipo de quadro, usado geralmente para exposições didáticas ou apresentações, em que fica preso um bloco de papéis. Deste modo, quando o quadro está cheio, o apresentador simplesmente vira a folha (em inglês, flip), sem perder tempo apagando o quadro. Tem a vantagem de utilizar canetas ou marcadores de tinta, menos alergênica que o giz, mas consome muito papel, o que tem reflexos sobre os problemas ambientais.

O significado que atribuo para a palavra *cura* não é exatamente igual ao do usual modelo médico. Segundo Rezende (on line, 2008) a palavra “cura” provém do latim com o sentido primitivo de “cuidado”, “atenção”, “diligência”, “zelo”. Deve-se considerar também o verbo “cuidar”, cujo significado é *ter cuidado com a saúde de*, “*curar*” (Cunha, 1986, p. 232).

Como termo médico, *cura* foi primeiramente usada na acepção de “tratamento”, conforme se lê em Celsus (séc. I DC) em seu livro III.9.1: *In hoc casu Médici cura esse debet, ut morbum mutet* (Neste caso, o cuidado médico (ou do médico) é indicado para mudar o curso da doença (Celsus, 1971).

A evolução semântica da palavra *cura*, tanto em latim, quanto nas línguas românicas, operou-se em várias direções, sempre em torno da idéia de “cuidar de”, “exercer ação sobre”, “tratar”.

Como termo de Medicina, a mudança de significado decorreu do fato de que a cura, no sentido de tratamento, na maioria das vezes, modifica o curso da doença e restabelece a saúde do enfermo.

Em termos de evolução da língua, ocorreu o fenômeno denominado entre as figuras de linguagem como metonímia, ou seja, a mesma palavra passa a expressar tanto a ação (no caso de cuidados médicos) como o resultado da ação (a recuperação da saúde).

Assim, lingüisticamente falando, associou-se ao significado inicial de *cura* o conceito de restabelecimento da saúde, a volta do estado hígido, sendo que esta nova acepção sobrepôs-se à primitiva tanto no entendimento geral, quanto na própria literatura e vocabulário médico.

Explicitando um pouco melhor, de acordo com Cunha, metonímia:

[...] é uma figura de linguagem, segundo a qual se exprime um conceito por meio de um termo que primariamente designa um outro conceito, que está relacionado com aquele por meio de uma relação necessária de contigüidade (como: causa e efeito, a parte e o todo, o conteúdo e o continente etc. (Cunha, 1986, p.518).

Se a evolução semântica da palavra *cura* sofreu uma modificação no sentido de ampliar o conceito que já existia, incorporando-lhe outro significado pelo

fenômeno da metonímia, também a Psicologia pôde valer-se dela com o significado de restabelecer, interligar, entrelaçar.

Nesse sentido, *cura* significa para mim a possibilidade de interligar, de religar com a vida, com as pessoas, de conectar-nos intensamente, com a possibilidade de um encontro profundo com alguém que acabamos de conhecer.

Refiro-me à possibilidade de alguém entrar em nossas vidas, nos tocar, ainda que não nos conheça, promovendo uma “cura” que consiga vencer as barreiras do preconceito racial, social ou religioso, e que confira um lugar de respeito tanto para homens, mulheres, crianças, velhos e jovens, quanto para animais e natureza.

Quando faço tais colocações, minha preocupação não é outra senão a de chamar a atenção para a ressonância, ou melhor: “o que sua história pode acrescentar à minha vida?”

Tenho outra versão para o começo da história dos “Relacionamentos que Curam”: o encontro com a Constelação Familiar, o qual descrevo no capítulo a seguir.

CAPÍTULO 1 – CONTRIBUIÇÕES DA CONSTELAÇÃO FAMILIAR DE BERT HELLINGER PARA O WORKSHOP RELACIONAMENTOS QUE CURAM

A Constelação Familiar¹ também chamada de Abordagem Sistêmica Fenomenológica foi desenvolvida pelo Psicoterapeuta Bert Hellinger, por volta dos anos 80, na Alemanha.

Hellinger formou-se em Filosofia, Teologia, e Pedagogia. Estudou, viveu e trabalhou durante 16 anos como membro de uma ordem missionária católica entre os zulus na África do Sul. Depois de tantos anos, começou a sentir que sua vida lhe pedia mais que ser membro de uma ordem religiosa, o que resultou em sua saída de forma pacífica.

Quando retornou à Alemanha casou-se e começou a trabalhar como psicoterapeuta. Formou-se em Psicanálise, inspirou-se na Terapia Familiar Sistêmica, na Fenomenologia, na Gestalt, no Psicodrama e na Análise Transacional para criar sua própria teoria “Familien Stellen”, traduzida no Brasil como Constelações Familiares.

O primeiro contato que tive com a Constelação Familiar foi em Abril de 2001 no Workshop “O amor que cura e o amor que adocece” com o próprio Bert Hellinger, aqui no Brasil. Ter participado desta experiência foi algo sem dúvida intrigante.

Algo dentro de mim compreendia esta experiência e a validava no universo de minhas sensações e sentimentos. Algo dentro de mim vibrava gritando internamente “É isto!”, mas a razão não compreendia o que estava acontecendo, ou melhor, não compreendia o caminho teórico da abordagem proposta por Hellinger. Aparentemente, o que ele dizia era novo, mas de alguma maneira eu já tinha conhecimento.

Deparando-me com esta inquietude não tive dúvidas em solucioná-la, investigando-a a fundo, no mesmo ano iniciei em Setembro uma formação com professores do IAG - Int. Arbeitsgemeinschaft für Systemische Lösungen nach Bert Hellinger e. V. Munique – Alemanha, que teve duração até Março de 2004, num total de 144hs de curso teórico-prático-vivencial.

¹ A abordagem Constelação Familiar será descrita na p. 11 deste trabalho.

Após ter concluído a formação em Constelação Familiar, sob a Abordagem Sistêmica Fenomenológica de Bert Hellinger em 2004, passou a existir dentro de mim um desejo e uma inquietação sobre como utilizar algo tão mobilizador em meu trabalho como psicóloga.

Questionamentos internos entre o que eu mesma vivenciei como cliente e meu olhar como profissional, agora ampliado, buscando entender o processo que vivi, contribuíram para que levantássemos algumas questões:-

- ✓ Seria a Constelação Familiar uma técnica de intervenção ou uma terapia inovadora?
- ✓ Se fosse uma terapia, como poderia integrar-se ao que eu vinha desenvolvendo como Psicoterapeuta até então?
- ✓ Essa abordagem técnica terapêutica poderia responder às demandas sociais dos novos tempos?
- ✓ Esta abordagem técnica seria indicada para qualquer cliente?
- ✓ Existiriam mudanças significativas para o cliente, em longo prazo após sua vivência em Constelação Familiar?
- ✓ Como o cliente, de acordo com sua experiência vivida, compreenderia a técnica da Constelação Familiar?

Percebi que esse questionamento trazia em si a necessidade de um aprofundamento teórico, que ampliasse meus conhecimentos a respeito do funcionamento das famílias, de questões relacionadas a luto, de heranças das gerações passadas e seu processo de transmissão, enfim a influência destas e de outras ocorrências na construção da nossa identidade.

Assim ocorreu minha opção pelo Curso de Terapia Familiar e de Casal, de Abordagem Sistêmica, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Neste momento ao finalizar o curso de Terapia Familiar Sistêmica, vejo-me em um processo de mudança, contudo, algumas daquelas inquietações iniciais diluíram-se, começando a dar lugar para a uma serenidade. Outras, porém, continuam a existir, novos questionamentos começam a emergir, não mais de ordem teórica, e sim quanto a meu posicionamento enquanto psicoterapeuta.

Comecei a realizar Workshops de Constelação Familiar desde 2003, em meados de 2004 percebi uma grande transformação em mim, na maneira de

perceber e entender a Constelação Familiar. Desde então, não pude mais utilizar a técnica “pura” da Constelação, pois já me encontrava bastante influenciada pelo Pensamento Sistêmico Pós- Moderno. Assim, comecei a vivenciar um conflito interno profundo, razão que em muito contribuiu para que eu esperasse o processo ficar mais claro dentro de mim. Sentia-me numa espécie de “limbo”, não era mais uma psicoterapeuta que poderia se utilizar dos benefícios da Constelação Familiar como ela se apresenta, mas também não poderia virar-lhe as costas, essa não seria uma atitude sistêmica inclusiva e colaborativa como aprendi. O que fazer?

Um pouco deste questionamento vinha por não conseguir ter clareza de como poderia aproximar a Constelação Familiar Sistêmica Fenomenológica e a Psicoterapia Familiar Sistêmica.

Dentro de mim havia a certeza de que separadamente esses caminhos poderiam se encontrar, e se eu pudesse pensar numa metáfora para expressar esse sentimento lembraria do encontro do rio com o mar. A Constelação Familiar seria um rio, que corre calmo com águas doces e tranquilas, e o Pensamento Sistêmico o mar imenso com grandes ondas, água salgada e com toda a riqueza de sua vida marinha.

Lembro-me de algumas perguntas desta fase:-

- Como seria, hoje, meu olhar para a Constelação Familiar? Olhar esse que também inclui e reconhece a Terapia Sistêmica Familiar como fazendo parte de seu construto teórico.
- Constituir-se-ia uma diferença significativa em minha postura, se na condução de um workshop de Constelação Familiar tentasse a inclusão teórica da Terapia Sistêmica Familiar? Se sim, qual?

Hoje em 2008, o momento é outro, não posso mais utilizar o nome Constelação Familiar, uma vez que a mudança teórica, a postura terapêutica, a condução do Workshop, e o acompanhamento pós-workshop modificaram tanto este trabalho. A Constelação Familiar passou a ser uma inspiração, um recurso terapêutico não menos respeitado por isso, porém não mais a base teórica.

À Bert Hellinger toda minha gratidão por me inspirar um caminho. “Relacionamentos que Curam – uma história possível” não deixa de ser também minha história, e a história de outra pessoa, que poderá inspirar tanto a minha

quanto outras histórias. “Relacionamentos que curam” falam da história possível do encontro do “rio com o mar”, que em alguns momentos corre calmo e sereno, e que em outros, sofre os impactos de tempestades. Assim, esta monografia irá falar do significado do workshop para quem participou dele, e irá fazer o possível para contribuir com suas histórias.

1.1 Considerações sobre a técnica da Constelação Familiar

A Constelação Familiar acontece na forma de workshops que reúnem grupos de pessoas, nos quais algumas delas levam uma dificuldade para ser trabalhada, e tratam deste tema em uma única vez.

As pessoas se inscrevem de acordo com sua necessidade e o pagamento também é diferenciado conforme sua escolha: para constelar ou para participar.

Para o workshop não existe entrevista prévia, o psicoterapeuta é denominado constelador, quem traz seu problema é tratado como constelante, quem é escolhido para atuar na técnica é chamado de representante e os demais são os participantes.

No curso de formação sobre Constelação Familiar do qual participei, para sua inscrição havia a necessidade de uma formação acadêmica universitária, havia colegas das mais diversas áreas de formação como: engenheiros, psicólogos, assistentes sociais, médicos, advogados, não necessariamente psicoterapeutas.

O constelante traz sua dificuldade e o que deseja trabalhar para o constelador e para o grupo. Sua intenção deve ser clara, pois é isto que dará sustentação ao trabalho, e orientará o cliente, o psicoterapeuta e os representantes. Em seguida o constelante escolhe aleatoriamente entre os participantes, as pessoas que representarão, numa espécie de dramatização, o próprio constelante, seu pai, sua mãe, o problema ou outros personagens ligados à sua história. O papel de cada um dependerá de como o constelador dirigir o trabalho, pois é ele quem decide sobre a cena a ser trabalhada e, portanto, quem fará parte dela, ou seja, os personagens que serão representados.

O cliente permanecerá o tempo todo fora da cena apenas observando a movimentação dos representantes ao final da constelação poderá ser chamado se o constelador achar necessário, ele se manifestará apenas quando solicitado.

É importante ressaltar que os participantes do grupo são pessoas que não se conhecem, portanto nunca tiveram contato entre si.

Bert Hellinger traz em sua teoria a crença de que a alma de uma pessoa não anima apenas seu corpo físico, mas em seu conceito a alma tem a função de “guiar este corpo e protegê-lo”. Em seu último livro “Viagens Interiores”, Hellinger é claro:

A alma também nos une a outras pessoas. Em primeiro lugar, ela nos une à nossa família: a nossos pais, irmãos e antepassados, ela nos une a eles como se tivéssemos uma alma comum, uma alma maior. Nossa alma pessoal atua em função dessa alma maior que, por sua vez, atua na alma que vivenciamos como pessoal (Hellinger, 2008, p.38).

Acredita-se nessa técnica que os representantes são guiados pela “força da alma familiar” do constelante, e é esta que move os representantes, que ao estarem próximos uns dos outros têm percepções e sentimentos similares ao pai, mãe ou ao próprio constelante por exemplo.

No mesmo livro Viagens Interiores, Hellinger continua...

Nesse domínio mais amplo da alma, reside nosso anseio de relação e pertencimento. Os sentimentos de amor e de aversão encontram-se igualmente dentro dessa alma comum, bem como os nossos sentimentos de culpa e inocência, valor e desvalor, justo e injusto, bom ou mau. Eles nos vinculam a outras pessoas, assim como vinculam outras pessoas a nós. A própria aversão se manifesta como uma forma de vínculo, pois, muitas vezes, os que rejeitamos tocam a nossa alma, de uma forma especial. (Hellinger, 2008, p.38).

Assim, o constelador/psicoterapeuta decide-se a fazer uma Constelação baseado na força que percebe no desejo do cliente e na reação de atenção tensa que provoca no grupo.

Testemunhei Bert Hellinger expressar, verbalmente, que não acredita em Psicoterapia e em processos longos, assim a Constelação Familiar não pretende ser um processo, mas um trabalho no qual a pessoa participa e segue seu caminho. Nenhum tipo de acompanhamento antes ou depois da Constelação Familiar é previsto. Quanto menor o envolvimento e a proximidade que o constelador tiver com seus clientes, sejam eles constelantes ou participantes, melhor.

Esta abordagem está interessada na solução do problema, esse é seu foco. Para conduzir esse trabalho poucas informações são necessárias. A Constelação

Familiar está interessada nos acontecimentos e destinos numa família e em seus efeitos no sistema familiar.

O Sistema Familiar para o constelador/psicoterapeuta é composto pelo pai, mãe, irmãos, meio-irmãos, inclusive dos pais, avós, bisavós, tetravós, tios e tias, parceiros anteriores dos pais ou dos demais membros citados. Constituem a Constelação Familiar pessoas vivas ou mortas, também pessoas sem vínculo de parentesco, mas que de alguma forma estão ligadas a história da família do constelante, e que tiveram um destino forte.

Outro aspecto a se considerar são os acontecimentos importantes na família, a saber: nascimentos e mortes; mudanças especialmente importantes, como deportação, imigração ou migração, separações, tanto entre filhos e pais, quanto dos pais ou parceiros entre si; doenças, vícios que envolvem dependência, acidentes; destinos associados à guerra, suicídios, assassinatos, internações psiquiátricas, casos nos quais alguém foi deserdado de herança, crianças que foram abandonadas, casos de abortos, adoções, relações amorosas que ficaram mal resolvidas, entre outros. A Constelação Familiar preocupa-se principalmente com o “excluído” do sistema familiar, sendo que este pode estar envolvido em situações relacionadas anteriormente.

Feita a escolha da cena, o constelante escolhe no grupo os representantes e o constelador vai dirigindo o trabalho, percebendo no sistema familiar as sensações dos envolvidos, quem se aproxima de quem, quem fica excluído, ou vai seguindo até que todos os membros do sistema familiar sejam incluídos. Nesta fase podem vir à tona questões de luto não resolvido, exclusão por brigas de família como herança, segredos e outras.

O constelador também promove o diálogo entre os representantes. Neste trabalho o constelador pode sugerir o uso de algumas frases “chaves” como, por exemplo: “querida mamãe”, “querido papai”, por favor, me olhe com carinho”, “sinto muito...”, “eu ainda não estou pronto”, ou até mesmo ele pode solicitar para que um representante reverencie outro.

Existe uma tendência a se acreditar que o que acontece numa Constelação seja a verdade, uma vez que os representantes são guiados pela alma da família, então, isto passa a ser real.

O final da Constelação ocorre quando se encontra uma solução para a dificuldade apresentada no início dos trabalhos, isto não quer dizer que exista sempre um final feliz. O importante é que os representantes expressem sensações de pertencimento e certo conforto.

Todas as pessoas que participam do workshop são instruídas ao final de uma Constelação a não conversarem sobre o trabalho com a pessoa que foi “constelada” para que ela possa ficar com a força que sentiu do trabalho, quanto menos conversar-se sobre o assunto, melhor. Ao acabar-se uma Constelação, outro cliente é trabalhado.

Encerrando-se workshop, os participantes vão embora, sendo que não existe nenhuma seqüencialidade do trabalho, portanto esta atividade encerra-se aí.

Atualmente, Bert Hellinger trabalha com o que denomina de “Movimento do Espírito”. Para ele todo o movimento da vida é o movimento do espírito.

O movimento do espírito, tal como o vivenciamos em nossas viagens interiores, é um movimento que se dedica a todas as coisas, tais como são. Ele não seria imaginável de outro modo. Se tudo o que se move é movido por esse espírito, como pode existir algo fora desse movimento ou que não seja querido por ele? Portanto, quando esse movimento nos envolve, ele nos toma consigo nesse movimento de concordância com todas as coisas, tais como elas são, exatamente como são. Por conseguinte, quando excluimos algo em nós ou em outros ou quando nos excluimos ou excluimos outros do amor, perdemos a conexão com esse movimento de amor do espírito. (Hellinger, 2008, p.40).

Hellinger passou por uma grande transformação pessoal e profissional. Coincidência ou não, após uma separação conjugal e um período de introspecção encontra um novo amor, e com isso uma nova força para reformular sua teoria.

As Constelações Familiares de certa maneira ainda se baseiam em certo tipo de separação e de individualidade, no “Movimento do Espírito” isso não acontece, pois nele exercita-se a benevolência.

No mesmo livro citado:-

[...] Justamente aí se mostra que o amor do espírito é um amor espiritual, que supera as nossas distinções entre o bom e o mau, entre o que tem permissão de ser e o que não tem. O espírito ama tudo o que é, da forma como é e necessariamente está a seu serviço, seja como for que isso nos afete. (Hellinger, 2008, p.42).

[...] Só esse amor nos iguala a todos. Tornamo-nos iguais a todos, e todos se tornam iguais a nós. (Hellinger, 2008, p.42).

Após esta breve exposição sobre Bert Hellinger, espera-se ter podido contribuir para uma visão panorâmica sobre seu pensamento. A intenção não era a de aprofundar-se em sua teoria, e sim apresentar um pouco do que inspirou o workshop “Relacionamentos que Curam” e expressar toda nossa gratidão e respeito por sua obra.

À Hellinger meus agradecimentos por me ensinar a honrar e reverenciar a força de minha ancestralidade!

CAPÍTULO 2 – CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM SISTÊMICA PARA O WORKSHOP RELACIONAMENTOS QUE CURAM

Seria redundante de nossa parte dedicar um capítulo a conceitos básicos da Abordagem Sistêmica, que podem ser encontrados em tantos livros importantes referendados na comunidade acadêmica. No entanto, é relevante partilhar-se o caminho da Sistêmica, que contribuiu para consolidar a base teórica que dá sustentação ao workshop “Relacionamentos que Curam”.

Acho que uma das mais felizes descobertas é a de se pensar a família como um todo, como um **sistema familiar vivo**, que se movimenta, onde cada um se coloca com uma função, onde os papéis e posicionamentos estão de certa maneira interconectados.

Treinar o olhar para perceber a participação complementar de todos os envolvidos, portanto, é sair do julgamento, onde a culpa dá lugar à responsabilidade. Neste sentido responsabilidade não é outra coisa senão responder com habilidade.

Cerveny (2001), nos brinda com sua visão de família:-

Pensando nas relações do grupo familiar, segundo a teoria de sistemas, podemos dizer que neste o comportamento de cada um dos membros é interdependente do comportamento dos outros. O grupo familiar pode, então, ser visto como um conjunto que funciona como uma totalidade e no qual as particularidades dos membros não bastam para explicar o comportamento de todos os outros membros. Assim, a análise de uma família não é a soma das análises de seus membros individuais. Os sistemas interpessoais como a família, podem ser encarados como circuitos de retroalimentação, dado que o comportamento de cada pessoa afeta e é afetado pelo comportamento de cada uma das outras pessoas. (Cerveny, 2001, p.25)

Neste sentido fica impossível mantermos nossa mente numa posição linear e buscarmos uma compreensão causal para os acontecimentos na família. Pensar sistemicamente é treinar nossas mentes, libertando-as da armadilha da posição causa e efeito, ação e reação.

Ao ouvirem -se histórias de família ouve-se pontos de vista diferentes sobre ela, não buscamos a verdadeira história, mas olhares, o que cada membro percebe dessa família e de si mesmo dentro dela.

Aprender a **contemplar a diferença** ao invés de julgar, abrir mão de concordar ou discordar é além de tudo uma questão ética.

Essa construção do Pensamento Sistêmico em muito contribui no Workshop Relacionamentos que Curam, para que se possa olhar a família como um sistema dinâmico, ainda que em seu início a narrativa da questão a ser trabalhada esteja saturada com o problema. Quando o sistema familiar de quem está sendo trabalhado no workshop é colocado, e conforme vai existindo a movimentação e diálogo dos representantes, fica claro o papel de cada um na família, bem como sua função. Se inicialmente a questão trabalhada era acompanhada sob o ponto de vista de uma dinâmica causal (agressor e vítima), agora, lentamente, percebe-se tendência a dar espaço para a responsabilidade de cada membro no modelo sistêmico.

Muitas vezes faz-se necessário a inclusão de pessoas de gerações passadas como, por exemplo, avós e bisavós.

Nas entrevistas prévias ao Workshop tenho em mãos um esboço do **Genograma da família** sendo esta utilização melhor explicitada no capítulo 4.

Em nossa experiência, muitas vezes observa-se a ligação da questão trabalhada e vivenciada pelo protagonista como um padrão observável e repetitivo de seus antepassados.

Quando isso fica claro num sistema familiar pode ser também muito libertador para quem coloca sua questão. Geralmente, as pessoas têm a impressão que seus problemas e dificuldades começaram a partir de si próprias, mas quando percebem que talvez isso tenha vindo como uma herança e que esse padrão pode ser transformado, elas vivenciam um grande alívio.

2.1 Transgeracionalidade

O estudo da transgeracionalidade é valioso para a compreensão do aspecto vivencial do workshop “Relacionamentos que Curam”, uma vez que oferece um suporte teórico, a meu ver, suficiente para que o classificado em nossa cultura como “místico” ou “esotérico” seja diferenciado de padrões herdados de gerações para gerações, crenças e valores transmitidos.

Destaco esse ponto, pois na Constelação Familiar aplicada enquanto técnica “pura”, dependendo da formação e crença do constelador pode parecer, por exemplo, que o neto “vai ao encontro do avô morto”, mas este nunca o conheceu

como isto seria possível? Essa questão sempre me acompanhou, ouvi muitas explicações místicas a respeito, até que um dia, compreendendo o estudo da transgeracionalidade tudo teve mais sentido para mim, enquanto suporte teórico.

Citar novamente Cervený (2001), não é mera casualidade, pois seus estudos em muito têm contribuído para um melhor entendimento sobre a questão transgeracional:-

Exemplo disso é a família trigeracional que é a que tem se prestado mais, na prática, para a observação da transmissão e repetição de padrões interacionais. Na maioria das vezes, não há convivência no mesmo espaço, mas as relações continuam sendo significativas. Já constatamos esse tipo de relação significativa com parentes que estão mortos, o que pode significar inclusive a relação perpetuada por meio dos mitos (Cervený, 2001, p.25)

Ao longo de nossa pesquisa deparamo-nos com a obra de Wagner (2005) que complementa:-

Na realidade, observa-se um movimento cíclico, no qual modelos e padrões são descartados em determinados períodos e resgatados em outros, às vezes com a mesma essência, porém com novos matizes. Parece que a cada nova geração surge a necessidade de contestar os valores e crenças da geração precedente. Entretanto, posteriormente, esses valores voltam a ser utilizados nas gerações seguintes. (Wagner, 2005, p. 63)

2.2 Visão Sistêmica do Luto

Neste ponto de nosso estudo o convite agora seria para a visão sistêmica do luto. Este foi o caminho mais difícil e mais significativo nesse percurso. Em primeiro lugar porque falar de luto é uma questão muito delicada em nossa cultura. A morte não é algo muito agradável de pensar, diante da perda muitas vezes optamos pelo esquecimento, pelo não tocar no assunto. Aquele que se foi, na maioria das vezes, não é lembrado. Excluí-lo parece a melhor saída, acredita-se que não se tocar no assunto, ou ainda não relembra-lo por meio de fotos ou outros recursos, significa não sofreremos.

Em segundo lugar, julgo como ponto central aquilo que se observa no olhar da Constelação Familiar como os “emaranhados” da família, como tais gerações e gerações que não choraram seus mortos, não elaboraram sua perda, não cultuam sua dor, passando-a como herança para outras gerações.

Inúmeras questões podem ser elucidadas por meio de um Genograma, ou até mesmo o recuperar da história da família, via Constelação Familiar. Em nossa prática clínica temos encontrado vários exemplos de pessoas que sofrem por problemas relacionados a lutos que não foram elaborados, quer seja na família atual, na família de origem, ou em gerações passadas.

A **visão sistêmica** para a compreensão **da perda e do luto**, sem dúvida, é um forte pilar teórico não só para o workshop “Relacionamentos que Curam”, mas para a prática clínica.

Observar a função e o papel dos mortos em uma família, e como esse sistema familiar reagiu à perda é fundamental em nosso trabalho.

Nesse caminhar um encontro feliz foi com o trabalho de Froma Walsh (2005):

Adaptação não significa resolução, no sentido de recuperação completa, definitiva. A resiliência diante da perda também não significa simplesmente deixá-la para trás, extirpando-a da experiência emocional e seguir em frente. O luto e a adaptação não têm um tempo determinado e perdas importantes e traumáticas podem jamais ser totalmente resolvidas. Enfrentar a perda implica em encontrar maneiras de extrair significado da experiência de perda, colocá-la em perspectiva e seguir a vida. Os significados múltiplos de qualquer morte são transformados durante todo o ciclo de vida, como são integrados à identidade individual e familiar e às experiências subseqüentes da vida, incluindo outras perdas. (Walsh, 2005, p.171).

Segundo Froma Walsh, **resiliência** é a capacidade de suportar e emergir da crise com mais recursos. É mais do que sobreviver a uma situação difícil, é aceitar e conviver com as incertezas e inseguranças da vida.

Ainda que nem todos os problemas da vida tenham solução, faz parte das características de uma pessoa apresentar maior ou menor resiliência frente aos eventos de sua vida, ou seja, aceitar ou não o que não pode ser mudado e aprender a se focar naquilo que é passível de mudança.

Em seus workshops Walsh menciona: *“Dominar a arte do possível é fazer tudo o que você puder com o que você tem, no tempo que você tiver e no lugar onde você está”*.

Outra contribuição da Abordagem Sistêmica é a questão do **contexto**.

Lembro de um cliente que veio para entrevista no workshop, sua questão era a baixa auto-estima e a dificuldade em relacionar-se com pessoas que, para ele, representassem autoridade. Esse cliente tinha por volta de 50 anos, quando

investigamos essa dificuldade começou a lembrar-se de uma cena, ocorrida quando tinha por volta de 14 anos. Nesta cena ele pede dinheiro ao pai, este responde de maneira brusca, e irritado joga-lhe o dinheiro em cima, gritando com ele. Relata que desde então não se sente seguro em colocar sua opinião num grupo e vive com a sensação de insegurança.

Na segunda entrevista lembra-se de outra cena, na qual o pai soube de uma briga que ele teve com o filho do diretor da escola onde estudava. Ao chegar em casa, ele não só apanhou do pai, como também foi levado à força para a casa do diretor da escola para pedir desculpas ao colega, ainda que os motivos da briga não justificassem esta atitude tão extremada. Lembra-se de ter sido humilhado na escola pelo filho do diretor, motivo que fez com que batesse nele.

Começamos a pesquisar sobre a história da família e sobre o que estava vivendo na época. **No aspecto político-cultural** viviam os dias da ditadura militar, instituída com o golpe militar de 1964. Por volta de seus 12 anos de idade ocorre a *morte do avô*, pai do seu pai. A família sente muito por esse **processo de luto**, uma vez que *esse avô era quem reunia a família e promovia as festas*, mas também porque ocorriam *brigas entre os irmãos por conta de herança*. Não se sabia por que a avó privilegiava alguns filhos na divisão dos bens, e prejudicava outros, como o pai deste cliente.

O pai do cliente teve um desentendimento com seu irmão por conta de dívidas que não foram pagas por ele. *Houve um rompimento na família*, o que de certa maneira também acarretou em um *conflito conjugal* para os pais do cliente, que tiveram que vir morar com a viúva, a avó do cliente.

A família sofreu sérias *dificuldades financeiras*, sendo que o pai deste cliente estava com a mensalidade da escola atrasada.

Quando todas essas informações foram resgatadas e contextualizadas, outro sentido e significado foram sendo dados à história inicial deste cliente.

O olhar do cliente para seu pai foi se transformando e uma nova compreensão foi surgindo. O **contexto** ajuda o cliente a perceber que não se trata de uma questão pessoal entre o pai e ele, e sim toda uma fase na vida da família, que exigiu do pai muito sacrifício. Todos estavam vivendo sob muita pressão.

O mais incrível é que essa elaboração foi feita pelo **próprio cliente!** Toda essa mudança já ocorreu antes do próprio workshop simplesmente nas entrevistas.

Neste caso específico seguimos com o trabalho, pois apesar dessa valiosa descoberta, o cliente oscilava entre o alívio dessa nova maneira de encarar sua história e a culpa de fazer um julgamento errado de seu pai. Fomos para o workshop e ele fez boas descobertas.

Outro aspecto que inclui no workshop é a **diferenciação entre Religiosidade e Espiritualidade**.

Religiosidade, para esta Psicoterapeuta Familiar, está relacionada com a prática religiosa das pessoas como por ex. a escolha pela doutrina espírita, católica, evangélica, budista, entre outras. E espiritualidade em nosso conceito está relacionada a algo maior, que não envolve uma prática sistemática a um culto específico, mas a um Princípio de Unicidade que nada separa e a tudo inclui. Não distingue raça, cultura, ou posição social.

Fritjof Capra nos inspira (1982) quando em seu livro escreve:

A ecologia profunda é apoiada pela ciência moderna e, em especial, pela nova abordagem sistêmica, mas tem suas raízes numa percepção da realidade que transcende a estrutura científica e atinge a consciência intuitiva da unicidade de toda a vida, a interdependência de suas múltiplas manifestações e seus ciclos de mudança e transformação. Quando o conceito de espírito humano é entendido nesse sentido, como o modo de consciência pelo qual o indivíduo se sente vinculado ao cosmo como um todo, torna-se claro que a consciência ecológica é verdadeiramente espiritual. (Fritjof Capra, 2007, p.403)

Nesse sentido Espiritualidade é uma consciência relacionada a não dualidade, a participação da parte no Todo. Seja qual for a crença religiosa do participante ou protagonista, a ligação com a fé é um recurso extremamente valioso. É por meio dela que temos esperanças na vida!

CAPÍTULO 3 – CONTRIBUIÇÕES DA TERAPIA NARRATIVA DE MICHAEL WHITE PARA O WORKSHOP RELACIONAMENTOS QUE CURAM

Entre os Babemba, tribo da África do Sul, quando uma pessoa age de forma irresponsável ou injusta, é colocada no centro da vila, sozinha e solta. Todo trabalho cessa, e todo homem, mulher e criança da vila se juntam num grande círculo ao redor da pessoa acusada. A seguir, cada pessoa da tribo fala com a acusada, uma de cada vez, lembrando as boas coisas que a pessoa no centro do círculo tenha feito na vida. Todo o incidente, toda experiência que possa ser lembrada com algum detalhe e precisão é relatada. Todos os seus atributos positivos, boas ações, força de vontade e generosidades são declaradas cuidadosamente e em detalhes. Muitas vezes, essa cerimônia tribal dura vários dias. Ao final, o círculo tribal é quebrado e dá lugar a uma celebração de júbilo, e a pessoa, simbolicamente e literalmente, é recebida, com boas-vindas, de volta à tribo. (Kornfield, 2002, p.31)

Começar a escrever sobre Narrativa a partir desta citação não é por acaso. A meu ver mais é mais do que apropriado, porque nos faz lembrar a importância de não esquecermos quem realmente somos.

Lembrar de nossos pontos positivos, daquilo que as pessoas apreciam em nós, do que temos de melhor para oferecer ao Universo, de nossas boas ações no mundo, lembrar a nós mesmos da força de vontade e de ações, onde a generosidade pode se expressar com mais timidez não é tão comum. Em nossa sociedade, em nossa cultura e muitas vezes em nosso modelo terapêutico tais momentos são pouco lembrados e valorizados.

Quantas vezes ficamos diante de pessoas que sofrem, e se auto-denominam com um diagnóstico, quase como um: “Muito prazer, eu sou um depressivo”, ou ainda, “borderline”, portador da “síndrome de pânico” ou qualquer outra doença que estiver em voga.

Essas pessoas não apenas se apresentam como uma doença, elas se sentem uma doença e é só isso que enxergam muitas vezes em si mesmas.

Engano seria restringirmos essa questão à doenças, muitos diriam também se pode denominá-las de culpa, vergonha, raiva, nojo, fracasso, medo!

Não se está negando a existência da doença, ou desses sentimentos, o que se está alertando é sobre o culto daquilo que esteja em detrimento frente ao que esteja sadio no indivíduo. Alerta-se sobre o culto do negativo em detrimento do positivo, o culto aos defeitos em detrimento às virtudes. Cultua-se muita mais a falta do que aquilo que se tem.

Ao perguntar-se às pessoas sobre seus defeitos e suas qualidades, quais elas terão maior facilidade de listar e reconhecer?

É isso que me atrai na Terapia Narrativa de Michael White, é um caminho que nos ajuda a lembrar que nossa história pode ser mais rica do que a que contamos. Na realidade, entendo que não seja o único caminho, mas foi minha escolha, tanto pessoal quanto profissional para fundamentar o workshop “Relacionamentos que Curam”.

Na primeira parte do Workshop “alimentamos o racional” com a fundamentação teórica que sustenta o trabalho, acreditamos que esta também é uma maneira respeitosa para com nosso cliente e em muito contribuiu para que protagonistas e participantes possam sentir-se mais acolhidos e confiantes durante toda a vivência. Contribuímos também para divulgação dessas teorias que muitas vezes não tem a oportunidade de divulgação fora da vida acadêmica.

Sempre que chegamos à prática Narrativa o entusiasmo do grupo é notório, porém não é nosso objetivo aprofundarmos em toda a teoria, mas sim em qual caminho percorrido na Narrativa está dando suporte teórico a nossa prática. No entanto devo avisar ao leitor que toda a postura terapêutica, e todos os esforços referindo-se ao aprofundamento metodológico (supervisão clínica, grupos de estudos, cursos, workshops, entre outros) bem como processo psicoterapêutico da enveredaram para essa prática. O mais correto seria dizer que podemos apontar alguns aspectos da Narrativa, uma vez que ela já faz parte de nossa prática clínica estamos muito mais absorvidos do que imaginamos.

Segundo Michael White, as pessoas vivem suas vidas de acordo com as histórias que constroem sobre a experiência vivida.

Uma das considerações-chave que o trabalho deles introduziu foi considerar como as histórias moldam a identidade das pessoas. Isso nos leva a uma exploração sobre de que se constitui uma linha de história.

Uma linha de história é composta de:-

- i) eventos;
- ii) numa seqüência;
- iii) através do tempo;
- iv) organizadas de acordo com um enredo ou tema.(Russell; Carey, 2007, p.28)

Se histórias são eventos numa sequência de tempo, organizadas de acordo com um enredo ou tema, qual é a história que o protagonista, quem vai colocar a questão no workshop, tem a respeito de si mesmo?

Na fase das entrevistas iniciais essa questão é fundamental, quando a pessoa chega para colocar uma questão, é comum ela se apresentar a partir do problema, como se essa fosse a sua identidade.

A história que o protagonista conta tem um enredo, um tema central e conforme a nossa conversa vai evoluindo percebemos que esse tema geralmente se repete outras vezes na vida dessa pessoa. Como se esse enredo da história que ele tem sobre si mesmo se repetisse ao longo de sua existência.

A identificação do enredo da história e como o protagonista foi ligando os eventos na passagem do tempo e na sequência é extremamente útil para se ter uma visão do problema que aquela pessoa quer trabalhar.

Outro aspecto fundamental para o workshop ainda na fase da entrevista inicial do Workshop Relacionamentos que Curam para o protagonista é a Externalização.

Michael White sempre nos lembra que “A pessoa não é o problema, o problema é o problema”.

Externalização é uma prática de conversação cujo objetivo é oferecer ao cliente a possibilidade de colocar o problema fora dele e ver-se diferenciado do mesmo, e a partir de uma visão apreciativa oferecer um espaço reflexivo para enxergar a diferença de ver-se em outro lugar, e desse lugar perguntar-se o que isso significa para si mesmo e o que quer fazer com sua descoberta.

As pessoas se voltavam para nós, psicoterapeutas, para pedirem ajuda. Muitas vezes chegavam a um ponto onde acreditavam que havia alguma coisa errada com elas, que elas, ou algo sobre elas, era problemático. O problema se tornou “internalizado”. Estamos certos de que você está consciente, que é muito comum o problema ser compreendido pelas pessoas como “interno”, como se representasse alguma coisa sobre a natureza ou o self interior da pessoa interessada.

As práticas externalizadoras são uma alternativa para as práticas internalizadoras. Externalização localiza problemas não dentro dos indivíduos, mas como produtos da cultura e da história. Problemas são compreendidos como tendo sido socialmente construídos e criados no tempo. (Russell, Carey, 2007 p.11)

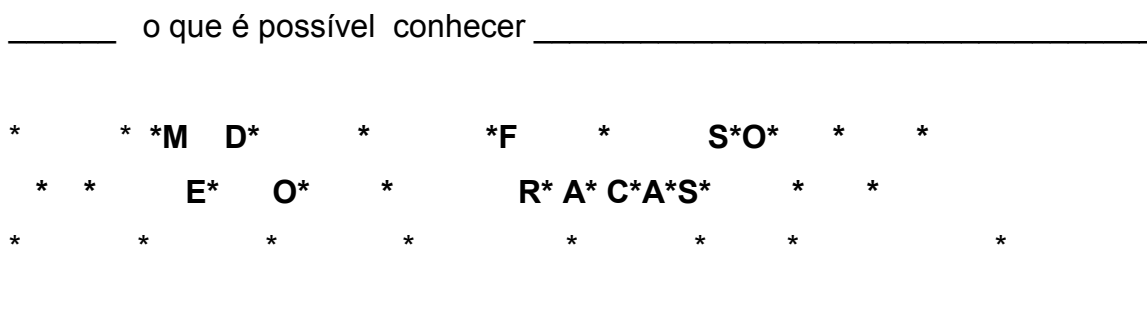
No Workshop Relacionamentos que Curam a prática da Externalização do problema vem acompanhada com todos os pressupostos teóricos expostos da

Sistêmica, uma vez que este é um trabalho focal diferente de um processo psicoterapêutico. Então muitas vezes o protagonista consegue nomear o problema apenas na última entrevista prévia ao Workshop. A Externalização está inserida num espaço de conversação levando em consideração algumas etapas a serem completadas nas entrevistas iniciais, que podem ser até três entrevistas prévias.

Observamos que nomear o problema e se diferenciar dele já é um “ensaio transformador” dentro do workshop. É comum ouvir dos protagonistas nesta fase de entrevistas prévias que o trabalho já aconteceu antes mesmo da vivência em grupo!

Vale um alerta, se não ultrapassarmos essa a Externalização é um grande indicador que não podemos ir para o Workshop. Refazer as etapas prévias! Esse é um “sinal” também para estarmos afinados com o trabalho em grupo.

Apreciamos um esquema que serve de ilustração no Workshop inspirado no livro de Alice Morgan e adaptado para nosso trabalho “Relacionamentos que Curam”.



Acima e abaixo a linha de nossa consciência que delimita o que é possível conhecer, nunca teremos acesso a todas as experiências vividas. As “estrelinhas”, a série de eventos e acontecimentos selecionados, as letras correspondentes indicam a sequência no tempo e formam o nome do problema que o protagonista vai trabalhar no workshop.

Geralmente no Workshop Relacionamentos que Curam ao trabalharmos com o protagonista iniciamos a representação com um representante para ele mesmo e outro para o problema, e o protagonista assiste e cena e se vê em relação com o problema, fora dele. Esse momento é muito transformador!

O que antes era a sua identidade pode agora ser colocado como algo com que ele se relaciona, fora da sua identidade. Ex.: O medo, o fracasso; isso é muito diferente do que a pessoa se apresentar a você como: - “Sou um fracassado”.

Outra prática Narrativa que nos dá suporte são as que envolvem as Testemunhas Externas.

Em seu livro Shona Russell e Maggie Carey citam Hugh Fox:

A prática narrativa é fundamentada na idéia de que os relatos que fazemos sobre nós não são privados e individuais, mas são uma realização social. Provavelmente, todos nós sabemos que é difícil manter uma idéia de identidade no isolamento – olhamos para alguém que possa refletir de volta para nós o que queremos reivindicar para nós mesmos. Uma parte importante de nossas idéias sobre nossa identidade serão os valores pelos quais desejamos pautar nossas vidas. Ao mantermos nossa conexão com nossos valores, provavelmente todos nós já passamos pela experiência de ter o poder de compartilhar tais valores com pessoas com os mesmos conceitos. As testemunhas externas ajudam a encontrar esses dois propósitos - validar nossas reivindicações sobre nossa identidade e compartilhar relatos sobre o que é importante para nós na vida. Dessa forma, as pessoas com as quais trabalhamos também passam por experiências sobre si mesmas e sobre suas idéias de identidade como parte de uma comunidade de validação. (Russell, Carey, 2007 p.68)

Elas são uma inspiração para o trabalho com os participantes e aqueles que atuam como representantes no grupo.

Após o Workshop já na fase da entrevista final, numa entrevista individual um dos nossos objetivos é saber quais as histórias que mais foram significativas para aquele participante ou pessoa que pode atuar como representante, e qual a ressonância com sua própria história.

Trabalhamos seu significado e a partir desta elaboração convidamos a pessoa a escrever um documento em forma de carta de agradecimento aquele protagonista que pode oferecer ao entrevistado a oportunidade de ser trabalhado através de sua história. Essa carta é redigida na presença da Psicoterapeuta e é construída baseando-se no aprendizado que aquela história possibilitou. A Psicoterapeuta fica responsável pela entrega da carta.

Não poderíamos deixar de fora a Re-Autoria, aliás, ela permeia todo o desenvolvimento do Workshop.

As Conversas de Re-Autoria fazem parte de um processo de co-construção com o cliente.

Diz Shona:-

Há muitas formas de começar as conversas de re-autoria, mas um princípio-chave exige que o psicoterapeuta tome uma postura de indagação e procure perceber qualquer evento que contradiga a história dominante. Se olharmos cuidadosamente, esses eventos sempre estão visíveis – mesmo que sejam pequenos. Há sempre pelo menos um lampejo de ação ou uma intenção que é uma variante da história problemática dominante. Nós chamamos isso de momentos extraordinários, porque são únicos e fora do território da história-problema (algumas vezes eles também são citados como “momentos brilhantes”). Vemos que é esse nosso papel como psicoterapeutas ficarmos procurando com cuidado por esses eventos. (Russell, Carey, 2007 p.68)

A Re-Autoria está como “pano de fundo” no Workshop Relacionamentos que Curam. Todo o desenvolvimento desde as entrevistas prévias, o próprio workshop e a entrevista final objetivam a re-autoria, a todo o momento buscamos respostas do cenário quer seja da identidade ou da ação, dos protagonistas, participantes e representantes. Buscamos acontecimentos extraordinários, re-associamos à história do cliente pessoas importantes que estavam desconectadas de sua lembrança, trabalhamos com a Externalização do problema, e nosso objetivo final não é outro se não a construção de uma história alternativa mais rica.

É em todo o processo que essa elaboração acontece.

Passemos agora para o próprio Workshop Relacionamentos que Curam onde o leitor poderá acompanhar como é o desenvolvimento do trabalho e o uso das técnicas e teorias descritas anteriormente.

CAPÍTULO 4 - WORKSHOP RELACIONAMENTOS QUE CURAM

*“A felicidade só existe se for compartilhada”
Christopher McCandless*

O primeiro contato com alguém interessado no workshop Relacionamentos que Curam geralmente é feito por telefone, no qual sugere-se uma entrevista prévia.

Segundo Neto (2002):

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despretensiosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos dados relatados pelos atores,... (Neto, 2002, p.57)

Nesta entrevista inicial tem-se como objetivo principal receber o cliente interessado, esclarecer suas dúvidas sobre como o trabalho irá ocorrer, bem como saber de suas expectativas antes de tudo. Algumas vezes, cabem até mesmo, esclarecimentos teóricos e diferenciações deste trabalho de Constelação Familiar.

Uma vez afinadas as sintonias entre aquilo que ele espera e o que se pode oferecer, inicia-se a fase das entrevistas prévias que têm como objetivo esclarecer e definir questões como:

1. Qual a questão a ser trabalhada?
2. Qual o histórico da família atual (fatos principais).
3. Qual o histórico da família de origem (relato resumido dos acontecimentos marcantes).
4. Genograma

Na maioria das vezes, para suprir a necessidade destes objetivos são necessárias mais do que uma entrevista. Em nossa experiência, geralmente, são necessárias duas ou três entrevistas antes do workshop. É importante que o psicoterapeuta não tenha pressa na obtenção de dados, esta fase preparatória é de extrema importância, não se devendo encará-la apenas como um levantamento de dados. Certamente, tais momentos se constituem em mais uma oportunidade para

construção possível de vínculo. Trata-se de uma técnica de intervenção, que é muito diferente de um processo terapêutico, e que nem por isso merece menos cuidado, **ao contrário**, justamente essa é a razão desse **cuidado redobrado**.

Objetivos Gerais:

- Investigar o motivo que trouxe a pessoa até o workshop,
- Qual seria a questão a ser trabalhada.

Vale à pena refletir um pouco mais sobre esse ponto. Afinal, **o que seria uma questão para ser trabalhada num workshop de um dia?**

Tanto o psicoterapeuta quanto o cliente devem ter suas expectativas delimitadas sobre aquilo que é **o possível de ser trabalhado numa técnica de intervenção**, ou seja, num trabalho de um dia.

O que ambos devem ter em mente é que não se estará em busca de uma solução para a vida do cliente, e sim em uma possibilidade de caminho a ser percorrido, onde o cliente é o autor de sua própria história. Neste contexto é provável que ele saia do workshop com “mais trabalho” para fazer.

Outro ponto importante diz respeito a que tipo de questões podem ser trabalhadas, ou seja, quais questões se transformarão no foco desse trabalho. Não são raras às vezes em que as pessoas chegam com questões muito abertas ou genéricas, não deixando claramente o que gostariam realmente de trabalhar, ainda que descrevam muito bem as sensações de desconforto e angústia.

As entrevistas prévias são importantes neste momento, pois elas ajudam clarear a questão a ser trabalhada, ou seja, ajudam a estabelecer o foco do workshop, para isso é necessário não apressar o processo.

Em nossa experiência, já se teve um caso em que durante esse processo de entrevista houve a desistência do trabalho. Percebeu-se que ao clarear o foco, a cliente deu-se conta de que não gostaria de trabalhar a questão envolvida, e desistiu em comum acordo. Nesse caso específico, a pessoa queria trabalhar com o foco na doença que há anos a atormentava: a síndrome do pânico. Na época ela havia deixado de tomar medicação psiquiátrica e não estava em processo psicoterapêutico, durante nossas entrevistas esta pessoa havia relatado sua história dentro do contexto de conversação. Estávamos em nossa terceira entrevista, e

como num *insight* ela fez a ligação do exato momento em que o pânico se instalou em sua vida: “a morte do pai de uma maneira trágica”. Ao relacionar esse fato tão difícil decidiu que não queria tocar no luto, foi uma decisão da cliente, ir até ali. Então, ela decidiu voltar ao psiquiatra e dar seqüência a seu tratamento. Nunca mais tive notícias dela, meses depois ela me encaminhou o marido para terapia, mas ele também não deu seqüência ao trabalho.

Outro exemplo de questão muito aberta poderá ser o de alguém que queira resolver o relacionamento conflituoso com um de seus progenitores. Esta é uma questão para ser trabalhado ao longo do processo de vida, o que se dirá, então, por um processo terapêutico. Porém, com uma questão como esta, é possível trabalhar para se ter uma idéia de “por onde começar”, ou seja, a partir de qual momento dar um início em direção a algum movimento diferente daquele que já existe nesta relação. É possível que após o trabalho, o cliente perceba sua posição na família, ou nesta relação conflituosa. Pode ser ainda que perceba o significado que esta relação tem para ele, o que ele deposita nesta relação, ou ainda padrões de repetição e conflito intergeracional que o influenciam. **Em outras palavras não se busca a solução do problema, e sim se busca um caminho a ser percorrido.**

No momento, chama-se a atenção tanto para questões muito abertas quanto para situações envolvendo pessoas que se utilizam de medicamentos, e sobre se estão em processo psicoterapêutico.

Esclarecendo-se melhor sobre **questões muito abertas**, espera-se que ao longo das entrevistas elas possam ser capazes de ir clareando e focando o que deve ser trabalhado no workshop. Isso se torna possível à medida que a história da família é lembrada, ou que os padrões de repetição são relacionados com situações vivenciadas atualmente na vida do cliente. Assim, a pessoa vai percebendo como o problema influencia sua vida, e torna-se capaz de visualizá-lo fora dele, não fazendo parte de sua identidade. É muito comum deparar-se com pessoas que se definem a partir de seus problemas.

Outras situações que vivenciei como psicoterapeuta dizem respeito ao fato de se receber pessoas interessadas em colocar sua questão, porém no decorrer das entrevistas, configura-se nelas o desejo e a expectativa de mudança despertada por outras pessoas envolvidas na questão, e não em si mesmas. Por exemplo, querem trabalhar uma angústia e ao mesmo tempo o que vem a tona é o desejo de

que a mãe possa se conscientizar e mudar seu comportamento. Neste caso, o trabalho transforma-se em o que é possível para este cliente ter como sua responsabilidade de mudança. O importante será ajudar a pessoa a encontrar uma questão cujo foco dependa de uma mudança de atitude de si mesma e não de outra pessoa.

Considera-se um privilégio poder compartilhar de tantas histórias e desse momento tão especial e íntimo como é a entrevista. Neste sentido, um contexto acolhedor e respeitoso é de fundamental importância.

Chama-se, agora, a atenção para outro aspecto de extrema importância, que é o fato do psicoterapeuta estar atento para o caso da utilização de alguma medicação por parte do cliente. Torna-se relevante uma pesquisa sobre em que condições esse medicamento é utilizado ou se foi interrompido, há quanto tempo, cabendo até mesmo o contato, se autorizado, com o profissional envolvido.

Nos casos em que o cliente ter sido **encaminhado por um psicoterapeuta ou se estiver em processo psicoterapêutico** tem-se a **questão ética a ser cuidada**.

Faz-se necessário o esclarecimento e a diferenciação entre o contexto do workshop e o terapêutico. Desde a entrevista inicial precisamos deixar claro que um trabalho como esse, de maneira alguma, pode substituir um processo psicoterapêutico, mas é um recurso bastante útil para auxiliá-lo.

O workshop fornece subsídios para que o cliente, após sua experiência, possa dar seqüência a seu processo psicoterapêutico. Geralmente, quando autorizado pelo cliente, o psicoterapeuta da pessoa que coloca a questão é convidado a participar do workshop na mesma hora do trabalho de seu cliente. Para tal é marcada a hora, antecipadamente, para que este profissional compareça ao workshop, assista ao trabalho de seu cliente sem interferir, e logo após retire-se. No início do workshop o grupo é avisado da participação especial do acompanhante daquela pessoa.

Colocamo-nos depois do trabalho à disposição desta psicoterapeuta para maiores esclarecimentos sobre o processo, ou até mesmo sobre a técnica.

Faz-se necessária uma atitude respeitosa perante o trabalho terapêutico que o cliente já vem vivenciando antes do workshop. Todo o cuidado é importante para que não se crie divergências em função de abordagens diferentes de trabalho. Em

virtude disso, sempre que possível, colocamo-nos à disposição do psicoterapeuta que acompanha o cliente para esclarecimentos antes e depois do workshop.

O cuidado após o workshop é redobrado com a ética porque logo após um trabalho em grupo tão mobilizador, a finalização do trabalho, invariavelmente, deverá estar direcionada para que o cliente retome seu processo terapêutico, e siga trabalhando em sua terapia as questões levantadas no workshop.

Objetivos das entrevistas prévias

Num espaço acolhedor iniciam-se as conversações referentes às entrevistas. É importante ter-se em mente que um diálogo implica seqüencialidade, e que o fato de se descrever abaixo algumas de suas fases não significa que se aplique um questionário. Se assim o fosse não haveria necessidade de uma entrevista, o cliente responderia às questões da entrevista por e-mail ou correio. O que se quer, na verdade, é chamar a atenção para a importância de se sustentar um espaço de acolhimento, ainda que se tenham alguns pontos a ser abordados, a direção sempre é dada pelo cliente.

Pouca importância se dá para a ordem de se iniciar a conversação, a “porta de entrada” pode ser a questão a ser trabalhada ou a história da família. Geralmente, compartilha-se com o cliente o que é preciso saber, e pede-se a ele que escolha o melhor caminho, naquele momento, para iniciar.

Nesta etapa, a habilidade do psicoterapeuta em perguntar, e a sutileza da escuta terapêutica fazem a diferença para que se diferencie uma conversação rica de significados e transformadora, de fragmentos de informações jogadas sem sentido.

Primeira fase: procurar a questão /o foco

O que gostaria de trabalhar? Na maioria das vezes, as pessoas não têm algo muito definido, e sim uma história bem ampla, o trabalho do psicoterapeuta, no caso, é o de ir investigando-o por meio das perguntas, tais como:

- Há quanto tempo o problema influencia sua vida?
- Como influencia seus relacionamentos?

- Como afeta a imagem que tem de si mesmo?
- Este problema interfere em suas expectativas de futuro?
- Ele restringe suas ações?
- Você associa o problema com alguma imagem? Ele lhe sugere alguma forma?
- Se você pudesse dar um nome para o problema qual seria? (Com esta pergunta pretende-se localizar em sua fala uma palavra, que simbolize tudo o que ele já falou, e será com ela que o psicoterapeuta irá se expressar)

Enquanto o foco não estiver claro, não se poderá colocar a questão no workshop.

Certa ocasião houve uma experiência na qual após três entrevistas com atraso da cliente, não havia mais tempo para se adiar o início do workshop, e mesmo que houvesse não seria marcada, pois parecia claramente que a cliente não estava “pronta” para colocar sua questão apesar de dizer que queria muito. Agendavam-se as entrevistas sempre de acordo com sua disponibilidade, e ainda assim seus atrasos acarretavam num menor período de tempo para aprofundar-se em qualquer tema. Depois de muito relutar, ela aceitou vir ao workshop “apenas” como participante, ao final me agradeceu muito na entrevista após o workshop, e compartilhou o quanto ficou mobilizada com as histórias que ouviu, e já sentia que não precisaria colocar nada, foi demais para ela.

Existem casos onde a questão a ser trabalhada já está muito clara, outros casos somente após uma série de entrevistas é que se vai construindo a questão. Isso ocorre, geralmente, após a pessoa se ver frente ao resgate da história da família.

Segunda fase: história da família atual

Terceira fase: história da família de origem

Quarta fase: genograma

Nestas fases o objetivo é pesquisar os principais fatos ocorridos na história da família atual e de origem, que possam de alguma maneira ter “marcado” ou “mudado a história da família”. Tome-se como exemplo, questões ligadas à morte, como a família elaborou esse luto, casos de imigração, abortos, adoções, segredos de família, rompimentos de vínculos e outros.

Geralmente trabalha-se com o que a pessoa sabe sobre a história de sua família, mas é muito comum os clientes sentirem-se entusiasmados a pesquisarem com parentes outras informações.

Particularmente, tenho uma preferência em obter dados das três últimas gerações passadas (pais, avós e bisavós) por uma questão muito simples, são relacionamentos nos quais as pessoas envolvidas podem estar vivas. Se houver necessidade de alguma mudança de atitude, o cliente poderá atuar diretamente nessa relação. Contudo, não se exclui as gerações anteriores, se o cliente souber a história delas, e se for importante para o sistema familiar, sem dúvida vale a pena este dado. O que se tem observado em nossa experiência é que ter a história “viva” dos antepassados não é comum em nossa cultura.

O genograma é um instrumento extremamente útil para a organização da história familiar. Evidentemente temos uma questão limitada devido ao tempo que dispomos, contudo dentro do possível utilizamos este recurso de uma maneira mais sintetizada, não tão elaborada como num contexto psicoterapêutico, mas de maneira adaptada para uma breve entrevista.

Finalização da fase inicial pré-workshop

Espera-se que tanto o cliente quanto o psicoterapeuta estejam satisfeitos com o que foi possível construir até este momento.

O que é essa sensação de satisfação, ou este “sinal” que nos autoriza dizer que estamos prontos e afinados para o workshop?

Entende-se que se puder partilhar um pouco desta sensação pessoal de satisfação, pode-se compará-la com o que se imagina ser duas pessoas que nunca se viram segurar na mão dois instrumentos diferentes, e ao se olharem não só se sentem estranhas entre si, mas estranhas com seus instrumentos. Nesses encontros de entrevistas vai-se tentando encontrar um acorde, um tom, como se fosse tentando afinar esses instrumentos e ao final dessas entrevistas, de repente o som que sai deles é agradável, esse é o sinal! Afinou-se finalmente! Achou-se o “tom” possível! O som é agradável! A melodia não está composta, mas o som está afinado!

Ao final das entrevistas já se tem como pano de fundo a história da família de origem, um panorama da história da família atual, uma noção de alguns possíveis padrões de repetição, algumas crenças e valores dessa família. A partir daí pode-se vislumbrar alguns acontecimentos fortes que moldaram comportamentos das pessoas, ora aproximando-as, ora distanciando-as, uma visão da questão a ser trabalhada e como esse problema tem influenciado a vida dessa pessoa. Agora, ela já pode dar um nome a esse problema e pode enxergá-lo fora de si mesma. Cliente e psicoterapeuta estão prontos para o workshop!

Algumas considerações sobre a técnica do workshop

O Workshop “Relacionamentos que Curam” é um trabalho focal em grupo, com a duração de um dia.

Os interessados em participar são encaminhados por outros psicoterapeutas, alguns se inscrevem espontaneamente, outros ainda são informados sobre este trabalho na própria clínica, sendo a grande maioria indicados por pessoas que já participaram.

Neste workshop, os que optam por colocar questões pessoais são nomeados “protagonistas”, enquanto aqueles que apenas participam são chamados de “participantes”.

Segundo Ferreira (1986, p.1405) protagonista significa “*o primeiro ator do drama grego, a personagem teatral de um filme de romance, pessoa que desempenha ou ocupa o primeiro lugar num acontecimento*”.

Os que desejam colocar um problema, os “protagonistas”, passam por entrevista(s) prévia(s) e após o workshop nova entrevista.

Conforme mencionei anteriormente, existem casos em que são necessárias mais que uma entrevista prévia, pois se objetiva conhecer dados sobre a influência do problema na vida da pessoa, dados sobre a história da família de origem e da família atual, enfim quais as repetições que se detectam em sua trajetória de vida.

Neste workshop, o protagonista atua como inspiração para que todo o grupo seja trabalhado.

Existe ainda a possibilidade de o participante ser chamado pelo protagonista para atuar como representante de um personagem de sua história, sendo que o mesmo pode aceitá-la ou não.

Em nossa concepção não existe um mero expectador, um participante passivo às histórias, vamos incluir o que pode ser chamado no workshop de **observador ativo**.

Despertar seu “**observador ativo**” é estar atento a si mesmo diante do significado que se vai dando às histórias contadas. Quais são seus sentimentos, pensamentos, sensações, imagens e inspirações que surgem a partir daí? É também estar atento, por exemplo, aos papéis que se é convidado a representar e a consciência de si mesmo nessa representação.

Faz-se oportuno, no momento, apreciar a contribuição de Maturana para a importância do processo relacional na ação educativa, quando ele escreve:

A autoconsciência não está no cérebro – ela pertence ao espaço relacional que se constitui na linguagem. A operação que dá origem à autoconsciência está relacionada com a reflexão na distinção do que distingue, que se faz possível no domínio das coordenações de ações no momento em que há linguagem. Então a autoconsciência surge quando o observador constitui a auto-observação como uma entidade ao distinguir a distinção da distinção no linguajar (Maturana, 1998, p.28).

É um convite ao participante a ficar atento às ressonâncias através das histórias que vão sendo contadas. Quando no Workshop um protagonista conta sua história ele oferece ao grupo também uma oportunidade destas mesmas pessoas serem trabalhadas através de sua história.

Dependendo da questão, ora solicita-se que o protagonista escolha no grupo alguém para representar a questão a ser trabalhada e outra pessoa que o represente. Pode determinar ainda alguém para representar seu pai e sua mãe, ou ainda em que relacionamento ele identifica a dificuldade, sendo que é o próprio protagonista quem escolhe o dia no qual se deve começar, baseando-se também nas informações coletadas nas entrevistas prévias.

Os protagonistas são instruídos a escolherem pessoas que não conhecem, deixarem-se guiar por sua intuição, aprenderem a seguir outra lógica que ofereça algo além da semelhança física, ainda que seus motivos não tenham uma explicação racional.

Em nosso entendimento essas escolhas por mais estranhas que possam parecer não são por acaso.

Ouve-se de muitos protagonistas na entrevista final, quando são questionados sobre o motivo pelo qual escolheram aquela pessoa como seu representante, muitos respondem que não sabiam ao certo, mas descrevem uma sensação como se na percepção do momento da escolha a presença daquela pessoa se destacasse no grupo. Em contrapartida, o participante quando entrevistado relata o quanto foi transformadora a experiência de representar aquele papel e a semelhança com sua própria história. A essa circunstância a Psicoterapeuta, no workshop Relacionamentos que Curam atribuiu o nome de ressonância.

4.1 Ressonância

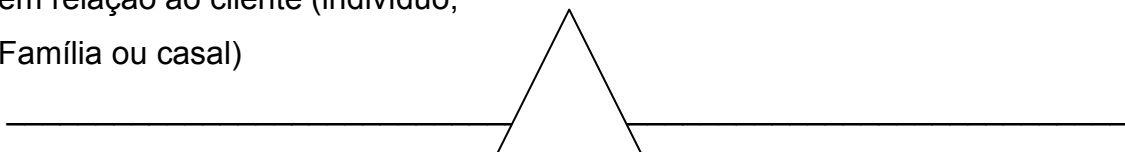
Para Elkaïm¹ :

[...] A maneira como o psicoterapeuta usa a si próprio na sessão pode contribuir para mudar as regras desse sistema ao qual ele pertence, da mesma forma que os membros da família. (Watzlawick; Weakland; Fisch, 1981 apud Eukaïm 2008, p. 55)

Isto quer dizer que aquilo que o Psicoterapeuta sente remete não somente à sua história pessoal, mas também ao sistema de onde emerge esse sentimento.

————→ **RESSONÂNCIA**

O que o Psicoterapeuta sente
em relação ao cliente (indivíduo,
Família ou casal)



Tem uma função (utilidade) em relação ao sistema trabalhado.

¹ Em Outubro de 2008, tive a oportunidade de participar de um Workshop com Elkaïm em São Paulo, cujo tema era “O trabalho clínico com a ampliação das ressonâncias”. Revendo minhas anotações de caderno acrescidas da leitura de seu novo livro “Como sobreviver à própria família” utilizamos aqui o conceito de ressonância para o autor.

Nesse sentido para Elkaïm, ressonância é o que o psicoterapeuta sente em relação aquele cliente mais a função (utilidade) desse sentimento despertado para o sistema terapêutico (cliente, família, casal).

O autor inclui os conceitos de programa oficial e construção de mundo:-

Chamo de “programa oficial” a demanda explícita que o membro de um casal faz ao outro. Por exemplo: “Cuide mais de mim”, “Fique mais próximo”. Esse programa oficial deve ser diferenciado de uma “construção de mundo”, elaborada com base em experiências anteriores, que pode contradizê-lo totalmente. Por exemplo: “Todas as pessoas que dizem amar-me acabam me abandonando”. Num nível superficial, alguma coisa é demandada, porém, num nível mais profundo, não acreditamos que o que é demandado possa ser conseguido. (Elkaïm, 2008, p.28)

Deixa como sugestão que de tempos em tempos façamo-nos uma pergunta em relação ao nosso cliente, como por exemplo:- qual é a utilidade para o cliente que você como Psicoterapeuta sinta isso por ele? Referindo-se numa situação onde o Psicoterapeuta nesse momento pode estar julgando as atitudes desse cliente, ou sentindo raiva, ou pena etc.

Ele valida a importância de se estar atento as ressonâncias principalmente no caso do Psicoterapeuta sair do seu papel e tornar-se um juiz.

Segundo Elkaïm, a ressonância merece destaque em situações no atendimento onde o Psicoterapeuta sente-se sob pressão (provoca sensações de raiva, sono, inquietação, entre outras).

No Workshop Relacionamentos que Curam, a ressonância é percebida no encontro entre protagonista e representantes, mas oferece um contexto não sob pressão e sim como possibilidade de transformação a partir do encontro com o outro.

De um lado o protagonista oferece a sua história enxergando no representante uma gama de significados, e ao mesmo tempo oferece a este a possibilidade de aceitar ou não seu convite, numa situação de dar e receber uma vez que o representante também oferece seus significados para a história ouvida.

Quando o participante aceita o papel de representante do protagonista é como sentisse atração para a história dele.

A imagem sugerida, nesse momento, é como se a história do protagonista fosse um “grande imã” que contém um campo de atração. A esse campo de atração dá-se no workshop Relacionamentos que Curam o nome de ressonância.

Explorando ainda a imagem da história do protagonista como um imã que atrai, observa-se que o representante quando desperta seu observador ativo, não necessariamente tem a mesma história do protagonista. Muitas vezes essa semelhança pode vivenciar uma dificuldade parecida, ou representar um papel que, na vida real daquele representante, seja um dos relacionamentos que essa pessoa tenha dificuldade. Esta semelhança pode ser ainda em relação à dinâmica familiar da história do protagonista, que é parecida com a do representante.

Um exemplo adequado para ilustrar esta situação seria o que se descreve abaixo. Uma mulher foi escolhida para representar o pai de uma protagonista. Naquele grupo não se tinha número suficiente de participantes masculinos, então se combinou que as mulheres usariam uma fita azul no pescoço para diferenciarem-se. Na entrevista final essa participante compartilhou a importância desse papel para compreender melhor seu pai, que também era um homem muito rígido, mas muito correto. Foi “vestindo a pele do pai rígido da protagonista” que ela pode compreender como também existia sofrimento e sensibilidade dentro da rigidez de seu próprio pai.

A ressonância também acontece com o participante que, na história, não participa da representação, porém ele também desperta seu observador ativo, evidentemente que de maneira diferente de quem atua.

A diferença consiste no fato da pessoa dar seu consentimento para esse aprendizado ou não, para despertar seu observador ativo.

Ao vivenciar este papel, dando tal aprovação, se oferece um convite a todos os envolvidos para que aprendam algo de novo sobre aquele relacionamento, sobre si mesmo e ainda, sobre outros relacionamentos que aquela experiência for sua fonte de inspiração.

Esse é um dos momentos mais bonitos desse trabalho. Entende-se que aí esteja a essência dos “Relacionamentos que Curam”: alguém que nunca foi visto, pode com sua história contribuir para dar um novo olhar a minha própria história. Essa é a maravilhosa possibilidade de “cura”.

Quando um participante aceita ser representante na história do protagonista, ele dá seu consentimento para que algo em si mesmo também se modifique ao despertar seu observador ativo.

Ele aceita experimentar um aprendizado que não vem apenas do campo racional, mas vem do lugar de quem tem a capacidade de se colocar literalmente no lugar do outro, de “vestir” a pele do outro, e simplesmente descobrir como é esse lugar sem julgar!

A riqueza dessa experiência está no fato de que na troca dos protagonistas todos têm a oportunidade de serem representantes e também de não serem. Algumas pessoas não são escolhidas e quando se pergunta sobre o porquê disto, é comum responderem que não queriam mesmo.

Outro fato que colabora para a riqueza da experiência é que nunca um grupo é igual ao outro, as histórias são bem variadas e têm uma dinâmica própria.

A representação acontece de acordo com a questão de cada protagonista. Vale lembrar que nas entrevistas prévias já se tem uma idéia sobre o problema. Espera-se que o cliente já possa nomeá-lo, trabalha-se também com as crenças herdadas, a transgeracionalidade, e todos os outros aspectos abordados nos capítulos anteriores. Muitas vezes o próprio protagonista já identifica qual o relacionamento aquela questão inicial está relacionada. No workshop somente se faz o diálogo dos representantes.

Segue-se o fluxo da conversação entre os personagens para que todos tenham seu lugar dentro daquele sistema familiar, e dentro disto vai-se trabalhando outras questões de acordo com o que aquele sistema vai sugerindo: cada um da família em seu lugar, quem não se sente em sua função, ou quem está excluído da família.

Um ponto importante é que além do protagonista escolher por onde se deve começar esse trabalho, é ele também quem vai dar o significado para a atuação dos representantes. Ainda que o representante diga ou expresse algo, e o protagonista não identifique isto como caminho seguro para seguir, a prática sugere que se abandone a direção apontada pelo representante, e opta-se para o caminho mais significativo para o protagonista.

A finalização do trabalho acontece quando os envolvidos na questão trabalhada sentem-se confortáveis na posição que ocupam no sistema familiar ou naquele relacionamento.

Ao final de cada representação, os representantes partilham brevemente com o grupo como foi estar naquele papel, caso o protagonista queira é permitido que também se manifeste.

O grupo é orientado a compreender a vivência de cada história como uma possibilidade, ou seja, o que aconteceu não é a verdade, mas apenas um olhar possível.

Após o workshop é realizada uma entrevista individual com cada pessoa que tenha participado dele, ou seja, tanto com aqueles que foram participantes quanto os que foram protagonistas.

A última entrevista não é feita logo após o trabalho porque, segundo a experiência desta psicoterapeuta, o participante necessita de um tempo maior para elaboração da vivência no workshop.

Entrevista final

Nestes quatro anos de trabalho com o Workshop “Relacionamentos que Curam” o tempo mais adequado para esta entrevista parece ser em torno de quinze dias após o workshop.

Logo em seguida, ou seja, na semana seguinte existe uma tendência a ficar-se numa certa euforia, pois a vivência ainda está muito na emoção. Assim parece prematuro falar de algo que ainda não tomou forma no sentimento interno.

Nesse período de aguardo, também se espera que tenham voltado a se relacionar com parentes aqueles que puderam refletir ou mesmo trabalhar seu relacionamento no próprio workshop. Assim, essa espera é apropriada, até para que se dê oportunidade para a pessoa perceber-se naquela relação, e sobre como se vê agora, se do mesmo jeito ou se há alguma diferença.

Vale à pena lembrar que esta é uma entrevista individual e é oferecida a todos os protagonistas e participantes do workshop, bem como ela finaliza a participação da pessoa neste trabalho.

O objetivo desta entrevista final é recuperar tanto com o protagonista, quanto com o participante o significado de sua vivência no workshop.

Rele-se as perguntas que foram respondidas no dia do workshop, antes dos trabalhos começarem, pois elas ajudam a lembrar um pouco da vivência. Tais questões estão descritas abaixo:

Antes dos trabalhos começarem

1. Como estou hoje para esse trabalho?
2. O que gostaria que acontecesse aqui para dizer que este workshop foi útil?

Após os trabalhos se encerrarem

1. Como você está saindo deste trabalho e o que está levando?
2. Como você foi tocado pelas histórias que você ouviu?
3. De acordo com suas expectativas como você avalia este workshop?
4. Sugestões

Essa entrevista é um espaço acolhedor de conversação, e apesar de se ter alguns temas norteadores, não deve ser direcionada como um questionário de perguntas e respostas.

Para o protagonista

Temas abordados na entrevista:-

- Sobre sua participação no workshop.
- Sobre ter colocado sua questão.
- Se foi representante em outras histórias sobre sua experiência.
- Sobre as histórias contadas mais significativas.
- Possíveis Ressonâncias.
- Sobre alguma pergunta teórica ou técnica.
- Sobre a avaliação do workshop.
- Sugestões.

Para o participante

Temas abordados na entrevista:

- Sobre sua participação no workshop.
- Se foi representante em outras histórias sobre sua experiência.
- Sobre as histórias mais significativas contadas.
- Possíveis Ressonâncias.
- Sobre alguma pergunta teórica ou técnica.
- Sobre a avaliação do workshop.
- Sugestões.

A entrevista final é uma das etapas mais importantes do workshop “Relacionamentos que Curam”.

Tem-se observado que, na maioria das vezes, esse processo é co-construído nessa entrevista final. Em quinze dias a pessoa, geralmente, compartilha com outra pessoa, amigos, familiares, psicoterapeuta sua experiência no workshop, influenciada pela fase de entusiasmo inicial.

Na entrevista final as pessoas compartilham seu aprendizado, sua elaboração do trabalho. Dividem com o psicoterapeuta o significado de sua experiência, e a

partir daí também traçam metas, manifestam seus desejos e esperanças para o futuro.

Justamente por ser este momento tão importante, tão significativo chama-se a atenção para um acolhimento respeitoso e seguro.

O processo de elaboração acontece muitas vezes quando a pessoa ao narrar sua experiência, ela escuta **a si própria** nesta narração.

Cabe ao psicoterapeuta sustentar esse foco, ou seja, “a escuta do próprio entrevistado”.

Finalizando, ao identificar as ressonâncias e a importância dessa oportunidade que lhe foi oferecida por meio das histórias apresentadas pelos protagonistas, pergunta-se a cada pessoa entrevistada: das histórias que ouviu qual delas lhe trouxe um maior significado e qual seu aprendizado?

Convida-se a pessoa entrevistada a escrever uma carta de agradecimento pela oportunidade que o protagonista lhe ofereceu através de sua história. Essa carta é redigida na entrevista, sendo que ela também partilha com o protagonista o aprendizado ao ouvir sua história.

É o momento de registrar sua gratidão para alguém que não conhecia, mas que, no entanto sua história fez uma diferença em sua própria vida, sem dúvida se está diante de um relacionamento que cura!

Diferenças entre o workshop relacionamentos que curam e a constelação familiar

Entende-se que neste momento da presente monografia se possa começar esclarecer algumas diferenças entre o workshop “Relacionamentos que Curam” e a Constelação Familiar.

Estabelecer estas diferenças não significa qualquer tipo de julgamento, e sim a necessidade de atender a uma inquietação desta Psicoterapeuta Familiar. Ao deparar-me com o Pensamento Sistêmico e a Prática Narrativa percebia-me em conflito com alguns pressupostos teóricos e na postura do constelador na Constelação Familiar.

Por outro lado, simplesmente abandonar algo que havia sido em minha vida pessoal tão significativo quanto a Constelação Familiar, não me parecia justo e sistêmico, já que esta era a minha escolha, precisava ser coerente também aqui.

Então essa monografia também tem o significado de agradecimento e respeito a todas essas teorias, caminhos, professoras, clientes, protagonistas, participantes, representantes, que com sua particularidade me ajudaram e me inspiraram neste trabalho.

Meu pedido é que se tenha uma escuta apreciativa para as diferenças que descobri entre a Constelação Familiar e o workshop nestes quatro anos em que o venho co-construindo com os inúmeros protagonistas, participantes, e representantes de “Relacionamentos que Curam”.

Da mesma maneira que existem diferentes abordagens psicoterapêuticas e terapêuticas para tantos clientes e pacientes, assim também continuarão a existir constelantes e representantes para a Constelação Familiar e protagonistas, participantes e representantes para o workshop Relacionamentos que Curam.

Primeira diferença: a denominação. Na Constelação usam-se os termos: constelador, aquele que conduz a Constelação, quem é trabalhado (cliente) é o constelante, também se usa o nome de representantes para os que atuam nas representações.

Na **Constelação Familiar**, o Constelador, pode ter um curso superior, sem necessariamente ser da Área da Saúde ou da Psicologia.

Relacionamentos que Curam = A profissional envolvida é Psicoterapeuta.

Quem coloca a questão é o protagonista, os demais são os participantes, sendo que estes podem ser escolhidos ou não como representantes.

Segunda diferença: Não existe entrevista prévia nem entrevista posterior na Constelação.

Relacionamentos que Curam = Os protagonistas fazem entrevistas prévias, duas no mínimo seguindo os pressupostos já citados no item *Entrevista Inicial*. Após o workshop todos passam por entrevista final após 15 dias.

Terceira diferença: O **constelador escolhe** a partir da queixa do constelante **a cena** a ser trabalhada. Essa escolha é o que o Constelador entende que tenha mais força no sistema, segundo sua própria visão.

Relacionamentos que Curam = *Por meio do Processo das Entrevistas Iniciais e cumpridas as etapas do mesmo, vão se delimitando em comum acordo entre a psicoterapeuta e o protagonista por onde se deve começar, qual a cena que ele escolhe para trabalhar, e que tem mais significado para ele naquela questão envolvida.*

Quarta diferença: Acredita-se que quando o constelante posiciona os **representantes**, estes são **guiados por sua alma familiar**. Então toda a movimentação acontece independente do que isso tenha significado para o constelante ou não.

Relacionamentos que Curam = *É o momento do encontro das ressonâncias entre protagonista e representante. Nesse sentido os representantes se movimentam pelo significado de suas próprias histórias, pelo significado da história do protagonista e pela influência desse encontro.*

Quinta diferença: Na Constelação trabalha-se com várias e várias **gerações passadas** mesmo que o constelante **não tenha nenhuma informação** sobre elas, **baseando-se nas informações dos representantes**.

Relacionamentos que Curam = *Tem-se mais facilidade em obter dados das três últimas gerações passadas a partir do cliente (pais, avós e bisavós) uma vez que em nossa cultura não se tem o hábito de conhecer a história de gerações muito anteriores. O importante é que as pessoas das gerações passadas estejam presentes no campo do significado no sistema familiar do protagonista.*

Sexta diferença: Na Constelação existe uma tendência a se acreditar que o que acontece numa **Constelação é a verdade**, uma vez que os representantes são guiados pela alma da família isto passa a ser real.

Relacionamentos que Curam = *O grupo é orientado a compreender a vivência de cada história como uma possibilidade, ou seja, o que aconteceu não é a verdade, mas apenas um olhar possível.*

Sétima diferença: A Constelação **busca** uma **solução**.

Relacionamentos que Curam = *Busca-se uma nova possibilidade de olhar para a própria história, e a partir daí o que cada um pode se comprometer consigo mesmo para este novo olhar. Não se busca a solução, busca-se um caminho a ser percorrido pelo cliente, lembrando que o caminho se faz caminhando.*

Oitava diferença: Na Constelação **não se faz** uso de cartas. O constelador se utiliza do **uso de expressões chaves** como, por exemplo, querida mamãe me olhe com carinho; ou querido papai, por favor; ou mesmo, vou te dar um bom lugar no meu coração entre outras.

Relacionamentos que Curam = *Utiliza-se de carta de agradecimento entre os entrevistados e usa-se portanto, as outras pessoas como “testemunhas externas”. Os diálogos são espontâneos entre os representantes e quando da necessidade de uma fala sugerida pela psicoterapeuta, a mesma é contextualizada e seu sentido e veracidade confirmados e autorizados pelo protagonista e representantes.*

Nona diferença: Na Constelação **a própria** Abordagem Sistêmica Fenomenológica da Constelação Familiar é a sua fundamentação teórica.

Relacionamentos que Curam = *A fundamentação teórica é a Abordagem Sistêmica dentro de um enfoque pós-moderno onde a Narrativa é o foco organizador e a constelação familiar o recurso técnico.*

CAPÍTULO 5 – MÉTODO

Esta pesquisa propôs-se a sistematizar os estudos sobre as abordagens que contribuíram para a prática que desenvolvo atualmente no workshop Relacionamentos que Curam: a abordagem sistêmica, a terapia narrativa e a constelação familiar.

Para contextualizar teoricamente tal prática, pareceu-me apropriado compreender o significado da vivência no trabalho para os participantes. Para tanto escolhi a pesquisa qualitativa uma vez que o interesse desse trabalho insere-se no campo do significado.

A pesquisa qualitativa tem como foco compreender a natureza dos eventos que não podem ser quantificados.

Daí minha opção pela utilização da análise do significado dos dados obtidos nas entrevistas após o workshop, realizadas no mês de Outubro de 2008.

5.1 Participantes

Participaram desta pesquisa duas pessoas sendo um homem e uma mulher.

O nome André é dado pela Psicoterapeuta/pesquisadora para preservar a identidade do cliente.

André de aproximadamente 50 anos, foi encaminhado para o trabalho por sua esposa que já conhecia o Workshop. É empresário bem sucedido, tem por volta dos 50 anos e vive seu terceiro casamento, apesar de não ser legalmente casado, assim se considera ainda que morem em casas separadas. Tem uma filha com 20 anos do segundo casamento.

O nome Sofia é dado pela Psicoterapeuta/pesquisadora para preservar a identidade da cliente.

Nosso contato foi muito produtivo e Sofia ficou animada com seu trabalho, razão pela qual encaminhou seu companheiro André no Workshop seguinte.

Sofia veio como participante neste grupo a pedido do próprio cliente e pelo interesse dela.

Conversamos com André a respeito de como seria a presença dela e se isso poderia inibi-lo ou causar algum constrangimento para ambas às partes

principalmente no que diz respeito à questão de segredo e também a cerca da própria individualidade dele perante o relacionamento com a esposa.

Ele verbaliza que se sentiria absolutamente à vontade e que não teria nada que não pudesse ser revelado para ela e que ficaria até mais a vontade para o trabalho. Mediante este posicionamento ambos foram alertados sobre todas as questões éticas, ela deu seu consentimento reafirmando sua vontade, aceitamos a inscrição de Sofia como participante.

Sofia considera-se casada com André, apesar de não morarem juntos. Ela tem por volta de 47 anos.

Nessa pesquisa, André atuou como protagonista e participante/representante e Sofia como participante/representante.

5.2 Instrumentos

Para coleta de dados foram utilizados o Genograma e a entrevista de base dialógica com roteiro orientador (em anexo) uma vez que favorece a compreensão de significados no processo de conversação.

O Genograma foi utilizado como recurso para o entendimento de padrões herdados, e possíveis influências de gerações passadas na vida atual do protagonista.

Na entrevista antes do workshop, existem perguntas no roteiro que, necessariamente, devem ser feitas ao protagonista, no que se refere à questão a ser trabalhada: a história da família atual, a história da família de origem, e uma breve pesquisa das três últimas gerações incluindo outras informações.

Posteriormente à realização do workshop serão feitas entrevistas individuais com o protagonista e com o participante/representante, aproximadamente 15 dias após o trabalho.

Com a experiência em workshops anteriores leva-se a crer que o cliente necessita de um período para a elaboração da vivência.

Para o protagonista, o foco dessa entrevista será a elaboração e o significado de seu trabalho e das outras histórias.

Já para o participante/representante será o significado das histórias apresentadas.

5.3 Procedimentos

A pesquisa foi realizada no consultório da Psicoterapeuta/pesquisadora em São Paulo.

As entrevistas para a pesquisa foram realizadas após o workshop em Outubro de 2008 e foram gravadas.

5.4 Análise de Dados

As entrevistas de André e Sofia foram transcritas pela própria Psicoterapeuta/pesquisadora e para efeito de análise foram selecionadas falas significativas dos participantes que ajudaram a compreender no campo de significados a vivência de cada um deles no workshop Relacionamentos que Curam.

Tendo-se em vista a própria identidade desse trabalho e a sua história, como Psicoterapeuta/pesquisadora poderia não estar incluída?

Se o estudo trata de uma história possível a partir de Relacionamentos que Curam qual é a história da pesquisadora nesse encontro?

Citando Paul Watzlawick, em seu livro *Mony Elkaïm* nos relembra de uma importante mudança:

[...] esse Psicoterapeuta/pesquisadora tomou consciência da sua posição na terapia – ele percebeu que não era um observador externo, sem influência no que se passava, mas que também pertencia ao sistema que analisava e que o englobava. Foi então que a pergunta mudou outra vez. Não era mais “O que eles fazem juntos?” e sim “O que nós fazemos juntos”? E, ato contínuo, a própria concepção da mudança terapêutica evoluiu. A maneira como o Psicoterapeuta/pesquisadora usa a si próprio na sessão pode contribuir para mudar as regras desse sistema ao qual ele pertence, da mesma forma que os membros da família. (Watzlawick; Weakland; Fisch, 1981 apud Eukaïm 2008, p. 55)

A cada fala selecionada optei por apresentar as minhas considerações como Psicoterapeuta/pesquisadora.

Esse é o convite a seguir...

5.4.1 Uma Reflexão Sobre o Encontro Possível da Psicoterapeuta/pesquisadora com André no Contexto do Workshop Relacionamentos que Curam

a) Resumo dos dados levantados nas entrevistas prévias

O nome André é dado pela Psicoterapeuta/pesquisadora para preservar a identidade do cliente.

André foi encaminhado para o workshop por sua esposa que já conhecia o trabalho e participou de três entrevistas prévias.

Considerações sobre a questão a ser trabalhada.

As entrevistas prévias não foram gravadas e as informações descritas fazem parte das anotações da Psicoterapeuta/pesquisadora. No momento em que foram realizadas, eu não estava como pesquisadora, mas sim como Psicoterapeuta/pesquisadora. Não existia um acordo prévio com André a respeito desse assunto. Não me sentia confortável para pedir isso a ele. Tinha receio de que tal atitude pudesse interferir na espontaneidade necessária para o seu trabalho no workshop. Na época eu estava formando o grupo, e não sabia se esta entrevista seria escolhida.

André prefere começar nosso diálogo falando do motivo que o trouxe até o Workshop.

Diz André: - “Eu demoro muito para sair de onde estou, e quando faço saio demolindo o que construí”. Quando perguntado sobre o sentido disso para ele, responde: - *“ter que limpar a sujeira e gostaria de tornar as coisas menos complicadas, perder o medo”*. Surge tal questão, tanto na vida profissional quanto pessoal de André.

Para demonstrar seus sentimentos cita cantando um pedaço da música de Chico Buarque: - *“a arte de deixar algum lugar quando não se tem para onde ir”*. Neste sentido, se vê lento para se desvencilhar do que ficou para trás, daquilo que não resolveu bem.

Fala sobre um medo físico de apanhar é uma sensação onde se previne ao atacar, porque podem querer agredi-lo. Quando perguntado sobre isso a associação que faz foi de um seqüestro-relâmpago que sofreu aos 43 anos, mas que para ele já está resolvido. Conversamos um pouco mais sobre esta sensação de se *“prevenir ao atacar”* e a única lembrança que lhe vem é de aos oito ou nove anos ter dado um *“cacete”* num moleque. Nesta cena ele agia e reagia. Anos mais tarde, quase 15 anos depois, soube que seu amigo foi assassinado por policiais, sentiu medo.

A questão principal que incomoda André entre outras diz respeito à maneira como lida com o dinheiro que ganha: de lapidar o dinheiro que ganha nunca tem dinheiro para si mesmo (sic), o que sobra não está com ele. Vivencia a sensação de *“não ter direito a porra nenhuma”*. Não se sente merecedor de usufruir, e não sabe dizer o motivo.

Acredita que ter medo é ser covarde e que tem compulsão de cuidar.

Ele convive com o problema a cerca de vinte anos Quando perguntado sobre como estava sua vida, André acha que com relação à questão financeira, tudo começou quando se acomodou com o segundo casamento, casou-se pela segunda vez mais ou menos a vinte e quatro anos atrás.

André se percebe comprando o conflito com dinheiro desde então, por exemplo, nas brigas com a segunda ex-mulher dizia para ela: *“do que você está reclamando? Você tem tudo!”* Daí concluiu que o seu dinheiro podia comprar o conflito.

A influência hoje do problema na vida de André é:

- a. Tem menos paciência com pessoas próximas.
- b. Fala mais palavrões.
- c. Vive um ciclo repetitivo ser rico e ser pobre.
- d. Percebe-se lidando com o dinheiro com leviandade.
- e. Impede a evolução intelectual.
- f. Falha do planejamento financeiro.
- g. Afeta vida pessoal.

Quando perguntado (última entrevista) a André sobre o nome que ele daria para seu problema, chamou-o de *“covardia emocional”* ou *“moral”*, que tem a ver

com uma covardia de ordem emocional e significa não guardar dinheiro na conta, não se sentir digno de ter nada, e quer dizer você ocupar o seu lugar.

A imagem de si mesmo diante da influência de seu problema é de uma pessoa desagradável e cansativa para os outros.

O objetivo de André é evoluir e sua expectativa nesse trabalho é aceitar quem ele é.

Atualmente, não está em processo psicoterapêutico; mas já participou de Workshops de Constelação Organizacional¹ onde surgiram questões de ordem familiar que influenciavam nas relações profissionais.

Há alguns anos fez o que ele denominou de “terapia relâmpago”. Ele fez um processo de quarenta e cinco dias e com resultados satisfatórios para sua vida, segundo André as terapias são muito lentas.

Considerações sobre Família de Origem

André relata que assumiu muito cedo a função de seu pai na família. Administrava a vida do genitor e atendia as necessidades da mãe.

Lembra-se que por volta dos dois anos de idade assumiu cuidar da mãe para que ela nunca mais chorasse. Lembra-se de uma cena aonde vê a mãe chorando por causa de uma briga com seu pai e naquele momento decidiu que iria tomar conta dela. Fala que anos mais tarde arrumou uma esposa com os defeitos da mãe sem as qualidades dela (sic).

Viveu e ainda vive um estado de atenção e “*vigilância constante*”, se ela fica doente o mundo “*literalmente pára*”.

Trabalha desde seus catorze anos, e tão cedo aprendeu que ganhar dinheiro trazia não só liberdade quanto seu sustento.

Relata uma lembrança da escola quando tirou nota zero de matemática e seus pais acharam que ele ou era “*veado ou comunista ou estava drogado*”.

Ele se percebe como não tendo vivido a adolescência, sua sensação é de ter pulado a fase infância para a fase adulta. Construiu seu próprio negócio aos 18 anos.

Ao falar de sua necessidade de ser compreendido se emociona e chora.

¹ Constelação Organizacional é uma constelação direcionada para empresas.

Como Psicoterapeuta/pesquisadora e com uma visão panorâmica da história de André, senti necessidade de perguntar sobre o que teve de bom em sua infância e com isso resgatar momentos prazerosos que pudessem ampliar nossos recursos para uma história mais rica.

André não consegue ver nada de bom para me contar. Só fala da irresponsabilidade das pessoas a sua volta.

A certa altura de nossa conversa perguntei sobre que tipo de brincadeira gostava quando era criança. Ele falou o quanto gostava na época, de futebol. Um pouco mais de conversa sobre o quanto isso era bom para ele, até que André abre uma possibilidade para algo de bom na sua infância.

Ele foi capitão do seu time de futebol e nesta cena lembrada ele era livre, sabia usufruir sua liberdade e só as suas necessidades e o que ele elegia eram importantes; ele podia ser simplesmente criança. Ele era livre para ser inteligente; ele reconhecia seus limites físicos. André se emociona ao lembrar-se desta cena e chora.

Considerações sobre Família Atual

André vive seu terceiro casamento, apesar de não ser legalmente casado. Assim se considera ainda que morem em casas separadas. Ele tem uma filha com 20 anos do segundo casamento que mora com a mãe.

Considerações sobre Genograma

- Casamentos de André

No primeiro casamento tinha por volta dos vinte e dois anos e a primeira esposa praticou um aborto sem que ele soubesse, quando soube, relata que foi o último dia que chorou na vida.

Por volta dos vinte e quatro anos casa-se novamente e dessa união nasce sua filha que hoje tem vinte anos e mora com a mãe. A separação foi um momento

difícil, o ex-casal não se fala, mas André paga uma excelente pensão alimentícia (sic).

- Casamentos dos Pais de André e dados da família de origem.

Na visão de André seus pais são infelizes no casamento.

O pai de André foi trabalhar com ele em 1980 e ficou por 25 anos, causando grandes problemas, porque se aproveitava por ser pai do dono.

Quando André era pequeno os avós maternos moravam na mesma casa com seus pais e seu irmão mais velho (sic).

- Acontecimentos importantes na história dos antepassados da família do lado paterno.

Seu pai perdeu o pai dele (avô de André) quando tinha um ano e oito meses de idade. O avô morreu aos trinta e quatro anos de pneumonia, ele era um homem de caráter correto.

Esse avô deixou a viúva com dois filhos, o pai de André e outro irmão (tio de André) na época com onze meses de idade. Ela não se casou novamente, mas teve que trabalhar muito e quase não tinha como cuidar dos filhos.

A história que André conta é que seu pai desde então passou a ser excluído da família, ele era um peso, tanto que desde os sete anos já custeava o que comia.

André não sabe ao certo quantos irmãos teve seu avô paterno, razão pela qual o genograma está incompleto, uma vez que só trabalhamos com os dados conhecidos do protagonista.

O conhecimento de André sobre seus bisavós paternos são que sua bisavó casou-se com seu bisavô contra vontade dos pais, o casal fuge da Itália para o Brasil e foram morar no interior de São Paulo. Eles têm vários filhos, não se sabe ao certo quantos.

Esse bisavô desenvolveu uma técnica de tirar veneno de cobra e isso passou a ser o motivo de sua maior dor. Parece que sua primeira filha, ou a mais querida talvez, acabou morrendo vítima de picada de cobra. Infelizmente este pai (bisavô de

André) não conseguiu chegar a tempo de salvar a própria filha. Não temos a informação da idade dela quando faleceu.

Desgostoso com a vida depois do luto, muda com a família para São Paulo e neste período o vício da bebida entra em sua vida.

André não soube relatar quantos anos tinha seu avô quando isso aconteceu, mas ele provavelmente era pequeno, pois essa irmã era segundo André, mais velha.

- Acontecimentos importantes na história dos antepassados da família do lado materno.

A avó de André aos oito anos de idade foi retirada da escola para cuidar dos irmãos, sua mãe vivia parindo. Ela cuidava de sete irmãos mais novos que ela e três mais velhos.

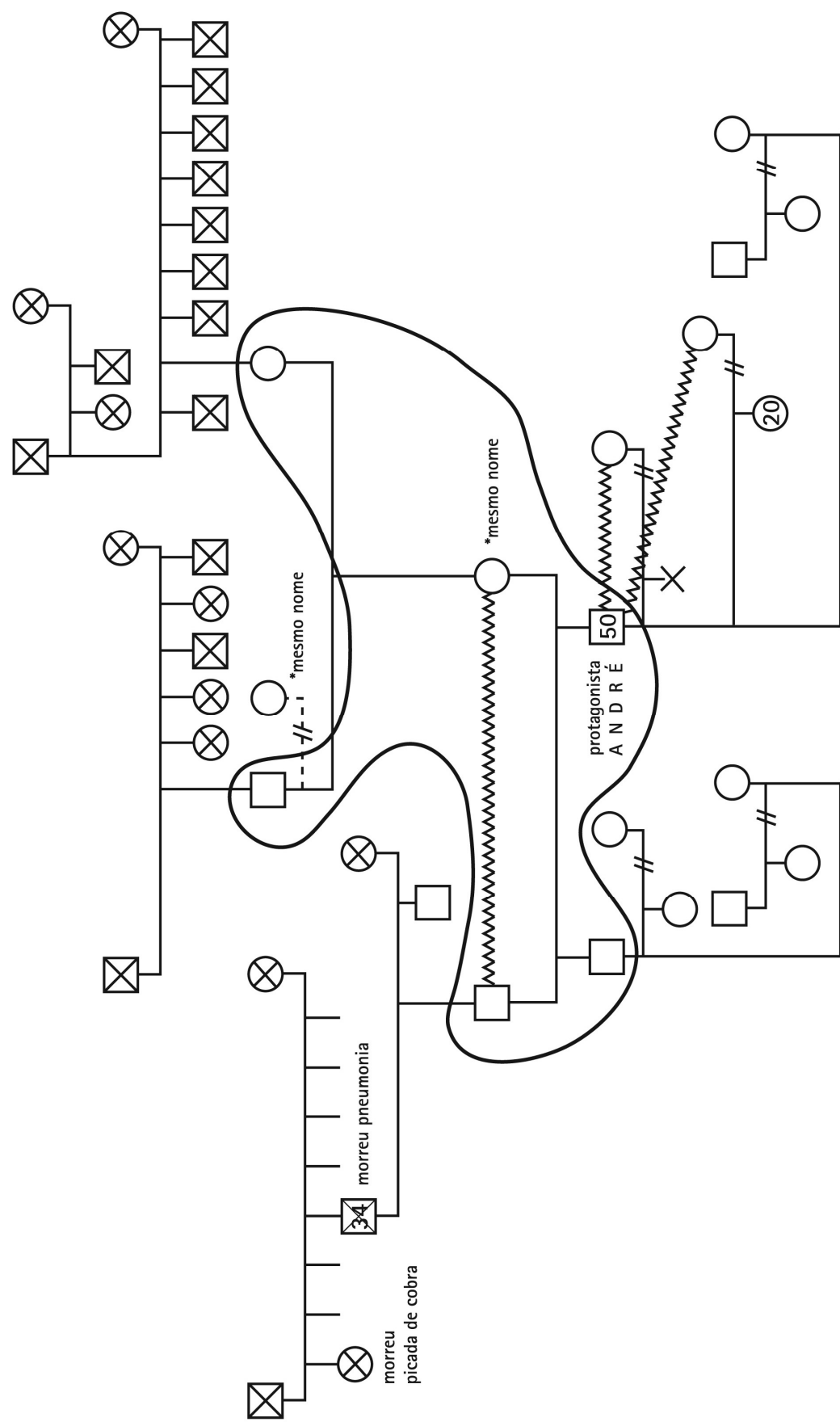
Seu bisavô, pai do avô era militar em Portugal. Por questões políticas tiveram que sair do país e vieram para o Brasil. Assim que desembarcaram um disparo acidental de uma arma de fogo, durante o manuseio, matou o bisavô de André. Num novo país a bisavó estava sozinha com seis filhos pequenos.

Nesta época o avô de André, pai da mãe, era o filho mais velho e tinha por volta dos dez anos de idade.

Esse avô quando adulto teve uma grande paixão que não se concretizou. Quando sua filha (mãe de André) nasceu deu a ela o nome da amada. Segundo André ele bebia e culpava a própria filha por não se separar e ir atrás da mulher querida.

A seguir encontra-se a apresentação do Genograma de André.

Genograma de André



5.4.2 Contexto do Workshop onde André foi o Protagonista:-

No Workshop André foi trabalhado duas vezes como protagonista.

No dia do grupo, por sua decisão, André foi o primeiro a ser trabalhado.

Um breve histórico é dado ao grupo para que saibam a questão a ser trabalhada e seu significado no caso de André, “a covardia emocional” ou moral, que tem haver com uma covardia de ordem emocional e significa não guardar dinheiro na conta, não se sentir digno de ter nada, e quer dizer você ocupar o seu lugar.

Pedimos para que escolhesse no grupo um representante para si próprio e outro para a covardia emocional.

Para a escolha de si próprio escolheu uma participante mulher, contávamos no grupo com a presença de mais um homem além de André, o que deixou a participante escolhida em dúvida se deveria aceitar o convite ou não. Percebendo sua dúvida André preferiu escolher o participante masculino para representá-lo.

Os representantes começaram a se olhar e movimentaram-se aleatoriamente, a representante da covardia emocional começa a chorar compulsivamente e curva-se.

A Psicoterapeuta/pesquisadora dirige-se para André e pergunta-lhe se aquela cena tem algum significado para ele, imediatamente André reconhece através do choro que era o aborto que aconteceu em seu primeiro casamento. Neste momento a covardia emocional passou a significar para André a ligação dele com o aborto.

a) Reflexões baseadas na conversação com André na entrevista final.

Legenda:

✓ = Considerações da Psicoterapeuta/pesquisadora.

Em **negrito** encontram-se as falas de André que são significativas para a Psicoterapeuta/pesquisadora.

▪ André como Protagonista

1. O que chama a atenção da Psicoterapeuta/pesquisadora?

Psicoterapeuta/pesquisadora –... A gente escolheu para externalizar, como foco a covardia e você comentou com o grupo que o que você queria deixar:- Uma mochila certa de cada um nas costas de cada um; e a covardia no Workshop você falou assim:- A covardia é uma covardia moral ela tem haver com uma covardia de ordem emocional e significa não guardar dinheiro na conta, não se sentir digno de ter nada, quer dizer você quer o que ocupar o seu lugar.

- ✓ Olhando André pessoalmente chama atenção o nome do problema que ele escolhe externalizar “covardia emocional”.

André – *Eu tive que parar num Psicólogo na 5ª série, na 1ª série não é, quando terminei o ginásio porque a **minha letra era horrível** e então diziam que eu tinha **problema mental**. Um **Professor de Português**, Professor Aurélio foi **muito companheiro** porque ele **diagnosticou o problema**. A mão não acompanhava a mente, então ele falou:- **Ele não tem problema nenhum, ele só tem que fazer um treinamento porque ele vai ter que tolerar o tempo do corpo, então eu tive que fazer um treinamento de caligrafia pesadíssimo para poder adaptar a mão à velocidade, então a letra acabou ficando bonita.***

- ✓ O professor desconstrói o rótulo “problema mental” valorizando uma habilidade.

André respondendo as perguntas do Workshop deixa como sugestão:-

Sugestões:-

Eu achei que o **preço poderia ser maior**.

- ✓ Não é comum um cliente reclamar para aumentar o preço do trabalho. É um reconhecimento também.

André – ***Três trabalhos**, e três bastante característicos... Eles não... O terceiro até pode ter sido uma consequência do segundo, mas para mim eles são bem*

diferentes. O fato do segundo ter demorado segundos ou minutos não significa que não tenha sido intenso, para mim eles são bem segmentados.

- ✓ Valida um trabalho a mais.

Tema aborto

André – Ah, sim no final eu lembro, surgiu espontaneamente à figura da... Do aborto do primeiro casamento...

André fala pela primeira vez do aborto “surgiu espontaneamente”.

Psicoterapeuta/pesquisadora - E aí você posicionou os representantes... Como você identificou na covardia emocional a questão do aborto?

André – Depois que você chamou para compor a cena, a Esther estava fora e você convidou-a para compor a cena... Eu não lembro porque a que título você a convidou... Porque até aquele momento não existia um desenho, quando você convidou a Esther para fazer a representação... Alguma coisa no contexto ela veio representar alguma coisa no contexto, não lembro o que...

- ✓ André não reconhece como sendo ele o autor da transformação no Workshop da “covardia emocional” para o aborto, ou seja, ele não se apropria desse significado como sendo de sua autoria, transfere para a Psicoterapeuta/pesquisadora essa ação, essa responsabilidade.

André – É... Sim, até porque as coisas estavam acontecendo sem nenhum sentido, às coisas estavam acontecendo sem nenhum sentido.

- ✓ André não deu sentido a sua escolha, não fica claro seu significado.

André – O que eu disse se não com essas palavras exatas “Este choro é o choro que eu reconheço que há anos eu preciso abraçar e por no meu peito”.

- ✓ Sugere uma identificação do choro da representante com o choro que ele não pode abraçar do filho que não pode nascer.

André – ... Não foi trabalho nenhum, depois que a questão foi colocada eu disse para você fora do contexto do Workshop o seguinte:- que para mim era muito clara a diferença entre a energia da constelação, a energia do Workshop e a energia mediúnica porque o atendimento em si da entidade espiritual que foi abortada isso já havia ocorrido há tempos atrás num trabalho espírita mediúnico, o que eu estava te dizendo é para você é que a energia que se trabalha é uma energia que é energia também, mas não tem absolutamente nenhuma vinculação direta necessária com o tratamento da entidade espiritual.

Isso é um assunto realmente da energia da matéria, da encarnação que a gente vive da construção da nossa... Do nosso equilíbrio psicológico enquanto reencarnados.

Então só para reafirmar algo que a gente já havia conversado a algum tempo de que como espírita e conivente com a reencarnação e com o plano espiritual eu não recomendo, não faço e tenho restrições importantes quanto à terapia de vidas passadas e enquanto a gente misturar o trabalho de psicologia de nossa vida material com os trabalhos de mediunidade e do trabalho da vida espiritual isso para mim faz uma grande diferença.

Então foi neste contexto. Mas agora voltando no momento do workshop propriamente dito o que eu senti e o que eu disse no meu contexto foi:- **Eu sei o que é esse choro, esse choro é o choro que eu precisava colocar no meu peito a vinte e tantos anos e na época eu até disse quantos anos certinho e nunca fiz e aí quando eu pus a representante da criança abortada no ombro ela chorou tudo que ela queria chorar ela se entregou ao choro e...**

- ✓ Como André vem de uma religião espírita e é um medium foi muito bom ouvi-lo diferenciar numa dramatização um diálogo que envolva um processo de luto o que pertence ao espírito como ele diz e o que são coisas da matéria que dizem respeito ao aspecto psicológico. Não existe vinculação com a entidade espiritual.

O que revela que ele diferencia o que é religião do aspecto psicológico envolvido numa situação de perda e luto.

Vale lembrar a diferenciação entre religião e espiritualidade que fazemos na parte teórica do workshop.

Psicoterapeuta/pesquisadora – E como foi para você isso, esta cena?

André - *Foi um cumprimento de um dever. Não o cumprimento de dever por obrigação, tinha um ato de amor, de compaixão, de carinho e de afeto, de uma entrega final de um trabalho que precisava ser feito. Mas de um trabalho de amor sem... Sem nenhuma obrigação, sem o sentido de obrigação, foi reconfortante*

- ✓ André fala da importância dessa oportunidade para uma entrega final de um trabalho que precisava ser feito o cumprimento de um dever por amor sem obrigação. O que de certa maneira o coloca numa atitude responsável por amor.

André – *Chama atenção que a mesma segurança que eu tinha lá há 28 anos eu tive também no workshop; e que em momento algum eu falhei.*

Psicoterapeuta/pesquisadora – Segurança com você.

André – *Em momento algum eu tive alguma dúvida, alguma... Algum comportamento que fosse uma falha, que fosse omissivo que pudesse ter contribuído ou pudesse ter chegado àquela situação.*

- ✓ O trabalho para André também reforçou sua posição perante a ex-mulher, mas também reforçou a sua segurança em si mesmo.
Aos olhos de André toda a responsabilidade foi da ex-mulher.

Psicoterapeuta/pesquisadora – E até o diálogo da representante da mãe com você...

(No diálogo a representante da mãe da criança abortada dizia que naquela época a maternidade não cabia em sua vida, ela era muito jovem e responsabilizava André por sua ausência e distanciamento).

André – *O mesmo comportamento cafajeste igual.*

Eu só estava mais maduro, mais velho, mais consciente e enxergando com melhor plenitude aquilo que eu agia mais intuitivamente quando eu era muito jovem.

- ✓ André expressa a mesma raiva e julgamento em relação a ex-mulher e novamente a responsabilidade é dela.

André – Não, foi... Foi importante. Foi importante porque foi espontâneo, ou seja, ele tem algum significado que eu ainda talvez precise amadurecer com o tempo dada a espontaneidade...

- ✓ Fantástico! Uma sementinha foi plantada!!!!!!

Psicoterapeuta/pesquisadora – Se você pudesse me dizer assim o teu aprendizado em reviver essa cena o que você teria para me dizer? Por que você acha que o universo te colocou para depois de tanto tempo de novo nesta cena?

(Nova tentativa da Psicoterapeuta/pesquisadora: esta pergunta oferece a oportunidade para que ele reflita sobre por que atribui o significado do aborto a cena workshop. Se ele “viu” que era a cena do aborto o que aprendeu com isso?)

André -... O racional eu..., eu não tenho a resposta, a tua resposta seria se eu pudesse te dar espontaneamente, **o racional me indica que faz parte da minha reconstrução.**

Nas nossas entrevistas uma coisa que ficou clara, na última entrevista que eu disse não precisamos fazer o workshop, eu abri mão de uma parte importante de mim próprio, eu tive que me diminuir, eu tive que me, me, me manietar... E você não se diminui, você não consegue ser menor sem ter perdas isso é uma coisa que eu te falei isso para mim é muito claro.

Em algum momento eu decidi não ser quem eu era ou não ser tudo o que eu era e quando você toma essa decisão você só tem perda, você não consegue controlar a perda você se diminui, você não se diminui só na conveniência você tem uma série de outros pelo menos que você carrega então talvez isso faça parte de reconstruir aquilo que eu mesmo me aliei.

Reconstruir uma região no psicológico que eu mesmo me impus; fazer o melhor do que eu sou e do que eu era.

- ✓ Dessa experiência André tira a “reconstrução” – o significado para ele é que faz parte de sua reconstrução.
- ✓ Revela a importância das entrevistas prévias.

- ✓ Elaboração ligando as sessões das entrevistas prévias as workshop com esse primeiro trabalho.

Psicoterapeuta/pesquisadora – E resgatar isso no que te ajuda nesta reconstrução?

(Nova tentativa: ele não se coloca como autor da ação, esta pergunta busca essa autoria. Por que escolheu aquela cena? Não podemos trabalhar com a ex-mulher).

André - *Com muita tranqüilidade:- não se junta com quem é pequeno, a tua humildade tem que ser para fazer o bem não para conviver com quem é pequeno por incompetência, por corrupção, por maldade, por leviandade; ou qualquer outra coisa, fazer-se de pequeno é fazer-se de pequeno sem que você tenha que se diminuir, você desce até os outros ...*

- ✓ A pergunta não fez sentido para André, é como se faltasse andaime ele não acessa volta para o lugar inicial a responsabilidade é colocada na ex-mulher.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Mas, você viu isso nesta cena?

- ✓ Tentativa de contextualizar, o que você viu na cena que lhe pareceu isso? Convite a voltar para a cena e sair do julgamento.

André – *Isso é a construção do que eu faço no racional.*

Psicoterapeuta/pesquisadora – Mas nesta cena como isso se encaixa?

(Nova tentativa: ele continua falando da ex-mulher, não podemos trabalhar. André não se coloca, essa pergunta é uma oportunidade de entender onde está a ação dele?)

André – *Isso se encaixa porque a única coisa que me interessava na cena, é lógico que eu precisava de alguma coisa que de alguma forma fazer parte do contexto aquela que serviu de mãe da criança abortada, mas ela não tinha significado nenhum real ali para mim na cena. Ela estava atrapalhando a cena como atrapalhou a cena o tempo inteiro, até com a própria criança...*

- ✓ Aqui André entende pela lógica que a mãe da criança precisava fazer parte da cena, mas não dá a ela um lugar ela não tem para ele nenhum significado. Para ele, ela estava atrapalhando a cena até com a criança.

Na cena do workshop nada foi verbalizado pela representante da criança que desse essa impressão de que o diálogo ou a presença da mãe estivesse atrapalhando a cena ou o contato de André com criança; essa é uma percepção de André.

Psicoterapeuta/pesquisadora – A sua ligação era com a criança.

André – *A ligação material, só precisava terminar esta... Este trabalho psicológico.*

- ✓ Resgatamos a importância do contato de André com a criança e ele reafirma que no trabalho psicológico; já havia dito anteriormente que no espiritual havia trabalhado essa questão.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Por que essa ligação material com a criança foi importante para você?

André - *Porque esta minha... Este meu agir ao final causou dano a alguém...*

Se eu nunca tivesse me ligado a uma criatura tão vil, tão baixa, tão inadequada, e falo com tranquilidade não é uma adjetivação nervosa. Esta situação de conflito com esse espírito, não teria se materializado; porque o aborto é uma situação de conflito muito difícil é uma energia muito complexa ela envolve tanta coisa, ela envolve a natalidade, ela envolve a esperança de uma oportunidade de vida e a perda dessa esperança de forma abrupta por intermédio de outro, ela equivale a um assassinato, ela equivale a tanta coisa junta.

- ✓ Tem um início de responsabilidade onde ele se coloca, mas logo em seguida o lugar conhecido é a ex-mulher...
- ✓ André revela seus valores e crenças e como a religião espírita é importante para sua vida.

Psicoterapeuta/pesquisadora – É... Eu não sou uma conhecedora da doutrina espírita, mas eu já ouvi dizer que existem espíritos que precisam desta experiência...

- ✓ Aqui foi uma tentativa frustrada eu jamais ganharia neste assunto, erro crasso André como médium é um profundo conhecedor da doutrina espírita! Apostei alto!

A intenção foi boa, era justificar a partir daquilo que ele validava que existem muitos aprendizados.

André – Não era o caso específico, a gente não pode generalizar. Quando a gente faz o workshop à gente trata de caso específico não trata de caso geral. No caso específico não era essa a necessidade, e essas experiências em que o espírito precisa, elas decorrem como regra geral nos abortos espontâneos não nos provocados.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Então ela é uma reconstrução porque você resgatou uma cena onde você tão jovem acabou fazendo a coisa que você deveria, você estava correto na sua posição, reafirmou isso para você, você teve a oportunidade de expressar o seu afeto, e isso foi importante...

- ✓ Aqui realizei um editorial um recurso da Narrativa onde fazemos uma pequena edição de tudo o que compreendemos daquilo que foi dito pelo cliente com as palavras dele e oferecemos a ele.

André – Muito importante, muito importante, e também deixa claro que nós todos seremos iguais, somos iguais... Isso para mim é muito importante.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Mas alguma coisa desse trabalho? Desse primeiro trabalho?

André – Não, não isso já é bastante.

Psicoterapeuta/pesquisadora – E aí eu falei para você, olha isso foi super importante, mas ele não trabalhou a covardia emocional, moral, não é?

André – Sim. Relativamente ta... Ele começou a trabalhar aquela covardia que significou o não aceitar enfrentar tal como eu sou, tal como eu via... Não é bem

assim isso está contextualizado. É verdade que nós não enfrentamos objetivamente a questão da covardia moral, mas você há de lembrar que o grupo não havia absorvido o conceito o grupo só absorveu o conceito de covardia na segunda chamada.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Eu coloquei a decisão para você da gente parar ali ou continuar depois...

No workshop, trabalhamos outro protagonista e a escolha de André foi seguir com seu trabalho.

Neste contexto as seguintes considerações se apresentaram para Psicoterapeuta/pesquisadora.

- ✓ André reconhece um início de trabalho e acrescenta a covardia o significado de “não aceitar enfrentar tal como eu sou, tal como eu via”. Retoma ao lugar conhecido a responsabilidade no outro, o grupo não havia absorvido o conceito.
- ✓ Não reconhecer que ele deu significado a cena pode ter ressonância em relação à primeira esposa, a dificuldade de diálogo e seu posicionamento onde para ele serviu para reafirmar que ele estava certo e não tinha nenhuma responsabilidade pelo ato em si nem com a ex-mulher, apesar da representante verbalizar que sentia que ele era distante e deixou-a sozinha.
- ✓ Poderia ser a própria covardia emocional atuando. Se fosse o efeito da própria covardia emocional relembrando White teria faltado um andaime para que André pudesse assumir a sua responsabilidade?
- ✓ Seria esse a continuidade de um trabalho psicoterapêutico?
- ✓ Outra ressonância foi na sensação da Psicoterapeuta/pesquisadora de que ele não havia trabalhado o foco/tema ele fez a identificação muito rápido, e a oportunidade oferecida para André de pararmos aí ou darmos sequência em outro trabalho.

- ✓ Nesse primeiro trabalho André oscilou entre colocar e não colocar sua responsabilidade.
- ✓ Imagino também que o fato de André conhecer a técnica da Constelação pode ter contribuído para que ele tivesse essa impressão. O que de certa maneira confirma a importância de no Workshop Relacionamentos que Curam a escolha da cena e o significado da representação, serem dados pelo cliente.

2. Qual o significado para André desse primeiro trabalho como protagonista?

Ao longo de nossa entrevista André vai compartilhando várias faces desse significado:-

- Tem claro que este trabalho tratou do “**equilíbrio psicológico**”, dando a ele a oportunidade de dar seqüência ao processo de luto com relação a uma criança que não pode se despedir. A religião espírita ajudou André a cuidar dessa questão seguindo seus rituais próprios, mas não havia cuidado do aspecto psicológico.
- Possibilitou o cumprimento de um dever não por obrigação, mas por amor “**tinha um ato de amor, de compaixão, de carinho e de afeto, de uma entrega final de um trabalho que precisava ser feito**”.
- Reafirmou a segurança em si mesmo e em suas decisões.
- Pareceu existir algo nesse trabalho que precisava amadurecer com o tempo deixando como uma semente germinada; “**... foi importante porque foi espontâneo... ele tem algum significado que eu ainda talvez precise amadurecer com o tempo dada a espontaneidade...**”
- O racional lhe “adianta” que faz parte de sua reconstrução “**...O racional me indica que faz parte da minha reconstrução**”.
- Surgiu uma elaboração mais refinada onde ele integrou as entrevistas prévias com esse primeiro trabalho, “**... Então talvez isso faça parte de reconstruir aquilo que eu mesmo me alije**”.
- Início de um trabalho... “**Ele começou a trabalhar aquela covardia que significou o não aceitar enfrentar tal como eu sou, tal como eu via...**”

A seguir apresento os dados referentes ao contexto do workshop onde André atuou como representante.

Descrição da cena:

André foi escolhido pela protagonista Vera para representar seu **avô** materno.

Esse era um papel de um homem boêmio que tinha muitas mulheres fora de casa, sua esposa que na cena seria a avó da protagonista, aceitava passivamente sua condição.

Era uma mulher doente tinha câncer, mas só veio a falecer quando a neta (que era a protagonista) era criança.

Quando a avó veio a falecer na verdade a neta perde também sua mãe que ficou muito triste e desconsolada. Essa é a história oficial da protagonista.

Na atuação dos representantes exatamente na cena onde se encontram o avô, a avó e a mãe da protagonista – André era o avô, Maria a avó, e Sofia a mãe. (apesar de serem citados avô, avó e mãe estes são em relação ao parentesco com a protagonista, estamos também falando de uma relação pai, mãe e filha na geração respectiva).

A cena se desenrola mais ou menos assim:- a filha vira para a mãe e a culpa por ter câncer como se a doença fosse uma maneira de não enfrentar e não reagir à vida que leva ao lado do pai, também acusa o pai de causar sofrimento a mãe doente.

A postura da filha era de uma mulher competindo com a mãe o mesmo homem no caso o pai.

Neste momento o pai apóia a filha e também começa a acusar a esposa aliando-se a filha, ambos contra a mãe. A mãe não reage.

A Psicoterapeuta/pesquisadora interfere e fala que esta é uma relação incestuosa e pergunta para a mãe o que acontece com ela quando ela ouve isso do marido.

Ela responde que tem vontade de se afastar. A Psicoterapeuta/pesquisadora pede para que ela então se afaste.

Pergunta para a filha quando você ouve isso do seu pai o que acontece com você?

A filha responde que tem vontade de se aproximar.

A Psicoterapeuta/pesquisadora pede para que ela se aproxime. Foi então que a representante paralisou! Não conseguia mover-se do lugar.

Trabalhamos com a representante até que ela conseguiu se aproximar do pai como filha.

O pai também consegue emocionado abraçar a filha, como filha, não mais olhando-a como mulher.

3. O que chama a atenção da Psicoterapeuta/pesquisadora?

André – Fantástica porque eu assisti a cena de incesto que eu pratiquei e ainda não consegui parar de praticar com a minha filha.

✓ Identificação de André com o papel que representava.

André – Você mostrou a cena de incesto quando... E o incesto passou a ter um conceito para mim muito mais importante da forma como você colocou.

✓ Incluiu outro sentido sobre uma relação incestuosa.

André -... Porque o avô da moça, eu fui o avô da moça, e o contexto era o seguinte:- O avô era um boêmio era um mulherengo e **a avó dela havia morrido de câncer prematuramente** e a mãe dela por quem ela tinha dificuldades tinha ficado presa à mãe, porque tinha cuidado da mãe até levá-la ao túmulo **ela era bem menina quando a mãe morreu** e tinha passado a vida cumprindo o papel da mãe quase como zumbi esse era o contexto.

✓ Na história oficial da protagonista a avó veio a falecer quando a protagonista era criança então não foi prematuramente como André coloca.

André -... E o... E quando a filha fala e aí vamos contextualizar , quando a mãe falava com a avó e aí seria numa relação de mãe e filha, a avó dizia não porque eu perdoo o teu pai e o teu pai na verdade é um homem, porque na verdade eu gosto dele do jeito que ele é.

O avô com os ovos virados falou para filha que seria a mãe da questionadora o seguinte:- O caramba, ela morreu cedo justamente porque não me aceitava, ela fugiu, ela fugiu e fugiu de câncer porque ela nunca me aceitou como eu era o

homem sai de casa e faz com as outras mulheres o que ele não faz com a mulher em casa e vamos contextualizar que nós estamos voltando 80 anos.

Quaaaaannndoo a personagem falou isso, a filha dele ficou paralisada e você interveio mostrando a situação de incesto:- Olha o que você fez com a tua filha, olha como ela não consegue se aproximar de você, porque ela soube neste momento que você anula a mãe dela, anula a figura de mulher, que a mãe dela deveria ter e ela se sub-roga na figura de mulher... E olha o incesto que você está praticando com a sua filha. E a pessoa que estava fazendo o papel da filha ficava congelada, estava paralisada não conseguia se movimentar; tamanho o medo de ficar perto daquele pai. **E isso para mim ficou claro porque eu tenho essa, eu cometi esta prática com a minha filha eu anulei e anulo a figura de mulher da mãe dela e é evidente que ela fica incompleta e ela assume a relação de minha mulher, fica claro isso.**

- ✓ Foi importante viver um papel onde se deu conta de como anular a figura da segunda esposa, mãe de sua única filha, pode causar uma interferência em sua filha.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Então quando você coloca isso, dá à impressão que você está assumindo como papel de avô a responsabilidade total como o agressor, o incestuoso e isso precisa ser contextualizado porque não é bem assim, então você percebe...

A minha pergunta na hora foi se isso que você falou o que provoca no sistema, eu perguntei, quando você ouve isso, eu perguntei para a avó, o que acontece com você? Eu tenho vontade de me afastar. Então se afaste. Eu perguntei para a filha, o que você tem vontade de fazer? Me aproximar. Mas ela não tinha coragem, se aproxima, eu te ajudo, eu banco isso com você, entende então não é que o avô é incestuoso são relações em que elas vão ocupando, encaixes onde todos têm a sua parcela de responsabilidade, então vamos contextualizar.

André – Excelente contextualização, só mostra que eu continuo mumificando por absoluto a figura da mãe da minha filha porque nem responsabilidade eu entendo que ela tenha. Muito bem contextualizado, ou seja, a minha mumificação dela como mulher é absoluta, é preciso vigiar isso... Você tem razão.

- ✓ Percebe que anula mais do que pensava a figura da segunda esposa, também demonstra certa preocupação com isso.
- ✓ Tem uma tomada de consciência.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Você tirou isso, então isso encaixou, **teve uma ressonância** com... Então como **você viu que na sua relação com a sua filha é isso que acontece?**

André – É.

- ✓ Ressonância.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Por isso que você está chamando esse de segundo trabalho?

André – Não. **Então são quatro.**

- ✓ André valida quatro trabalhos, por isso achou o valor baixo?
O primeiro onde apareceu o aborto; o segundo quando foi participante/representante, o terceiro quando segundo ele as duas energias masculinas se abraçam e esse trabalho se encerra ali e o quarto quando é o protagonista novamente e percebe sua identificação com a avó materna. (vide entrevistas anexas).

Psicoterapeuta/pesquisadora – Então houve uma **ressonância**...

André – Sim total... Lógico, fortemente, **tão forte quanto à questão colocada.** Qualquer outra questão colocada, como qualquer outra questão colocada.

- ✓ Confirma como a protagonista foi um relacionamento que cura para André com sua história.

André teve a oportunidade como representante de se trabalhar através da história do outro, isso é fantástico!

Psicoterapeuta/pesquisadora – Então ouve uma ressonância, fala um pouquinho de como é você sua filha e essas relações? Você acha que esse é um papel que às vezes acontece com a sua filha?

André – **O comportamento dela para com a Sofia (atual esposa), o comportamento dela tentando ser possessiva, ela querendo espaços e ela também foi surpreendida por isso quando ela foi fazer a Constelação Organizacional eu a levei. [...] Quando fui fazer Constelação Organizacional no meu escritório e eu fui pego de surpresa quase que com uma Constelação Familiar e ela minha filha berrou para entrar e apareceu na Constelação que ela tinha assumido o lugar da mãe numa rixa pessoal contra Sofia porque minha filha se colocava como minha mulher, não como minha filha.**

Psicoterapeuta/pesquisadora – Você transportando isso então para o seu papel agora, o que acha que a partir daí você pode fazer de diferente?

André – Transferir para o meu relacionamento com a minha filha objetivamente, **é dar segurança que ela pode ser vencedora no papel de filha**, porque ser mulher do André, é uma situação extremamente confortável, é uma sensação extremamente segura, e esta sensação, é uma sensação que ela pode se sentir insegura tendo que ser filha e responsável pela vida dela. [...] Porque o que ela viu é que quem é mulher do André não precisa ter tanta responsabilidade assim, a vida fica razoavelmente cuidada, e o choque é ela dizer o seguinte:- Cáspita, eu sou filha e a minha vida não está cuidada caramba, a minha vida depende de mim própria **e eu tenho que dar para ela a segurança de que ela será bem segura na vida dela pelos meios que ela possui, pelas competências que ela tem, pela inteligência dela, pelas possibilidades dela. Esse é o trabalho que a gente veio fazer, a gente que vem participando disso.**

✓ Começa a elaborar um novo modo de relacionar-se com a filha.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Lá no workshop, quando você se viu como avó, o que você tirou de bom de útil para sua vida?

André – Tome conta da sua mulher, coma a sua mulher muito, faça com que ela tenha prazeres orgásticos, sexuais... Afeto que ela seja muito bem comida falando vulgarmente... , mas objetivamente de para ela afeto, de amor para ela, construa-a como mulher, liberte-a como mulher faça com que ela seja uma mulher plena. Deixe-a livre para ela sentir tudo o que uma mulher pode e deve sentir e isso longe de sobrecarregar um homem alivia o homem.

- ✓ Homem com muitas responsabilidades, mas naquele papel do avô não enxerga nem a mulher nem a filha como filha.

Psicoterapeuta/pesquisadora – No que isso interfere na sua relação como pai?

André – Isso só torna mais distante a possibilidade da minha filha continuar a ocupar o lugar que não é dela.

- ✓ Ok, sexualidade com a mulher a filha como filha.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Como é que você acha que você pode fazer isso, porque aí você está vendo em relação à esposa que você tem a Sofia. O avô naquele contexto era valorizar a esposa...

- ✓ Tentativa de transportar o aprendizado que teve na história do avô para sua vida na relação à com filha, ex-mulher, esposa atual. Confusão de papéis na família.

André – É evidente que naquele contexto o André estava olhando aquela cena, e vendo que aquele imbróglio todo era porque ao invés dele comer a mulher dele ele foi comer as outras mulheres. [...] Eu não estou descontextualizando a época eu entendo o que aconteceu lá atrás, eu entendo como as coisas eram lá atrás. Mas para mim ficou claro que se este relacionamento lateral for um relacionamento forte bem construído, completo você não destrói os relacionamentos que tem menos chance, de sofrer com os relacionamentos que estão acima de você ou atrás de você, que são os teus antepassados e não destroem os que vêm abaixo de você que são os seus descendentes que isso para mim está claro, claríssimo.

- ✓ Alto demais, faltou andaime.

Psicoterapeuta/pesquisadora – O que ajudou lá naquele contexto independe da fidelidade ou infidelidade, foi o marido olhar a esposa como esposa...

- ✓ Nova tentativa: cada um ocupar o seu lugar na família. André como representante do avô fala de valores morais e não do lugar que representava naquele sistema familiar.

André – Sim, não tem nada haver com fidelidade ou infidelidade, eu só estou te dando um contexto. Porque se ele tratasse das outras e também tratasse da dele, a dele não tinha morrido... Isso é certeza.

Psicoterapeuta/pesquisadora – É o olhar como esposa, e quando o marido olha a mulher como esposa ele dá um lugar a ela, e a filha pode ser filha.

- ✓ Esta é uma compreensão a partir do olhar da Constelação Familiar.

Psicoterapeuta/pesquisadora – **Agora se você transportar isso para a sua relação com a sua filha como fica isso? Na sua vida.**

- ✓ Nova tentativa: qual é o aprendizado de André na relação com a filha à partir do percebeu neste lugar que representou?

André – Para mim isso já está só tem que ser treinado agora. **O conceito foi absorvido por mim e pela minha filha.**

Psicoterapeuta/pesquisadora – Sim, mas em relação à Sofia.

- ✓ Nova tentativa: a fala de André não deixa claro o seu posicionamento a partir do que pode vivenciar no papel como representante.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Então quem você está excluindo?

- ✓ Segundo a Constelação Familiar, a mãe da filha está excluída ele não a reconhece e isso pode trazer um emaranhado para o sistema familiar.

André – **A mãe dela, a mãe dela está excluída.** É o que eu disse para você eu tenho essa dificuldade, é uma nulidade absoluta é tão nula que eu trago a culpa toda

para mim (sorri). É o que eu digo consciente eu estou fazer é que pode demorar 100 anos, mas a gente vai fazer o que pode.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Então é esse pedacinho que está faltando?

André – É isso aí. Eu preciso trabalhar isso eu sei, eu sei, eu sei. Eu tenho consciência, eu tenho o racional absoluto sobre isso, eu tenho o racional absoluto sobre isso.

- ✓ Importante essa consciência deixamos um projeto de trabalho para André se este for seu desejo ele tem uma meta futura.

4. Qual o aprendizado para André como participante?

Pude compreender pelas respostas de André que:

- A história da protagonista foi um convite a refletir sobre sua relação com sua filha.
- Ajudou André a ampliar seu conceito sobre relações incestuosas o que o levou a questionar como isso acontecia na relação com sua filha: ... ***“E isso para mim ficou claro porque eu tenho essa, eu cometi esta prática com a minha filha eu anulei e anulo a figura de mulher da mãe dela e é evidente que ela fica incompleta e ela assume a relação de minha mulher, fica claro isso”***.
- Percebe e reconhece a importância da oportunidade de se trabalhar através da história da protagonista.
- Vislumbra um novo caminho para seu relacionamento com a filha.
- Reforça a importância da filha ocupar o seu lugar e papel de filha na relação com ele e não de sua mulher e companheira.
- Reconhece também que exclui a mãe de sua filha e que isso é prejudicial a sua filha bem como ao seu relacionamento com ela. ***“A mãe dela, a mãe dela está excluída... [...] Eu preciso trabalhar isso eu sei, eu sei, eu sei. Eu tenho consciência, eu tenho o racional absoluto sobre isso, eu tenho o racional absoluto sobre isso”***.

- **André como Protagonista pela Segunda Vez.**

Descrição do contexto do workshop onde André foi o protagonista:-

Retomamos o trabalho como questão a ser colocada a “covardia emocional”.

A Psicoterapeuta/pesquisadora pede para André escolher no grupo um representante para ele e outro para o problema. Ele escolhe a representante Beth para estar no papel de André e o representante Antonio para estar no papel do problema.

Esse trabalho tem sua seqüência de desenvolvimento e vai acabar na relação familiar de André com seu pai e sua mãe e outros familiares que vão compondo a cena conforme as informações de André.

5. O que chama a atenção da Psicoterapeuta/pesquisadora?

André – Depois disso, nós tivemos o terceiro trabalho. O terceiro trabalho foi da covardia emocional quando a Beth (representante) aceitou fazer o meu papel, e o Antonio (representante) fez o papel da covardia moral.

Aquilo foi muito instantâneo porque as **duas figuras masculinas também se abraçaram e se juntaram. Elas precisaram estar juntas; aquele trabalho se encerrou em si próprio, é esse que eu chamo de terceiro**, quando eu disse para você que isso representa duas energias masculinas se abraçando e se aproximando, **eu disse para você que isso representa que eu nunca tive um homem pra tomar de mim! E isso foi um fim em si próprio. A partir dali você passou a fazer toda a reconstrução do contexto da minha masculinidade da minha família dos antepassados, mas aí eu chamo de quarto trabalho, o terceiro foi esse, foi muito eloqüente, foi muito rápido, mas muito eloqüente.**

✓ Validar como um terceiro trabalho fazia parte do mesmo contexto não havia me dado conta como essa experiência havia sido significativa para ele.

André segue falando:-

Eu convidei o Antonio (participante do grupo) para fazer o papel de covardia moral. O primeiro impulso de ambos foi se abraçarem e se abraçaram mesmo, vigorosamente, fraternalmente, e você me perguntou:- ****O que é isso André, são**

duas energias masculinas. E eu disse a você:- **É evidente eu nunca tive um homem para cuidar de mim.** Então você disse que esse trabalho estava encerrado em si, vamos fazer então a reconstrução da... do núcleo familiar.

**** Obs.:- Esclarecimento da Psicoterapeuta/pesquisadora** - Na verdade, a pergunta para André foi:- **Esta cena diz algo para você? O que significa para você? São duas energias masculinas se abraçando.** [...] Aí para mim está claro terminou o terceiro trabalho e começou o quarto trabalho. Esse fala sozinho que eu tenho que entender e conviver e para mim foi natural, **Ok eu entendi, esta foi a minha realidade. Ela não é uma realidade feliz ou infeliz é só minha realidade natural, nunca tive e ponto.** E isso não é bom nem é ruim, é só um fato, um fato decorrente da minha vida. **Foi muito, muito forte para mim, muito forte para mim, mas extremamente balsamizante! Daí porque deste passo para todo o resto para mandar todo mundo se foder no final, todo o resto que foi muito bonito. A história da minha avó, eu fiquei muito feliz de ter esta ligação tão forte com a minha avó,** minha avó para mim sempre teve um valor extraordinário pela força de trabalho daquela mulher, por tudo o que ela marcou, na vida familiar que ela teve... [...] Eu compreendo o desprezo que eu tenho pelos meus tios-avós que sempre gostaram muito de mim que são irmãos da minha avó, sempre adoraram a mim e o meu irmão, meu irmão tem... Hoje praticamente todos faleceram, mas o meu irmão sempre teve... relacionamento... Eu embora conviva muito bem com eles, **eu tenho um desprezo absoluto por eles,... Não que eu fizesse grosserias, mas eles não representavam nada mais nada menos que estorvos, que pessoas inúteis, pessoas más que ... pessoas nocivas, ... os irmãos da minha avó, pelo que fizeram com ela, eu estou te narrando a alegria de eu ter visto este... esta minha ligação com a minha avó. Ela era usada então eu me permitia ser usado.**

- ✓ André fica feliz de perceber sua ligação com sua avó.
- ✓ O falar mal é uma repetição da entrevista prévia.
- ✓ Repetição de padrão em relação a avó materna.

André - A avó. Mas isso ficou claro na configuração **é evidente que eu não poderia deixar de ter um comportamento que ela sempre teve, ela sempre foi usada, ela era forte então não tinha problema monta nas costas que eu carrego.**

- ✓ Isto me lembrou muito a fala dele em nossas entrevistas prévias!

Psicoterapeuta/pesquisadora – Mas, você já sabia disso, você já relacionava isso com a avó?

André – Não, isso ficou muito claro na Constelação* e isso foi muito importante.

*leia-se workshop relacionamentos que curam.

- ✓ André experimenta uma surpresa ao descobrir a ligação dele com a avó é uma novidade para ele.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Isso é uma repetição de padrão.

André – Sem dúvida alguma... Mas se for, eu nem sei se é uma questão de arquétipo, mas se for uma questão de arquétipo, que é uma repetição de padrão, sem dúvida nenhuma, que isso é algo que está quebrado, está quebrado, não vai adiante, não vai passar para os meus descendentes, está rompido...

Psicoterapeuta/pesquisadora – Foi quando eles foram morar na sua casa com os avós, com seus pais e estava difícil saber quem era o pai...

André – Nenhum dos dois era.

- ✓ Aqui dá para entender melhor a confusão de André, os papéis nessa família também não estão claros. Moravam todos juntos os avós (pais da mãe de André), os pais, ele e o irmão, porém o pai ao olhar de André não era pai. Na representação ficava difícil saber quem era quem a dinâmica era confusa
- ✓ Faltou a figura de pai para André.

Psicoterapeuta/pesquisadora – E a ligação forte do seu pai com a avó.

André - Porque ela era a mãe dele, a mãe que ele não teve, a mãe que sempre foi ausente, o pai morreu, a mãe foi trabalhar, e com a desculpa de trabalhar nunca olhou para os filhos.

Psicoterapeuta/pesquisadora – E muito mais forte a ligação do seu pai com a avó do que com a própria filha.

André – Com a filha nenhuma, a filha não tinha nenhuma ligação com a mãe. A minha mãe não é a figura apagada e morta que apareceu na constelação é que a energia a ser tratada é a energia masculina e **a energia masculina ali só tinha da minha avó. A única energia masculina de verdade ali era da minha avó, nem do meu vô, nem do meu pai, por isso que tratou a energia masculina.**

O animus existe um conceito que eu ouvi este conceito de Evaldo Ferreira Franco. Evaldo Ferreira Franco, não sei se você conhece, é um médium, e é um médium.... É uma referência muito grande... Eu ouvi uma palestra dele em rádio e ele faz um comentário que eu achei fascinante com uma lógica tremenda, ele diz o seguinte:- Que a virilidade do homem é amenizada pela anima que ele recebe. E a feminilidade e a resistência da mulher elas são potencializadas pelo animus, então o corpo da mulher, o espírito quando reencarna, o formato de mulher recebe o corpo com as condições femininas e o animus que é uma energia vigorosa masculina e o homem quando reencarna no corpo viril de homem ele recebe para amenizar esse comportamento que há rancor é guerreiro e que só resultaria em violência ele resolve, recebe a anima que é a energia feminina. E o homem procura na mulher o animus correspondente a ele, e a mulher procura no homem a anima onde ela se aninha e se agasalha para repousar aquele espírito vigoroso animado pelo animus, muito interessante isso.

Então nesse contexto a força masculina da minha avó é a referência... Daí porque pra mim era absolutamente calmo manter todo mundo se foder ao final.

- ✓ O pai de André também não teve pai, morreu cedo, acabou não tendo mãe também porque vivia trabalhando. Curiosamente o pai de André se apegou a sogra numa relação como se fosse para ele a mãe que ele não teve.
- ✓ Por sua vez, essa sogra, avó de André, a mesma que André se identificou, se apegou ao genro como se ele fosse filho dela. Ela não se relaciona bem com a filha (mãe de André) que carrega o nome de uma mulher que o marido foi apaixonado por ela.
- ✓ As relações nesta família estão confusas, os papéis não estão definidos e isso se reflete nos relacionamentos.
- ✓ A referência de energia masculina que André tem é da avó.

André –... E quando você pediu para eu voltar eu mandei você tomar no cú também, e com muita e talvez como o André antigo, é que eu pude suportar você tentando me acalmar. ***

***** Obs.:- Esclarecimento da Psicoterapeuta/pesquisadora:-** Na verdade André não verbalizou nenhuma ofensa para a Psicoterapeuta/pesquisadora.

Psicoterapeuta/pesquisadora – É não foi legal...

André – Mas, vamos contextualizar só. Isto foi importante, isto foi muito legal. Por isso que eu acho que foram quatro trabalhos. **Porque no terceiro trabalho, sem o terceiro trabalho, aquele que durou minutos eu nunca conseguiria chegar ao fim do quarto.**

Psicoterapeuta/pesquisadora – Bem, eu acho que eu cometi um erro e peço desculpas a você porque eu acho que não tinha que haver aquela, aquele colo...

André – Foi antes do colo. Foi antes do colo.

- ✓ No workshop, enquanto Psicoterapeuta/pesquisadora, fui surpreendida achei que o incomodo foi no trabalho ele ter experimentado receber o colo do pai.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Como?

André – Quando você tentou me acalmar eu mandei se foder e saí do sistema, você pediu para eu voltar eu mandei eles tomarem no cú; e saí do sistema e você veio me colocar no sistema de novo e me segurar a energia aqui (aponta para o peito) eu não te pedi, mas eu tive que me segurar para não te empurrar ...

Psicoterapeuta/pesquisadora – É, mas isso é algo que precisa ser trabalhado, sabe por quê? Porque isso mantém um padrão, isso não transmuta o padrão. Isso fica claro, a gente identificou de onde vem, mas nós não, foi importante não estou

desmerecendo o trabalho ta, eu acho que foi um avanço, foi uma surpresa para mim aparecer a ligação com a avó...

André – Então, para mim também, para mim também.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Eu não tinha percebido tão forte, então eu acho que é um início, mas é só a ponta do iceberg, tem mais coisa aí. Então... o que ficou forte, porque veja só, no trabalho o padrão que ficou estabelecido foi um padrão muito forte da avó e de uma postura firme, mas ela não transformou isso não foi transformado, e você mantém esse padrão no sistema ... Então o “puta que pariu e mandar o outro se foder”, ele mantém a energia no sistema e não transforma, isso não é uma transformação.

André – E o que é transformação?

Psicoterapeuta/pesquisadora – Mantém a exclusão, a transformação seria uma atitude de benevolência é algo completamente diferente, não é na dureza é no perdão e a avó não foi capaz de fazer isso, ela não foi capaz de fazer isso. ****

**** **Obs.:- Esclarecimento da Psicoterapeuta/pesquisadora:-** O contexto é o que foi vivenciado no Workshop através da atuação dos representantes.

André – Até hoje!

Psicoterapeuta/pesquisadora – Até hoje. Você precisa ser capaz de fazer isso, ela não vai fazer, ela não tem forças para fazer, você...

André – Por que isso não foi trabalhado?

Psicoterapeuta/pesquisadora – Ela não consegue.

André – Ah, entendi no sistema ela não consegue. Ela não consegue.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Ela não abriu com a ex- amada do avô, ela não se abriu com o avô, com a filha dela, eu tentei de um lado, tentei de outro...

André – Ela é impermeável!

Psicoterapeuta/pesquisadora – Ela é impermeável. Eu tentei de um lado, eu tentei de outro, ela não consegue, e aí não tem como, eu não tem a permissão. [...] Ok. Não foi possível, tudo bem, é aquele negócio que passa para outra geração. Isso se a gente pegar a Teoria do Hellinger, por este enfoque. Então, é o que fica para os próximos, então a “cura” aspas, aspas, aspas,... E super contextualizado e dentro de uma visão de uma humana ta bom? De uma pessoa pequena, e que não é a dona da verdade, mas do lugar que eu olho a cura não é você mandar o outro se foder, foda-se , isso não é a cura; isso te mantém no padrão. A cura é você amolecer e mostrar para a avó que você a ama, mas que você pode se libertar do padrão que você está e se mantém, é muito mais que isso, e aí a gente tem um limite da técnica que eu acho, vou falar uma coisa que você não gosta, mas eu preciso falar da necessidade de um processo psicoterapêutico...

- ✓ Um grande aprendizado para a Psicoterapeuta/pesquisadora! Jamais poderia imaginar ter irritado tanto André, não foi muito fácil ouvir, mas por outro lado também revela que ele se sentiu a vontade para falar comigo.
- ✓ Ouvir o “falar mal” direto de um cliente é estranho, mas de certa maneira o fato de nas entrevistas prévias ter me conectado com uma parte frágil de André me ajudou a não tomar sua expressão para o lado pessoal. Acho que na hora que ele se expressou eu me lembrei da imagem de uma cena que ele me descreveu um menino que tomou como sua responsabilidade a felicidade da mãe, um menino que corria feliz no campo de futebol, ele era livre a descrição da sua inocência me ajudaram a manter meu contato com ele e não ter uma atitude defensiva.
- ✓ A partir daí pudemos conversar a respeito desse padrão de repetição herdado da avó e que ele reproduz na sua vida, ao mesmo tempo fazer a indicação para um processo psicoterapêutico.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Mas ok. Entende, então esse é um padrão que você pode transformar então não dá para ficar no “foda-se”. Eu não podia te deixar no “foda-se”. Porque isso não transforma isso exclui. Então é um outro padrão numa técnica dessa ela vai fazer uma intervenção, mas isso é necessário um processo, então o que você tem que ficar atento a situações na sua vida onde a vida, o Universo, Deus, sei lá o campo espiritual, vão te pedir situações que envolvam o perdão porque aí você quebra esse padrão. Então essa ex-mulher com todas as restrições ela é uma oportunidade de que você faça esse exercício de perdão por exemplo.

André – Está claro.

- ✓ Percebo que nós dois conseguimos estabelecer vínculo um com outro.
- ✓ Foi possível contextualizar e reintegrar a ex-mulher que ele exclui.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Porque você querendo ou não é um herdeiro do legado dela. Você é o que mais recebeu esta herança deste padrão.

André – Muito claro. Muito claro. No plano do racional claríssimo. (Sorri). Claríssimo. Quando eu falo do plano do racional eu aceito como verdade ta, não tenho dúvida.

- ✓ Fica claro o surgimento dos padrões de repetição transmitidos de geração para geração.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Agora não foi adequado e eu não fui habilidosa na hora eu tentei esse colo para ver se...

André – Mas você sabe que isso não me incomodou.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Mas não foi adequado.

André – Tá bom aí você vai fazer a sua análise da técnica, eu só posso te falar o que eu senti. **Eu não fiquei incomodado com o colo, eu só te olhava e falava “porra me tira daqui”. Mas isso eu te digo não me incomodou, não me**

incomodou. Me incomodou você me pacificar antes, antes quando você pôs a mão (referindo-se na nuca e no peito) aquela hora você me incomodou.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Eu queria te pedir desculpas, minha intenção não era pacificar, mas era no sentido de diminuir ou qualquer outra coisa, era no sentido de fazer alguma para te ajudar a transmutar aquilo. Eu te peço desculpas se eu passei essa idéia para você. Ficou claro agora por que eu...

André – Ficou claro, **agora fala comigo, conversa comigo**. Nós não teremos a última conversa hoje provavelmente. **Conversa comigo, não põe a mão**.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Eu não deveria ter te tocado.

André – Não põe a mão.

André – Converse comigo.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Me desculpe pela invasão. Eu acho que eu fui invasiva nisso.

André – Não peça desculpas, porque todos nós estávamos trabalhando, não é isso também. Eu só estou te falando com a liberdade que a gente tem.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Não, não, claro André. Claro.

André – Não dá para dar meia voltinha. Tenho que ser direto.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Mas você entendeu ?

André – O que eu posso te dizer é como sugestão e talvez eu devesse na entrevista ter te dito. Só duas pessoas encostam a mão no meu cabelo três:- a minha mãe, a Sofia e a minha filha de vez em quando, quando é ela quando não é a mãe dela que está tocando, mais ninguém. **Então é uma questão minha eu deveria ter te avisado, mas a sensação é se houvesse algo a fazer teria que puxar da razão**.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Ok vou levar isso como aprendizado, sou grata pela oportunidade que você está me dando de esclarecer isso. Muito obrigada.

André – É nosso.

- ✓ Esse foi um dos dois mais importantes aprendizados que eu já tive como Psicoterapeuta/pesquisadora nesses 20 anos de prática clínica. Primeiro pela surpresa eu jamais poderia supor que o que havia provocado tudo isso foi o fato de ter tocado com a ponta dos dedos a nuca dele e com a palma da mão no peito muito suavemente. Esse é um exercício que fazíamos na minha época em que a Transpessoal era a minha abordagem de maior influência na prática clínica. Usávamos num trabalho de desbloqueio energético para tentar ajudar o cliente a fazer contato com o sentimento. Valeu! Aprendi que :
NUNCA TOQUE SEU CLIENTE SEM PERGUNTAR. ISSO É BÁSICO!!!!!!
- ✓ Fiquei muito feliz comigo e como sustentei meu eixo para ouvir tudo isso sem desprezar o trabalho que fizemos, reconhecendo o que foi bom, o que preciso melhorar o que é meu e o que é dele.
- ✓ Um cliente como André me ensina a importância de “puxar pelo racional”.

Psicoterapeuta/pesquisadora - Isso pelo fato de você ter feito a Constelação e ter feito esse trabalho, tem alguma coisa que você achou que precisa de um maior esclarecimento?

André – Não, não há. **Acho que a técnica que você aplica é uma técnica muito mais apropriada. Eu entendo a Constelação e continuo achando que ela pode trazer de efeitos que ela pode ser trabalhada, mas hoje eu concordo muito com a Sofia (esposa) quando ela fala que nem todo mundo está preparado para ser independente, para se auto gerenciar a carreira, então a tua técnica é muito mais adequada. Você coleta as informações do seu paciente, você coleta as informações da pessoa e trabalha muito melhor, mais segura sem dúvida.**

- ✓ Foi bom ouvir seu reconhecimento.
- ✓ Demonstra que ele percebe a diferença entre a Constelação Familiar e o Relacionamentos que Curam. Valida os dois caminhos.

6. Qual o significado para André do segundo trabalho como protagonista?

André conseguiu ao longo do workshop externalizar o problema fora dele e também conseguiu nomear o problema “covardia emocional”.

A covardia emocional ou moral tem a ver com uma covardia de ordem emocional e significa não guardar dinheiro na conta, não se sentir digno de ter nada, e quer dizer você ocupar o seu lugar.

No segundo trabalho de André como protagonista a covardia emocional se transforma em algo que ele reconhece que nunca teve [...] **eu disse para você que isso representa que eu nunca tive um homem pra tomar conta de mim!...** ; essa possibilidade foi tão significativa que André valida essa parte como um trabalho em si... [...] **E isso foi um fim em si próprio**, ainda que isso demonstrasse a falta de certa maneira o ajudou a continuar o trabalho [...] **muito forte para mim, mas extremamente balsamisante!**”, [...] **porque no terceiro trabalho, sem o terceiro trabalho, aquele que durou minutos eu nunca conseguiria chegar ao fim do quarto.**

Segundo André, neste trabalho também focamos a reconstrução agora no contexto da masculinidade da família [...] **A partir dali você passou a fazer toda a reconstrução do contexto da minha masculinidade da minha família dos antepassados, mas aí eu chamo de quarto trabalho, o terceiro foi esse, foi muito eloqüente, foi muito rápido, mas muito eloqüente.**

André identificou que essa a questão colocada como problema é um padrão herdado da avó materna e isso foi uma grande surpresa.

7. O que está levando de útil para sua vida?

Psicoterapeuta/pesquisadora – Obrigada pelo reconhecimento. E agora assim fazendo um apanhado geral de toda a sua vivência no Workshop, finalizando este processo, **o que você está levando de útil para a sua vida; dessa experiência que a gente pode compartilhar nesses encontros. Foram três entrevistas antes do Workshop, o workshop e mais essa entrevista. O que você está levando de útil para sua vida agora?**

André – Os únicos dois desenvolvimentos que realmente justificam:- o desenvolvimento moral e o desenvolvimento intelectual. Esse trabalho todo desde a primeira entrevista até a entrevista de hoje, ele me deixa mais livre esse acordo, nós só nos desenvolvemos moral e intelectualmente; todo o resto é inexistente, é insubsistente, não tem... O que eu estou levando é uma condição moral e intelectual, o que me atravancava e o que me atravanca o que precisa ser corrigido isso faz parte do meu desenvolvimento, mas isso permite encarnarmos, nós sejamos mais espíritos ...Isso é a essência da nossa vida!

8. Perspectiva de futuro, seus sonhos...

Nesse item, procurei compreender os projetos, para o prazo de um ano, metas estabelecidas no workshop a partir do que cada um percebeu de significativo no trabalho.

André – O que eu tiver que arrumar na minha vida financeira, fazer o divórcio da mãe da minha filha eu sou separado, mas não sou divorciado. Eu vou comprar um apartamento grande o suficiente ou casa grande o suficiente para acomodar a filha da Sofia e a minha filha, de forma em que elas não torrem o nosso saco (sorri) e elas tenham uma vida autônoma e que eu possa casar com a Sofia, casar no sentido emocional e moral do sentimento...

9. Relacionamentos que Curam...

Descrição da cena da história da protagonista Vera para André:-

André foi escolhido pela protagonista Vera para representar seu **avô** materno.

Esse era um papel de um homem boêmio que tinha muitas mulheres fora de casa, sua esposa que na cena seria a avó da protagonista, aceitava passivamente sua condição.

Era uma mulher doente tinha câncer, mas só veio a falecer quando a neta (que era a protagonista) era criança.

Quando a avó veio a falecer na verdade a neta perde também sua mãe que ficou muito triste e desconsolada. Essa é a história oficial da protagonista.

Na atuação dos representantes exatamente na cena onde se encontram o avô, a avó e a mãe da protagonista – André era o avô, Maria a avó, e Sofia a mãe. (apesar de serem citados avô, avó e mãe estes são em relação ao parentesco com a protagonista, estamos também falando de uma relação pai, mãe e filha na geração respectiva).

A cena se desenrola mais ou menos assim:- a filha vira para a mãe e a culpa por ter câncer como se a doença fosse uma maneira de não enfrentar e não reagir à vida que leva ao lado do pai, também acusa o pai de causar sofrimento a mãe doente.

A postura da filha era de uma mulher competindo com a mãe o mesmo homem no caso o pai.

Neste momento o pai apóia a filha e também começa a acusar a esposa aliando-se a filha, ambos contra a mãe. A mãe não reage.

A Psicoterapeuta/pesquisadora interfere e fala que esta é uma relação incestuosa e pergunta para a mãe o que acontece com ela quando ela ouve isso do marido.

Ela responde que tem vontade de se afastar. A Psicoterapeuta/pesquisadora pede para que ela então se afaste.

Pergunta para a filha quando você ouve isso do seu pai o que acontece com você?

A filha responde que tem vontade de se aproximar.

A Psicoterapeuta/pesquisadora pede para que ela se aproxime. Foi então que a representante paralisou! Não conseguia mover-se do lugar.

Trabalhamos com a representante até que ela conseguiu se aproximar do pai como filha.

O pai também consegue emocionado abraçar a filha, como filha, não mais olhando-a como mulher.

André – Eu agradeceria a Vera porque para ela aceitar ser mulher e por ela conviver com as dificuldades que foi ser mulher para ela e está sendo ser mulher para ela, **ela me ajudou a viver uma figura para eu tentar ser um homem melhor.**

E se ela não fosse mulher e não tivesse a coragem de ser mulher, de por o sentimento, de prestigiar o sentimento, que se o sentimento não estiver bom, e se

ela não tiver plena de sentimento de amor, o resto é irrelevante e ela não teria vindo e eu não teria chegado a essa, a esse re-exame da postura do homem.

Os pais de André

No workshop como parte da finalização do trabalho escrevemos uma carta de gratidão aos nossos pais.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Ok. André com relação à carta de gratidão aos pais o que você fez?

André - Está no escritório eu vou levar para casa para deixar na gaveta onde eu tenho o material escrito daquela terapia relâmpago que eu te falei que fiz. Eu achei que a carta está bem escrita, ela faz um sentido. **Eu acho que entregar para eles é um outro caminho, eu acho que é um mundo muito complexo talvez para eles lerem tudo junto.**

André um relacionamento que cura para a Psicoterapeuta/pesquisadora.

Aqui aprendi a abrir um espaço de reflexão para os aprendizados que André trouxe com sua história...

Quando ele não se responsabiliza por ter dado o significado a covardia emocional ele também confirma a importância da maneira como o Workshop Relacionamentos que Curam está fundamentado, de ser o protagonista aquele que dá sentido à cena e a condução do trabalho.

Ele me ajudou a confirmar que este trabalho não tem nada a ver com a energia espírita ainda que tenha muita da Espiritualidade.

Acho que André traz uma questão central que diz respeito à importância de se ter claro numa família o papel de cada um, a importância de cada um ocupar o seu lugar. É bom numa família que o pai saiba ser pai, a mãe se posicione como mulher para o marido e mãe para a filha e que a filha saiba o lugar dela, sem competir com a mãe. Isso traz clareza, traz ordem. Vejo a Ordem de Amor que Bert Hellinger fala na força da ordem.

André confirma por meio de seu aprendizado a ressonância que nos une Psicoterapeuta/pesquisadora, protagonista e representantes e como as nossas histórias são ricas e podem ser grandes recursos dependendo do uso que façamos delas. É maravilhoso!

O trabalho também me ajudou a compreender o que Michael White, tão sabiamente escreve, quando a pergunta não encontra um eco, falta um andaime, ela está alta demais para o cliente acessá-la.

Percebi por meio do relacionamento com André o quanto sou persistente.

André me ajudou a perceber minha paciência.

Reconheci no processo com André como estou integrando a teoria e prática.

Confirmei o que Hellinger fala sobre a exclusão e como isso tem uma consequência na família, no caso de André problemas com a questão no posicionamento com a filha.

Aprendi com ele como às vezes uma simples cena para o Psicoterapeuta/pesquisadora, pode ter um significado tão especial para o cliente.

Fico agradecida por poder testemunhar o que leio nos livros, a questão da transgeracionalidade. Neste trabalho foi surpreendente! A crença, os valores da avó passados para André! A gratidão é poder num trabalho como esse poder vivenciar, na prática a teoria.

Meu contato com André reafirmou a importância das entrevistas prévias num trabalho como este. Foi por meio dessas entrevistas que pude identificar padrões conhecidos e isso foi importante para não perder o foco do trabalho ou me perder em questões pessoais minhas.

Que bom poder ouvir também uma crítica de seu cliente sem desvalorizar todo o seu trabalho, mas poder dar voz à sabedoria que vem dele. Sinto falta desse espaço na comunidade terapêutica. Fiquei satisfeita por poder reconhecer onde não foi bom, poder pedir desculpas, sustentar o espaço de conversação sem levar para o pessoal e manter o vínculo. Toda minha gratidão a André.

André -... E como sugestão que você pediu:- Reveja os seus preços, tá? Reveja os teus preços, você pode convidar pessoas que não possam pagar, mas você deve cobrar o suficiente das pessoas que podem e devem pagar bem o teu trabalho. E você não precisa explicar pra nenhuma delas quem é quem.

5.4.3 Uma Reflexão Sobre o Encontro Possível da Psicoterapeuta/pesquisadora com Sofia no Contexto do Workshop Relacionamentos que Curam

SOFIA

Breve histórico do contato com Sofia:

O nome Sofia é dado pela Psicoterapeuta/pesquisadora para preservar a identidade da cliente.

Este é o segundo Workshop de Sofia, em Maio de 2008 foi uma das protagonistas do dia.

Encaminhada por sua Psicoterapeuta/pesquisadora; já conhecia a Constelação Familiar, porém nunca havia se trabalhado apenas como participante.

Nosso contato foi muito produtivo e Sofia ficou animada com seu trabalho, razão pela qual encaminhou seu companheiro André no Workshop seguinte.

Sofia veio como participante neste grupo a pedido do próprio cliente e pelo interesse dela.

Conversamos com André a respeito de como seria a presença dela e se isso poderia inibi-lo ou causar algum constrangimento para ambas às partes principalmente no que diz respeito à questão de segredo e também acerca da própria individualidade dele perante o relacionamento com a esposa.

Ambos verbalizam que se sentiriam absolutamente à vontade e que não teriam nada contra a participação do outro no trabalho. Mediante este posicionamento foram alertados sobre todas as questões éticas. Ela deu seu consentimento reafirmando sua vontade. Assim, aceitamos a inscrição de Sofia como participante.

Sofia considera-se casada com André, apesar de não morarem juntos.

O contato com Sofia para agendarmos esta entrevista foi feito após 15 dias do Workshop (13 de Setembro de 2008), mas devido à sua agenda esta entrevista aconteceu no dia 15 de Outubro de 2008.

A transcrição dessa gravação foi realizada pela própria Psicoterapeuta/pesquisadora e é um documento fiel a expressão oral, não havendo nenhuma correção ou adequação, justamente para manter a fidelidade do documento. A entrevista na íntegra pode ser vista no anexo.

- **Sofia como Participante**

Contexto do Workshop onde Sofia atuou como representante:-

Esta é a segunda vez que Sofia comparece ao Workshop Relacionamentos que Curam, a primeira vez veio como protagonista acompanhada por sua Psicoterapeuta/pesquisadora.

Desta vez veio como participante e acompanha seu companheiro.

Sofia foi convidada pelos protagonistas do dia para atuar como representante nas duas histórias apresentadas.

A nossa entrevista final seguiu num espaço de conversação para que Sofia expressasse livremente sua experiência vivencial.

Em seu relato ela fala inicialmente da representação na história de Vera, onde ela foi mãe da protagonista, a mesma citada onde André está como representante do avô.

O avô é um homem boêmio que tinha muitas mulheres fora de casa, sua esposa que na cena seria a avó da protagonista, aceitava passivamente sua condição.

Era uma mulher doente tinha câncer, mas só veio a falecer quando a neta (que era a protagonista Vera) era criança.

Quando a avó veio a falecer na verdade a neta perde também sua mãe (Sofia representante) que ficou muito triste e desconsolada. Essa é a história oficial da protagonista.

Na atuação dos representantes exatamente na cena onde se encontram o avô, a avó e a mãe da protagonista – André era o avô, Maria a avó, e Sofia a mãe. (apesar de serem citados avô, avó e mãe estes são em relação ao parentesco com a protagonista, estamos também falando de uma relação pai, mãe e filha na geração respectiva).

A cena se desenrola mais ou menos assim:- a filha (cuja representante foi Sofia) vira para a mãe e a culpa por ter câncer como se a doença fosse uma maneira de não enfrentar e não reagir à vida que leva ao lado do pai. Também acusa o pai (representado por André) de causar sofrimento a mãe doente.

A postura da filha (representada por Sofia) era de uma mulher competindo com a mãe o mesmo homem, no caso o pai.

Neste momento o pai apóia a filha (representada por Sofia) e também começa a acusar a esposa aliando-se a filha, ambos contra a mãe. A mãe não reage.

A Psicoterapeuta/pesquisadora interfere e fala que esta é uma relação incestuosa e pergunta para a mãe o que acontece com ela quando ela ouve isso do marido.

Ela responde que tem vontade de se afastar. A Psicoterapeuta/pesquisadora pede para que ela então se afaste.

Pergunta para a filha (representada por Sofia) quando você ouve isso do seu pai o que acontece com você?

A filha (representada por Sofia) responde que tem vontade de se aproximar.

A Psicoterapeuta/pesquisadora pede para que ela se aproxime. Foi então que a representante (Sofia) paralisou! Não conseguia mover-se do lugar.

Trabalhamos com a representante (Sofia) até que ela conseguisse se aproximar como filha do pai.

O pai também consegue emocionado abraçar a filha como filha não mais a olhando como mulher.

1. O que chama a atenção da Psicoterapeuta/pesquisadora?

a) Reflexões baseadas na conversação com Sofia na entrevista final.

Legenda:

✓ = Considerações da Psicoterapeuta/pesquisadora.

Em **negrito** encontram-se as falas de Sofia que são significativas para a Psicoterapeuta/pesquisadora.

Como você foi tocada pelas histórias que você ouviu?

No sentimento e na razão. O fio condutor das histórias de hoje foi no meu entender a importância do amor entre pais e filhos.

Eu tive a sensação “eu estou também aqui”, mas eu não levei... Foi naquele momento, mas eu não levei para o meu nível de consciência depois que eu sentei e terminou aquela... Terminou a questão.

- ✓ Ressonância a sensação “eu estou também aqui”. Confirma o que no Workshop Relacionamentos que Curam dizemos que os representantes são atraídos por uma espécie de campo magnético que reconhece semelhança entre a história do protagonista e a dos representantes.

Sofia - Conversando depois com o André, foi então que eu entendi, eu consegui enxergar porque que eu fui para, porque ter representado a filha ou a moça que queria é... Que a questão era adequação e que no fundo tem muito a ver comigo, não é, porque é a questão do julgamento de eu sentir, não ter segurança no que eu faço, tinha tudo a ver comigo! Não ter...

Psicoterapeuta/pesquisadora – Você entendeu que a questão da Vera para você era a adequação?

Sofia – Eu entendi que ela tinha colocado como adequação..E nesse sentido éééé... Eu até me lembro que eu fiz a brincadeira, eu fiz a colocação para ela no final que ela tinha sido muito adequada, então isso me marcou muito! Éééé... Porque ela necessitava, ééééé... Na verdade de uma confirmação positiva das suas atitudes, uma confirmação positiva dos pais com relação as suas atitudes **e é mais ou menos o que eu enxergo um pouco em mim. Não é? Ainda hoje quando eu me dedico para os meus pais, quando eu me dedico as vezes até para um cliente de uma forma que vai além até da forma que tem que ir, que eu me comprometo. Ééééé... Entrego de alma e para mim é difícil porque eu sempre me entrego muito na... Seja no trabalho, seja na vida pessoal. [...] Então com relação aos meus pais que era exatamente a questão dela, hoje eu percebo como era complicado para aquela criança ou para a adolescente. Porque hoje quando eu dou assistência para eles quando eu socorro, quando eu estou presente, quando eu vejo se a minha mãe tem calcinha ou soutien e eu vou eu compro, eu faço eu ... e não vem:- Poxa filha obrigada, poxa filha você está ... [...] Então eu ligo é assim:- Eu estou vendo futebol o que você quer? E eu estou querendo saber deles, e eu estou**

querendo saber se está tudo bem. Eu quero saber se eles estão organizados para irem para determinado momento, então eu transporto isso lá para trás e eu falo poxa eu não tinha como comprar, mas eu tinha como me portar.[...] Então eu era excelente aluna; então eu entregava desempenho de escola, eu não mentia, eu obedecia, **mas provavelmente não tinha aquela provação para falar é assim mesmo que bom algum tipo de... Algo que eu percebesse a adequação, que eu me sentisse segura por aquilo que eu estava fazendo naquela época.**

E hoje a sensação é... Hoje me dá raiva, **hoje me dá raiva porque eu falo:- O que mais eu preciso fazer? Por que nunca está bom? Por que nunca é o adequado? Por que nunca uma confirmação?**

Então tem sempre um temor será que... Como vai ser recebido? Qual será a atitude? **Então eu me identifiquei dessa maneira na questão**, naquele... Naquela questão e aí éééé... Deu para perceber deu para eu enxergar isso até hoje eu busco de alguma maneira essa confirmação deles do tipo e aí você está colocada, você está bem posta, você está bem enquadrada, você age certo, você nos acolhe éééé...Você deu certo Sofia! Na outra questão...

- ✓ Sofia acha que a questão de Vera é adequação, na verdade a questão da protagonista é inadequação. Não adiantaria corrigir sem entender o significado para ela, aguardar...

Psicoterapeuta/pesquisadora – Voltando um pouco nesse lugar... Sofia o que foi importante para você na história da Vera?

Sofia – **Porque eu acho que era alguém, que fica uma coisa meia tonta não é? Às vezes eu falo para mim, mas porque eu ainda preciso insistir nisso.**

Eu já estou fora, eu já vivo a minha vida eu já não tenho dependência ao contrário eu já... Hoje até pela idade deles assim a situação se inverteu um pouco porque eu ainda preciso disso e a rigor a gente acaba estendendo, não é, isso para a vida pessoal e fora. Parece bobagem você fala assim, mas que tontice que estupidez não é? Isso já passou isso já ficou para trás você já tocou tua vida por que isso te incomoda tanto? Por que essa reação? **Por que essa necessidade dessa confirmação? Então dá uma sensação e dá para entender quando você enxerga o outro na mesma posição e acaba vivendo essa mesma posição na**

pele de outra pessoa, não é? Então é essa identidade de sentimentos e faz refletir mesmo isso que eu estou te falando agora você enxerga que não precisa mais eu não preciso dessa confirmação. Eu tenho que mudar aquela criança, aquela adolescente que talvez precisasse!

- ✓ Identificação de Sofia com o que ela vê na protagonista. Ela “veste a pele” da outra pessoa e se vê, é a questão da ressonância.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Agora como foi que lá no Workshop naquele papel que você estava representando isso apareceu?

- ✓ Ela entrou tanto em sua história que o trabalho era transportá-la novamente para resgatar o Workshop, cuidando para não ser uma sessão de psicoterapia.

Sofia – É interessante naquele momento em que você... Que eu travei diante do pai de pavor eu não conseguia andar não sei se você se lembra disso? E que você veio e disse:- Eu estou com você, você me apoiou e eu olhava para você e você falou:- Eu estou entendendo. [...] Quando você me disse “Eu estou entendendo”, eu falei assim:- Eu acho que não veio a nível de consciência, **mas é como se eu também estivesse, o meu medo também estivesse, mas depois que eu saí daquele papel e sentei eu não tive identidade imediata com nenhuma das questões. Foi interessante porque eu saí com a sensação de que eu tinha só servido, estado a serviço de, e que nada tivesse relação com a minha trajetória...** [...] **Sofia –** Só depois na conversa com o André como tinha sido etc. e tal, da conversa dos acontecimentos não é do dia, nós fomos comer pizza. **Foi ao conversar com ele talvez até alertada em alguns pontos por ele, foi que eu absorvi que eu entendi que eu trouxe para o racional aquilo.**

- ✓ Sofia teve consciência de que também estava se trabalhando durante a representação. Quando saiu do papel perdeu essa sensação.

Só depois quando conversou com André fora do workshop ao comentar com ele foi que absorveu e trouxe para o racional.

Sofia - Eu falei assim você tem razão porque é o que eu procuro até hoje tanto numa história quanto na outra por outra questão. Na dele por outro aspecto, aí só depois eu percebi.

Eu acho que ficou muito no emocional, ficou muito, muito, muito eu fui embora com aquilo no emocional e levou um tempo para subir e pra chegar no racional. Isso foi muito, foi até assim, eu levei até um choque quando eu falei poxa como é que eu não percebi isso lá? **De todo o meu coração saí daqui achando nossa caramba eu estive a serviço deles, não é?**

- ✓ Grande aprendizado quando o representante descobre que não está só a serviço, mas que foi profundamente trabalhado pela história do outro. Sofia teve realmente uma grande surpresa!

Sofia – Sim, eu achei que eu já havia colocado a questão e que quando eu coloquei a questão eu me percebi nas outras histórias, mas... Interessante, mas...

Psicoterapeuta/pesquisadora – Sim , mas como você estava só como participante...

Sofia – Mais, do que... **Eu estava a serviço... Eu vim com esse propósito! Eu vim com o propósito até porque eu sabia até porque eu, que eu iria participar e servir de alguma maneira como é... É... É... É... [...]**Eu estaria representando papéis estaria vivenciando experiências **eu vim assim muito pronta para a entrega para servir**. Não tinha nenhuma preocupação não que eu desconhece não que eu ache que tanto que eu nem identifiquei... Eu não sei se foi por conta disso (sorri). Eu falei caramba!!! (sorri). **Em nenhum momento eu consegui fazer correlação com a minha história nem depois de terminar (refere-se ao momento depois do protagonista ter colocado a questão), sentada na cadeira, tomando seu café gostoso, não. Não! Não! Foi depois, e ainda assim porque fui cutucada porque se não eu até hoje estava “Aé é!” (sorri), sabe assim? (sorri). Interessante!**

- ✓ Sofia veio com esse propósito servir. Aparentemente, Sofia chega ao workshop para doar-se e não se trabalhar.

Sofia – Quando eu acho que aí eu me ouvindo... [...] **Conversando e trocando foi bem na troca com ele mesmo e que eu estava querendo mais receber dele, ouvir dele aí é que aquilo foi epa e tchu encaixa!**

- ✓ Ao ouvir o re-narrar de André sobre história de Vera, Sofia pode também narrar a sua experiência e só então pode se ouvir.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Como foi à surpresa de ter percebido que você não estava “só a serviço”, mas que isso também tinha a ver com a sua história?

Sofia – Fez na verdade é... Estava bem no racional, eu estava bem dentro... **Mas é óbvio que tinha que ter alguma ressonância em mim, não é? Porque faz parte da lógica do trabalho, de alguma maneira eu teria que ser tocada naquelas histórias que foram apresentadas.** Então eu não fiquei perplexa se eu posso te dizer. **Teve um “caramba” é claro que sim e aí vem toda a questão, que é fantástico, em que é visível, mas mesmo no dia eu percebia a ressonância,** não é entre as questões tanto que tinha um fio condutor alguns em que eu achava até que você leu aqui, mas ficou muito lógico. **Encaixou na lógica, encaixou no racional, encaixou naquilo que eu sabia que era o trabalho.**

- ✓ Teve sentido para Sofia, ela parece ter encontrado uma lógica do trabalho e começa a fazer as suas ligações com a própria história.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Muito interessante! Muito interessante! Bom... Eu queria voltar ainda neste tema sobre a história da Vera. **Então você disse que lá neste trabalho estava no papel da mãe da Vera...**

Sofia – Mãe dela?!

Psicoterapeuta/pesquisadora – É mãe dela. E aí você paralisou e eu disse assim para você:- **Eu estou entendendo...**

Sofia – Eu estava no papel dela!

Psicoterapeuta/pesquisadora – Da mãe da Vera. A Vera estava colocando a questão.

Sofia - Isso. Eu acho que eu estava no papel dela.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Você estava no papel...

Sofia – Era da filha!

Psicoterapeuta/pesquisadora – Sim da filha da avó. A Vera tinha os avôs, eram os avôs da Vera; e o avô era o boêmio. Olha o foco da Vera era a inadequação.

Sofia – Ah! Era o contrário! Eu trouxe para o positivo! É interessante! A minha era adequação. Gozado eu tinha tanta identidade com ela, o que ficou para mim foi à identidade com ela! E ela estava repetindo a mesma história com a filha.

✓ Aqui pude perceber uma forte identificação de Sofia com a protagonista.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Então nesta história aí aconteceu que... Eu disse para você:- Estou entendendo o que disso foi significativo para você? Você disse que chamou a sua atenção...

Sofia – Chamou minha atenção e é por isso que... E é interessante porque naquele momento eu via e era a a a a o sentimento era o sentimento como de uma criança como de um filho com relação ao pai de temor. Por isso que para mim tinha ficado o registro que eu tinha representado quem colocou a questão.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Quem sabe num outro nível você colocou uma questão!

Sofia – Pode ser.

✓ Sofia foi profundamente trabalhada, ela faz ligação do papel que representa com a própria história.

Psicoterapeuta/pesquisadora - Foi muito forte, muito forte, um dos momentos bem fortes desse trabalho! Porque era a filha falando para a mãe, não é? Foi nesse diálogo! E era uma filha que questionava o pai, mas também dizia coisas fortes para a mãe, você lembra disso?

Sofia – Lembro.

Psicoterapeuta/pesquisadora – O que você lembra?

Sofia – Lembro até foi um choque para mim quando você falou da relação incestuosa. Que no primeiro momento eu entendi no sentido próprio depois é que eu compreendi que era a filha assumindo o lugar da mãe não sexualmente, mas naquilo que o casal poderia compartilhar de momentos agradáveis juntos também estavam lá ao ver televisão, ao ouvir uma música era a filha e não a mãe.

Psicoterapeuta/pesquisadora – E quando, e aí existia a confirmação do pai.

Sofia – E isso tinha muito a ver, tem muito a ver comigo! Porque meu pai me levava nos bailes de carnaval. Minha mãe não gostava, eu gostava, meu pai gostava. Eu ouvia música com meu pai, minha mãe nunca, nunca foi capaz de sentar do lado meu pai para ouvir uma música. Então eu ouvia bolero com meu pai, toda a minha educação, toda a minha cultura musical eu devo ao meu pai. Conquanto ele tem um lado todo de ... De nunca sei quando ele vai estar, tinha isso. Quando ele estava, queria desfrutar alguma coisa eu estava com ele. Então até chegar ao ponto de eu ter dezesseis ou dezessete anos e queria ir num baile de carnaval a noite no clube, ele me ajudava a falsificar a carteirinha de identidade... Ele sabia até que ninguém ia pedir porque eu estaria com ele não é? Para poder entrar, meu pai então ele levava eu ia com mais uma ou duas amigas, ele nos levava e ficava lá. Ouvir música também olha que legal! Então tem essa identidade; eu depois eu consegui enxergar todas essas coisas e que tem muita ligação comigo.

✓ Total ressonância com a história de Sofia, ela se vê num lugar parecido com o papel que representa.

Psicoterapeuta/pesquisadora – No trabalho a fala do pai, no workshop quando ele tem uma atitude mais crítica em relação à esposa isso tem um efeito no sistema.

Então eu pergunto para a esposa:- Quando você ouve isso do seu marido o que acontece com você?

Sofia – Não lembro.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Você não lembra disso; então o pai tem uma posição crítica em relação à mãe, quando a filha fala, você lembra o que você como representante da filha falou para mãe?

Sofia – Então eu não era a representante da filha?

Psicoterapeuta/pesquisadora – Da filha daquela mãe, a avó da Vera.

Sofia – A sim essa é a confusão que eu estou fazendo. Então tá bom eu estou dentro daquilo que eu achava que eu tinha sido.

Psicoterapeuta/pesquisadora – É você foi filha, em relação a quem coloca a questão você é a mãe... Era uma relação mãe e filha.

Sofia – Sim era uma relação mãe e filha.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Você pergunta por que ela não era forte, porque ela quis morrer.

Sofia – Exatamente.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Você fala com raiva.

Sofia - Que o pai, o marido era um boêmio, não é isso? E ela passivamente aceitava as coisas e como se estivesse dizendo “agora eu vou”.

Psicoterapeuta/pesquisadora - É essa imagem e o pai reagindo critica a mãe, a esposa.

Sofia – Sim.

Psicoterapeuta/pesquisadora – E aí eu pergunto:- O que esta fala, quando você ouve esta fala, para a esposa, o que acontece com você? A esposa diz:- “Eu tenho vontade de ir embora”. Isso a exclui do sistema.E aí eu pergunto para a filha:- O que acontece com você? Você lembra o que você respondeu?

Sofia – Não.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Eu tenho vontade de me aproximar.

Sofia – Ela substitui a mãe.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Aí é que apareceu...

Sofia – O pavor!

Psicoterapeuta/pesquisadora – Primeiro o desejo de ir...

Sofia – Foi paralisante, posso te dizer.

Psicoterapeuta/pesquisadora – E aí quando eu me aproximei e falei para você:- “Eu entendo”.

Que diferença isso fez para você?

Sofia – Foi um chamamento sim e um acordo para que a ação pudesse ter continuidade porque se não tivesse acontecido eu acho que aquele movimento não teria ocorrido o movimento de aproximação.

Eu acho que ele só aconteceu por conta da tua intervenção de uma forma muito suave não houve intromissão se é que eu posso te dizer não foi uma ingerência se é que a gente pode dizer não é? Porque foi, mas ela não foi, não deu choque, não foi incômoda ao contrário.

Era como se fosse uma sustentação para impulsionar o movimento que era necessário fazer...

Psicoterapeuta/pesquisadora – E por que não foi incômodo? O que aconteceu com você que fez com que você pudesse ir?

Sofia – Eu não sei, acho que a segurança da... Você conferiu a segurança que talvez estivesse faltando ali.

Psicoterapeuta/pesquisadora – E você entendeu a paralisação? De onde eu estava eu identifiquei um congelamento como paralisação tinha um frio, uma coisa gelada. Era isso mesmo?

✓ Aqui, como Psicoterapeuta/pesquisadora, meu propósito foi confirmar com Sofia uma impressão para que ela não ficasse com uma imagem errada. Foi um momento de construir uma compreensão compartilhada.

Sofia – Era isso mesmo. O sangue nem corria pode-se dizer. Eu acho que eu cheguei a falar que eu não sentia as minhas pernas.

✓ Forte experiência física.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Sim você precisou sentar.

Sofia – Era como se tivesse... **Gelar é porque não tinha energia não tinha sangue correndo mesmo fluindo. Foi muito forte!**

Psicoterapeuta/pesquisadora – Como foi que você conseguiu sair disso, isso é importante para a Sofia. Por isso que eu estou pondo luz nisso, acho que isso é um ponto extremamente importante para a sua história. Como foi que você conseguiu andar esse pedacinho?

Sofia – Da aproximação?

Psicoterapeuta/pesquisadora – Sim.

Sofia – Eu não pensei... Foi interessante naquele momento eu falei assim:- **Ela está falando comigo**, sou eu que não quero me aproximar? Mas na verdade eu via pai. Quando você falou como se você tivesse me trazido, tirado um pouquinho daquele personagem e tivesse dito vamos Sofia vamos lá que você vai e aí era comigo que você estava falando.

É interessante que a sensação que eu tive que você estava falando comigo não era a Sofia pequena, a Sofia ali criança, adolescente, sei lá, recém adolescente alguma coisa do tipo. É como tivesse ocorrido um desdobramento assim porque aquele personagem estava ali, mas veio um outro que era a Sofia.

Você falou comigo naquele momento eu tinha absoluta certeza, mas eu não... Quando eu sentei que terminou eu não trouxe isso para a minha razão. Eu não sei como eu consigo te explicar isso naquele momento em que você se aproximou e você falou você falava com a Sofia. Eu sabia que... Eu tinha plena consciência de tudo que era com a Sofia mesmo. Era a Sofia que precisava fazer aquilo, mas quando encerrou isso eu só percebi essa sensação essa emoção eu tive naquele momento, mas a emoção acho que ela era tão grande que ela ficou ali na seqüência ela não veio.

- ✓ Fantástico, dentro do papel, atuando como representante Sofia se percebe sendo trabalhada na sua relação com seu pai!

Psicoterapeuta/pesquisadora – Veja se eu posso pensar isso:- Eu estou entendendo que você está colocando que quando eu me aproximo de você “dizendo vem”; você sentiu confiança e isso te ajudou... E fez com que você pudesse ir abraçar o pai, ir ao encontro do pai foi trazer você Sofia a sua criança... [...] Porque quando você está questionando a mãe, no papel de Célia (papel que Sofia está representando), mãe da Vera (que foi protagonista), aquela representante, ela deixou a mãe estava meio confundida, é a filha que se confunde com a mulher... Então tem uma competição entre mulheres, tem uma rivalidade.

Sofia – Sim.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Mas quando existe, quando você se conecta com outro lugar onde você sente, um lugar seguro você entra em contato com uma possibilidade que te dá segurança, você traz a sua criança aí você pode abraçar o pai...

- ✓ Aqui como Psicoterapeuta/pesquisadora, realizei um editorial, uma pequena edição daquilo que o cliente falou com a compreensão, que como Psicoterapeuta/pesquisadora, estava fazendo e que ofereci a ela para que pudesse confirmar ou fazer alguma alteração (prática da Terapia Narrativa).

Sofia – Mas a criança que teve apoio e que tem tudo a ver comigo... E que ainda busca isso não é? Naquele momento teve. E o que eu trago para mim disso, que hoje eu consigo perceber e de uns tempos para cá acho que talvez um tempo depois da terapia aí você começa a olhar um pouco mais de uma outra forma o seu relacionamento familiar, a tua família, pai e mãe e etc. ..

Foi que eu percebi e aí houve uma certa também dessa história que eu posso trazer para mim; **que quando a minha mãe faz questão de dizer que ela é mais bonita que eu, então é alguma coisa que eu nunca tinha pensado nunca me passou, nunca me ocorreu que ser alta, ser do jeito que eu sou, pudesse de alguma maneira incomodar o ego, hoje eu vejo que sim eu sou completamente fisicamente, completamente diferente da minha mãe. Como ela mesma diz, eu sou o meu pai, eu sou o Cunha, meu sobrenome é Cunha. Eu sou o Cunha refinado, ou seja, eu sou...com perdigree. Não tem mistura. Minha mãe é pequenininha, minha mãe é completamente diferente, mas, contudo que ela fala e aí você junta às coisas e então tem isso também não é? Mas ao mesmo tempo eu sempre e isso eu tenho assim, eu nunca senti minha mãe companheira do meu pai, nem ele companheiro dela...**

- ✓ Relaciona a sua história com a da protagonista.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Então, mas neste trabalho também foi importante a fala, isso também ficou claro não é? Você lembra do que a mãe falou nesse trabalho da escolha ?

Sofia – Ah! Que foi uma escolha dela, não é? Exatamente que ela não tinha o direito de se meter.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Exatamente! Pode não ser um casamento, modelo de relação que você queira para a sua vida, mas foi uma escolha dela. Não necessariamente você tenha que fazer o mesmo.

Sofia – Nem tentar ajeitar para que eles vivam melhor! Isso tem ficado claro para mim. É muito penoso é muito difícil, mas eu tenho que entender que é a opção que eles fizeram...

Psicoterapeuta/pesquisadora – E para esta família deu certo, para aquele sistema de valores para aquele sistema de crença deu certo, está dando certo eles estão juntos! Só que o critério de valores seus são diferentes do deles. É outro sistema de crenças, de critérios de exigências. Esse casamento deu certo.

Sofia – Dentro daquilo que eles queriam para eles...

Foi muito forte, muito forte! Acho até que a gente consegue ter um aproveitamento na no racional e é por isso que eu te falo, talvez eu... Como fica muito no emocional, como fica muito no inconsciente, muito lá na base **eu acho que talvez eu até tenha um aproveitamento muito maior do que eu imagino.**

Possa vislumbrar... O que vem para o racional é muito pouco.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Você viu como precisa de um tempo?

Sofia – Precisa de um tempo! Provavelmente se a gente voltasse a falar daqui a dois meses talvez mais, outras questões viriam.

✓ Todo esse diálogo foi importante para que Sofia lembrasse o contexto.

Sofia - Eu acho que o primeiro passo é reconhecer, se a gente não reconhece a gente não muda nada porque você não está percebendo.

Então esta compreensão este entendimento, essa este racional isso para mim é muito importante porque a minha emoção é muito aflorada. E quando eu

consigo puxar e trazer isso para dentro da razão, eu consigo equiparar a emoção deixar no mesmo nível então aí eu acho que eu consigo comigo elaborar melhor e aí eu vou tentando fazer com que essa razão vá e fique e por cima. Claro que vai ser um tempo, claro que é a terapia, mas eu acho assim.

Mas se eu consigo hoje entender um pouco melhor as coisas... Até com relação a mim digamos assim eu consigo me perdoar.

✓ Importância do tempo para elaboração.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Bom e da história, da colocação do André, alguma coisa, como foi para você?

Sofia – Na verdade eu representei a avó que serviu a vida inteira, que serviu a família, serviu aos outros, então é... Fica muito a Sofia nessa.

A Sofia veio para servir, daqui eu não preciso tirar nada, eu só preciso entregar eu não preciso levar nada; já foi a minha postura ao vir aqui não é? Como participante. [...] E... É um pouco e é muito do que foi a Sofia, a Sofia, eu sou a única filha de três irmãos, três homens e eu; o mais velho eu e dois mais novos. Então a Sofia arrumava a cama dos irmãos porque a Sofia era mulher, a Sofia lavava a louça porque a Sofia é mulher, a Sofia quando a mãe sofreu o acidente quebrou o fêmur e o braço ficou completamente dependente então a Sofia cuidou sozinha, ninguém lembrou e hoje só hoje eu consigo ver isso.

Só hoje, ninguém lembrou eu tinha que levantar a minha mãe da cama eu tinha que colocar na cadeira higiênica sozinha, dava banho, limpava porque eu estava disponível eu não estava trabalhando eu estava mudando do Rio para cá, não é? Então era muito natural que a Sofia fizesse e eu assumi aquela função, éééé.... Naturalmente! Nenhum momento me ocorreu me rebelar ou dizer:- “Escuta eu preciso de ajuda”. É interessante isso, porque era o papel natural eu tinha que estar servindo e posso dizer que não foi... [...] Eu tenho uma hérnia aqui certamente por conta do esforço porque você pegar um corpo inerte de um adulto não é brincadeira! Então eu me dedicava; me dediquei ela não tinha movimento, eu tinha que dar banho, eu tinha que dar comida, eu tinha que pôr; e isso foi por muito tempo e aí depois ela teve um outro evento aí eu já estava trabalhando aí a gente precisou de três pessoas! Passado um

tempo e só agora foi que eu me dei conta! **Caramba! Mas eu fiz isso tudo e ninguém lembrou que eu talvez precisasse de ajuda nem eu! Eu não lembrei de mim, coisa que hoje eu faço!**

✓ Ressonância com a história de André onde representou a avó.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Esta história é parecida com a colocação da dele porque aquela avó era quem cuidava de todos!

Sofia – De todo mundo... Ela era a única mulher com um monte de irmãos todos homens. A mãe delegou, ia só tendo filhos e ela cuidava dos irmãos na função de mãe e assim tocou a vida, não conseguiu nunca ser mulher no casamento e...

Precisava até para poder enfrentar essa situação toda, precisou que o forte dela ficasse muito forte. Então eu acho que é essa identidade não é, de, de, na **verdade não é um servir espontâneo**. Porque hoje, por exemplo, eu percebo muito bem quando eu estou é...

Eu gosto de me dedicar à família, não vejo problema em fazer isso, mas hoje eu consigo separar até onde eu devo ir e até onde não.

✓ Ressonância com a história de André onde representou a avó.

Sofia - Coisa que nunca isso me acontecia afinal de contas eu estava ali... Então só um exemplo, nesse final de semana teve o, foi aniversário da minha cunhada, de uma das minhas cunhadas e o meu irmão marcou uma pizza.

Minha mãe teve uma queda de novo, minha mãe está com a saúde muito debilitada desde desse acidente, foi uma série de eventos então ela teve uma outra queda agora está se recuperando, andando de andador, mas... Está entrando num quadro senil bem complicado.

Ela teve herpes ósseo pegou esse nervo do lado direito, então ela ficou em coma três meses e quando voltou ela não voltou à mesma pessoa.

Ela... Ela a questão de limite está perdida se julga no direito de falar o que vem na mente e aí... Você pega também dentro da pessoa. E... aí a questão comigo fica muito...

O embate fica muito... É... Aí em fim eu liguei para saber se meu pai precisava que eu passasse para pegar, se ele ia dirigindo e etc. foi aí que ele estava vendo futebol e ele falou:- “Estou vendo futebol o que você quer?”.

E aí eu estava ligando para ver se eles estavam precisando de alguma coisa, você percebe? Eu não estava ligando para pedir nada, eu queria ajudar, eu queria saber se eles precisavam de ajuda!

Até assim eu incomodo! Então é a questão da adequação e inadequação. A boa filha; puta no momento errado! E aí ele falou assim:- “Não eu não vou levar a acompanhante”, mas é até uma oportunidade da moça ir comer numa pizzeria e ir comer uma pizza, por que que não vai levar?

Não, porque não precisa.

Eu não vou cuidar! Eu consegui dizer! Por que que não precisa? Se ela tivesse que ir ao banheiro, vontade de ir ao banheiro quem ia levar ele? Não é lógico que ia ser a Sofia... Precisa porque a Sofia vai estar lá. Então eu consegui dizer eu não vou! E eu consegui também falar então veja o seu futebol tchau!

Se vira!

Lógico que não sem raiva, e aí é que eu falo é o que eu preciso entregar!

A escolha que você fez, eu não preciso sentir raiva, mas ainda não consigo vem uma... Não é raiva, fúria! Fúria por todas as razões, brava comigo por sou a tonta, porque você precisa se preocupar? Afinal de contas se eles precisarem de ajuda, ele pega o telefone o liga!

Fúria porque pô é... não é?

Dedicação é amor, quer dizer “estou vendo futebol”; quer dizer é um pai que não pode deixar um minuto de ouvir, de ver o futebol para falar com a filha que está ligando para saber se ele precisa ser ajudado, pra dizer para ele você não está sozinho nessa!

Psicoterapeuta/pesquisadora – Sofia dentro disso que você está falando o que esse lugar de ser representante da avó te ajudou?

Sofia – Porque... **Eu consegui entender esse servir, essa usurpação do servir, porque no final ela, aquilo entrou como se fosse ajuda e ela acabou assumindo o papel que não era dela... E ela se compenetrou daquele papel que eu acho**

que ela perdeu a identidade dela, perdeu a identidade dela. Quem era aquela mulher?... Que só sabia que só ficava feliz, só sabia ser rude, só sabia ser agressiva... De uma maneira... Não com os netos... [...] **Que ficou muito patente, então quer dizer quando ela podia, quando era uma eleição e uma escolha na amorosidade ela sabia ser, ela não tinha a obrigação com os netos, mas ela até cuidaria, ou ela cuidava ou cuidou de quem ela quis por opção dela porque estava dentro do coração dela.** Diferente, diferentemente com relação aos outros. Então isso eu senti, isso me trouxe também um que é aquilo... A Sofia olha, a Sofia faz... A Sofia traz, a Sofia, a Sofia. **Oh não! O que eu quero? Até onde eu quero? É algo que eu tentei me chamado a atenção. Por quê? Porque eu tenho muito isso eu vou fazendo porque já está dentro do meu... Eu... Eu absorvi aquilo, eu preciso parar e observar para falar não espera aí. Tem que ser escolha não é? Eu acho que neste sentido como um alerta.**

✓ Sofia fala do significado dessa representação para ela.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Da parte assim teórica tem alguma questão que não tenha ficado clara?

Sofia – Não, clara não, só que eu fiquei fascinada, me arrependo de não ter anotado o nome a questão quando você coloca que você traz o exemplo das estrelinhas... Que é a...

***Obs.:-** Sofia refere-se à primeira parte do Workshop quando é dada a parte teórica, de como surgiu o “Relacionamentos que Curam” e sua fundamentação teórica, as “estrelinhas” fazem parte de um esquema utilizado pela Psicoterapeuta/pesquisadora para ilustrar os eventos significativos da vida do cliente e aqueles que ficaram de fora e que servem de andaime para a construção de uma história mais rica.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Michael White!

Sofia – Michael White que é da... Da...

Psicoterapeuta/pesquisadora - Narrativa.

Sofia - A Narrativa!

Psicoterapeuta/pesquisadora – Ele é apaixonante!

Sofia – Eu achei fantástico porque é meio isso você vai escolhendo pontos não é? Tem toda uma história, mas você pega ali aonde você falhou! Você pega ali ou o que não enxerga nenhum defeito eu achei fantástico! Eu acho que essa é uma linha... Porque ela não abandona, ela dá uma lógica não é? Afinal de contas, você vive todos os dias, você passa por uma série de situações por que os registros, por que só algumas marcas? Por que só algumas luzes ficam acesas? Vamos aprender a olhar! Eu acho que esse é todo o processo da terapia não é? Tira o foco, esse foco aqui está bom isso aconteceu, mas olha aqui a compensação, olha aqui o outro! Então eu acho isso, isso é reconfortante porque é a tua história ninguém está te colocando nada. Ninguém está te colocando nada, está só te virando, pegando o rosto * (Sofia coloca as duas mãos no rosto e vira o rosto em outra direção) e te desviando o olhar para algo que também você fez! Você também passou por aquilo, tira dali também alguma coisa, vê o que tem ali, não é? Eu achei isso fantástico, fascinante essa técnica!

✓ SEM COMENTÁRIO!!!!!! M A R A V I L H O S O !!!!! Sofia entendeu o princípio da Narrativa, ela parece ter conseguido trazer o que viu na teoria do workshop para a sua vida, grande chance de usar isso no dia a dia!

Psicoterapeuta/pesquisadora – É você tem então uma participação como protagonista ao colocar uma questão e agora você tem uma experiência como participante. Como foi para você estar em duas posições diferentes no Workshop? O que você pode me dizer da sua experiência?

Sofia – Da primeira vez que eu coloquei a questão como protagonista, é... Conquanto eu soubesse é... Que a gente teve três entrevistas que, aliás, já foram três, eu fui no limite não é... É... [...] Nós tivemos três entrevistas e eu não conseguia até definir muito qual seria a minha questão. Acho que eu vou precisar colocar outras tantas, mas eu estava muito centrada em mim. Eu tinha muita expectativa é

como se eu tivesse muito ligada no meu umbigo e depois eu participei das outras questões, ou seja, mas assim se eu posso te dizer de como eu vim, eu vim centrada em mim, dessa vez eu me anulei se eu posso te dizer. Enquanto eu soubesse da ressonância em nenhum momento eu fiquei tentando ver que tipo de... Ou nem me chamou a atenção que tipo de relação aquilo poderia ter... De que forma aquilo poderia atuar?

Psicoterapeuta/pesquisadora – Então, mas hoje olhando com este olhar que você está tendo hoje o que você teria para me dizer da tua experiência como protagonista e como participante? Um olhar que hoje já sabe de como a ressonância atua?

Sofia – Eu acho que a grande diferença é só de intensidade.

Quando você coloca a questão você tem o teu aspecto muito mais... , ele é trabalhado de uma forma muito mais abrangente porque você é tocado como tudo isso que a gente estava falando até agora de que maneira a questão das outras pessoas que tiveram histórias muito diferentes das minhas eu não tive nenhum tipo de relacionamento de infância, de juventude e etc... Relacionamento familiar... As famílias não... Nada, nada, nada. Como é que isso pode ter me tocado da forma como me tocou? Ter entrado dentro de mim, da minha casa, me levado para a minha infância! Então, é lógico que ainda que como participante as histórias elas... É como se eu tivesse sido protagonista ao representar alguém eu fui, eu levei eu toquei como se eu tivesse apresentado parte de uma história que eu vivi, ao colocar a questão talvez ela possa ser mais abrangente.

Na minha ela tomou um rumo completamente diferente... Nós fomos lá para Portugal, não sei se você lembra, por conta de uma irmã da minha mãe que não tinha sido reconhecida pelo meu avô, nunca isso me passou pela cabeça, que pudesse ter algum tipo de relação comigo... **Então eu acho que lógico, que colocar a questão é mais rica, agora participar eu acho que é algo para se fazer de tempos em tempos. Agora se eu fosse dizer alguma coisa com relação ao Workshop e a Constelação eu acho que ela não é, ela não é exauriente...**

Ela é tão forte, tão impactante que precisa ter um acompanhamento de uma terapia. Acho que quem não faz terapia, não consegue, fica difícil conviver com

um pacote que foi aberto... Dá até para entender um pouco a resistência das pessoas... Porque vai ter que olhar para o pacote pronto... Então eu acho muito difícil, para mim teria sido impossível. Acho fundamental! Acho fundamental a entrevista... De novo que eu ainda falei assim:- Poxa, mas a Sueli por que, que eu que fui lá participar ela quer me ouvir? Nem eu tinha, por mais que tivesse vindo à razão nem eu tinha refletido tanto quanto isso tinha sido importante para mim e da primeira vez eu fiquei com questões equivocadas e depois da conversa com você, você conseguiu elucidar então eu acho... É...

- ✓ A fala de Sofia revela a importância da entrevista final, por mais que reflita é ao re-narrar que as elaborações vão ficando mais claras. Sofia percebe como o participante pode ser tão trabalhado quanto o protagonista.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Você acha que é importante a entrevista para o participante após o Workshop?

Sofia – Fundamental! Posso te dizer hoje. **Eu não tinha percebido por mais que eu tivesse depois, conseguido relacionar comigo não tinha sido com essa profundidade. Sem dúvida! Eu acho! Fecha, finaliza um... O Workshop, agora tem que ter terapia, tem que levar para a terapia, tem que dar continuidade em terapia.**

Psicoterapeuta/pesquisadora – É a pessoa fica muito melhor assistida, não é?

Sofia – É porque se não fica muito difícil. **Porque você precisa elaborar tudo isso que surgiu não é? Porque as coisas borbulham, elas podem até ter se resolvido naquele momento e naquele plano, mas aqui dentro sozinha (coloca a mão para o coração) a gente não consegue elaborar.**

- ✓ Sofia fala do como é importante a entrevista depois para a elaboração. Essa é a diferença do workshop Relacionamentos que Curam para, por exemplo, a constelação familiar.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Bom é o que eu falei desde o início no Workshop não substitui um processo psicoterapêutico, é uma ilusão achar que você mexe aí...

Sofia – Eu acho que pode acelerar muito, mas de forma alguma, eu acho que nem substitui e nem elimina você precisa porque se não fica difícil carregar.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Agora você também é uma pessoa que tem uma experiência em constelação pura e tem a experiência tanto como protagonista quanto como participante nos “Relacionamentos que Curam”.

Ficou claro para você ainda que não seja da área “psique”, a diferença do que é uma constelação pura e do que é esse trabalho dos “Relacionamentos que Curam”? Tem diferença?

Sofia – A diferença é justamente essa é o elo; porque na constelação pura o foco é aquela situação que acontece ali e o cosmo se encarrega do equilíbrio é essa sensação que eu tenho.

Porque não tem um pós, não tem um depois e as pessoas que estão assistindo eu acho que elas ficam alheias aquela situação não é a minha, não tem nada a ver comigo. Eu acho que não existe esse chamamento a consciência:- “Olha presta atenção porque sente como isto vai ecoar em você”.

Isto realmente, eu só que é aquilo que é... Eu converso com outras que fizeram a constelação porque é diferente, quer dizer primeiro não se fala da questão antes não se sabe nada a respeito e as coisas acontecem lá.

Eu acho que neste aspecto acontecem porque tem que acontecer mesmo... Tanto que por mais que se faça entrevista antes, o rumo que toma é o rumo que vai tomar! Eu acho que a minha experiência é muito fruto disso. Imaginava nunca que ela pudesse ir por este caminho, mas achei fundamental é... A conversa depois e assim como agora sendo participante apenas, ou seja, o que aquilo altera em mim, o que tem a ver? O que ressoa?

O termo ressonância é fantástico, então nesse aspecto é diferente! Porque toodos aproveitam isso é troca não é?!

Psicoterapeuta/pesquisadora – Tem alguma sugestão ou algo que não tenha sido que talvez não fosse útil para o Workshop?

Sofia – Eu acho que se eu fosse te dar alguma sugestão, é você faz isso no Workshop, eu não sei se é porque quando você me perguntou e você já sabia que eu fazia terapia até porque fui indicada pela minha Psicoterapeuta/pesquisadora que você conhece, mas é essa ênfase para que quem seja participante ou como protagonista e que precisa da terapia.

Terapia – É não sei se você se lembra que na primeira parte do Workshop eu falo...

Sofia – Você fala, eu digo assim na... Porque o participante não tem entrevista antes...

Psicoterapeuta/pesquisadora – Então você acha melhor fechar o Workshop só para quem faz terapia?

Sofia – Eu acho que não! Porque se não isso pode ser um norte para a pessoa fazer terapia, eu acho que não, mas eu acho que precisa...

A pessoa que quiser olhar para si de verdade, que não veio por curiosidade ah eu vou lá ver como é, porque tudo que aparece de novo vai, não é?

Faz Reiki, faz não sei o que, faz acupuntura, porque eu vou uma vez e paro que vai pelo apelo da novidade, se assusta! Porque percebe que não é levar a agulhada e acabou depois passa um alquinho e esquece (sorri).

No dia seguinte não tem mais marca na roupa. É então eu acho que quem vem com o propósito mesmo de olhar um pouquinho para si não é, eu acho que vai procurar, ainda que não seja com você vai procurar uma forma de se acolher... Porque é fundamental. É muito profundo, muito forte, muito denso não dá... É um embrulho que aperta... Eu acho, por exemplo, que para adolescente eu não recomendaria nunca, eu acho que só adulto deve fazer, nem criança, nem adolescente. Precisa ter maturidade...

Psicoterapeuta/pesquisadora – Adolescente eu acho que dá para fazer com determinadas famílias desde que os pais estejam juntos.

Sofia – Ah aí já é diferente!

Psicoterapeuta/pesquisadora – Dependendo da questão, pode ser útil para a família, dependendo do caso... Mas com os pais presentes, eu jamais faria sem a presença deles.

Sofia – Porque é muito... Você abre aquela mala assim e aí como é que eu fecho e carrego de volta? Como eu volto para casa? Porque você precisa voltar para casa. Então é isso.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Você se lembra da sua carta de perspectiva de futuro, o que você colocou?

Sofia – Lembro.

Psicoterapeuta/pesquisadora – O que você colocou?

Sofia – Que eu gostaria de... **Ser uma pessoa melhor.**

Psicoterapeuta/pesquisadora – E o que significa ser uma pessoa melhor?

Sofia – É ter isso, conseguir cuidar de mim e cuidar dos outros estabelecendo limites, olhando para mim, me entendendo assim como eu entendo os outros.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Ai que lindo! Que legal! E o que você fez com a carta de gratidão para os pais?

Sofia – Como assim?

Psicoterapeuta/pesquisadora – Você entregou?

Sofia – Eu não tenho... Não tenho espaço para isso.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Neste momento é isso. Agora do Workshop mais alguma coisa?

Sofia – Não.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Sofia, das duas histórias qual a que te tocou mais ou as duas te tocaram igualmente dos papéis que você representou?

Sofia – Mais diretamente com a minha história, **a primeira porque tinha muito mais identificação comigo.**

Psicoterapeuta/pesquisadora – O que você gostaria de, aliás, por que foi importante para você estar nesse lugar como representante na história da Vera? O que foi mais importante para você?

Sofia – Eu acho que é me propiciar essa série de reflexões, não é?

Psicoterapeuta/pesquisadora – Qual foi a mais importante? Vamos imaginar que ela estivesse aqui o que você diria a ela?

Sofia – Eu acho que o mais importante é conseguir vislumbrar e entender porque a mãe dela agiu daquela maneira e o pai dela agiu assim.

Psicoterapeuta/pesquisadora – E por que isto é importante para você?

Sofia – Porque eu acho que preciso fazer isso comigo, eu preciso olhar para a minha mãe e olhar para o meu pai e entender porque eles fizeram esta opção de vida para eles; e aceitar, ainda que não seja no meu entender a melhor.

Psicoterapeuta/pesquisadora – E nesse lugar que foi possível que a Vera te ofereceu e você teve a sabedoria de aceitar, você pode reconhecer e se sentir grata pela Vera ter te proporcionado isso?

Sofia – Sim.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Então, eu queria te pedir para você escrever e colocar isso no papel. Isso vai ajudá-la e muito... Você pode fazer isso aqui?

Sofia – Posso.

Psicoterapeuta/pesquisadora – Eu pedia para as pessoas fazerem em casa, mas às vezes demora, então aqui eu já peço e vejo e aí você também já fica sem tarefa.

Sofia – É a Vera, não é?

Psicoterapeuta/pesquisadora – É Vera. Escreva alguma coisa curta e que fale da sua gratidão e você pode ter certeza que vai fazer diferença na história dela.

***Obs.:-** Psicoterapeuta/pesquisadora entrega papel e caneta para Sofia escrever. Sofia entrega a carta e encerramos a entrevista.

1. Qual o significado do workshop para Sofia?

Sofia veio para o Workshop para estar a serviço, ***“Eu estava a serviço... Eu vim com esse propósito! Eu vim com o propósito até porque eu sabia que eu iria participar e servir de alguma maneira como é...”***. Ainda que em sua inscrição fosse alertada sobre o quanto seria trabalhada e que na parte teórica do workshop tivesse sido avisada de que não existe um mero expectador e mesmo que no workshop passado tivesse colocado sua questão, portanto já tinha experiência com esse trabalho; Sofia ainda assim achou que poderia apenas servir ao grupo.

“De imediato eu não consegui perceber de que maneira eu poderia trazer para mim aquelas histórias ou de que maneira eu poderia trazer para a minha história as vivências acontecidas naquele Workshop conquanto numa delas inclusive da que eu fiquei na condição da filha, não é? Que eu fiz o papel da pessoa que colocou a questão inclusive e que eu tenha no momento em que

você se aproximou que eu fiquei paralisada, não sei se você se lembra disso? Eu tive a sensação “eu estou também aqui”, mas eu não levei... Foi naquele momento, mas eu não levei para o meu nível de consciência depois que eu sentei e terminou aquela... Terminou a questão”.

Foi ao ouvindo o outro, narrar e re-narrar que Sofia pode se ouvir...

“Conversando e trocando foi bem na troca com ele mesmo e que eu estava querendo mais receber dele, ouvir dele aí é que aquilo foi epa e tchu encaixa! ...Quando eu acho que aí eu me ouvindo...”

Sofia teve ressonância com as histórias apresentadas e na entrevistas pode percebê-la melhor.

Deu-se conta de como a necessidade de confirmar suas atitudes é forte e como a busca até hoje. De certa maneira esta confirmação passa também pela adequação tema que esteve presente no olhar de Sofia para a questão da protagonista.

“Por que essa necessidade dessa confirmação? Então dá uma sensação e dá para entender quando você enxerga o outro na mesma posição e acaba vivendo essa mesma posição na pele de outra pessoa, não é?”

A história de Vera foi uma experiência extremamente significativa para Sofia, pois percebeu ressonância em sua própria história e dinâmica familiar. Ampliou seu conceito de relações incestuosas entendendo que ele pode ser usado não só no sentido próprio, mas também naquilo que o casal poderia compartilhar de momentos agradáveis juntos e no lugar, por exemplo, da mãe ao lado do pai quem está é a filha ex.:- assistir televisão, ouvir música etc.

Neste sentido observa a própria história onde descreve vários momentos onde ela é que estava como companheira do pai e não a mãe. Isso provoca uma rivalidade entre essas mulheres.

No workshop Sofia experimentou ir ao encontro do pai no lugar de filha e respeitando a escolha da mãe bem como o modelo de relação conjugal que os pais haviam construído.

Na segunda história, Sofia reflete sobre o servir ao representar a avó:-

“Eu consegui entender esse servir, essa usurpação do servir, porque no final ela, aquilo entrou como se fosse ajuda e ela acabou assumindo o papel que não era dela... E ela se compenetrou daquele papel que eu acho que ela perdeu a identidade dela, perdeu a identidade dela.”

“Que ficou muito patente, então quer dizer quando ela podia, quando era uma eleição e uma escolha na amorosidade ela sabia ser, ela não tinha a obrigação com os netos, mas ela até cuidaria, ou ela cuidava ou cuidou de quem ela quis por opção dela porque estava dentro do coração dela”.

E este é o momento em que Sofia se encontra vivendo seu aprendizado sobre o quer da vida, sobre as escolhas por amor, o que querer das pessoas, o que quer fazer, quando quer ajuda, como quer pedir, a quem pedir etc.

2. O que está levando de útil para sua vida?

Sofia pode perceber por mais que sejam diferentes de suas escolhas as opções de seus pais são deles.

Entrou em contato com seu anseio por apoio e a partir daí experimentou ir ao encontro do pai de uma maneira diferente.

Foi uma surpresa para Sofia saber o quanto pode-se aprender e vivenciar por meio das histórias das pessoas. [...] ***Nem tentar ajeitar para que eles vivam melhor! Isso tem ficado claro para mim. É muito penoso é muito difícil, mas eu tenho que entender que é a opção que eles fizeram...***

3. Perspectiva de futuro, seus sonhos...

São seus projetos para o prazo de um ano, metas estabelecidas no workshop a partir do que cada um percebeu de significativo no trabalho.

Sofia – Ser uma pessoa melhor. É ter isso, conseguir cuidar de mim e cuidar dos outros estabelecendo limites, olhando para mim, me entendendo assim como eu entendo os outros.

4. Relacionamentos que curam...

A história da protagonista Vera para Sofia:-

“Eu acho que o mais importante é conseguir vislumbrar e entender porque a mãe dela agiu daquela maneira e o pai dela agiu assim.”

Psicoterapeuta/pesquisadora – E por que isto é importante para você?

Sofia – “Porque eu acho que preciso fazer isso comigo, eu preciso olhar para a minha mãe e olhar para o meu pai e entender porque eles fizeram esta opção de vida para eles; e aceitar, ainda que não seja no meu entender a melhor.”

Os pais de Sofia

No workshop como parte da finalização do trabalho escrevemos uma carta de gratidão aos nossos pais.

Psicoterapeuta/pesquisadora – E o que você fez com a carta de gratidão para os pais?

Sofia – Como assim?

Psicoterapeuta/pesquisadora – Você entregou?

Sofia – Eu não tenho... Não tenho espaço para isso.

Recordando as respostas de Sofia no Workshop:-

Como você foi tocado pelas histórias que você ouviu?

Sofia - No sentimento e na razão. O fio condutor das histórias de hoje foi no **meu entender a importância do amor entre pais e filhos.**

Sofia para a Psicoterapeuta/pesquisadora

É gratificante a disponibilidade com que você encontra nas pessoas, Sofia particularmente tem uma capacidade extraordinária de doação, eu é que me sinto honrada pelo privilégio de poder testemunhar esse processo.

Ela chama minha atenção para como muitas vezes a vida tem seu ritmo próprio e sua ordem. Confesso que quando vi um número tão pequeno de pessoas para um Workshop onde teria que dali ter inspiração para esta pesquisa fiquei muito preocupada, pois não havia mais tempo hábil tendo em vista que não conseguimos formar grupo em Julho como era nossa proposta original. No final os dois protagonistas nos ocuparam o dia todo de trabalho e muito material para pesquisa, isso só reforça a minha fé numa força maior que nos olha e cuida. Minha gratidão a Sofia por me lembrar disso!

Sofia confirma a questão da ressonância e como participar pode ser tão “curativo” desde que você desperte seu observador ativo. Como a história do outro pode servir de inspiração para uma transformação na minha. A expressão que ela usou “vestir a pele do outro” foi muito significativa.

Com Sofia também exercitei a paciência no sentido do saber esperar.

Pude exercitar na entrevista o foco do Workshop na entrevista final cuidando da ética para não deixar que nossa conversa invadisse o seu espaço terapêutico dela. Reconheci minha postura ética.

Sofia descreve de maneira didática suas sensações como representante, a capacidade de viver um papel e ao mesmo tempo perceber-se a si própria, confirma como a experiência do representante é forte.

As sensações de Sofia quanto à surpresa de não estar apenas “a serviço” foram muito interessante. Ela também confirma a diferenciação do Workshop Relacionamentos que Curam com a Constelação Familiar. Na Constelação Familiar os representantes atuam na constelação do outro e isso não tem nada haver com eles. Existe uma separação clara e nenhuma relação é feita entre o representante e o papel representado.

Sofia ao relatar a sua experiência como representante para André (após o workshop) se deu conta de que havia sido trabalhada e não tinha vindo apenas para servir no workshop, isso significa para mim a importância da escuta do outro para ouvir a nossa história.

A participação de Sofia é um presente na medida que ilustra a ressonância das histórias e o papel representado.

Tive a oportunidade de exercitar com Sofia a troca de minha impressão sobre sua fala e não ficar com nossos “achismos”, tal postura pode confirmar ou não. Esta é uma postura do Psicoterapeuta/pesquisadora Narrativo.

Percebi que também estou conseguindo integrar a prática com a teoria.

Sofia também me fez integrar a prática com a teoria, um aprendizado importantíssimo, ainda que uma parte nossa queira só servir ao outro porque achamos que estamos prontos, temos algo a oferecer, já fomos trabalhados, já conhecemos a técnica e pensamos que nos colocamos só a serviço do outro, ainda assim uma parte nossa sabe que algo de si mesmo está lá naquela história, junto com aquele outro. Isso foi maravilhoso, toda a minha gratidão a Sofia. Uma parte minha sabe que também está no outro!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa foi uma das mais desafiadoras experiências no percurso da minha carreira profissional.

Ao finalizá-la percebo que ela encerra um ciclo, mas não é uma obra concluída.

No percorrer desse desafio passei por experiências muito agradáveis, outras nem tanto; descobri algo novo sobre mim mesma e sobre a minha própria identidade como psicóloga e psicoterapeuta.

“Pensando alto”, junto com o leitor, posso partilhar olhando de outro lugar, que a pesquisa começou quando vim buscar aqui na PUC o curso de especialização em Terapia Familiar e de Casal. Não estava apenas buscando compreender uma abordagem que parecia inovadora, mas estava buscando a mim mesma. Quem era como “psicoterapeuta Sueli Marino”?

Era uma profissional que traçou um caminho com consistência, coerente com aquilo que deseja ser? Estava satisfeita consigo mesma neste aspecto?

A resposta meu caro amigo, minha amiga, é: não! Eu estava sem esperanças, aquilo que eu imaginava ser, não era, e duvidava se seria capaz de seguir nessa profissão.

A persistência às vezes pode ser uma grande aliada, e sendo aceita no curso da PUC poderia tentar mais um pouco.

Tenho uma crença pessoal que Deus com seu amor envia mensageiros na terra para nos ajudar, e tive a honra de encontrar Marilene Grandesso. Foi observando sua postura profissional e por sua coerência teórica e prática que vislumbrei uma possibilidade de transformação em mim. Uma verdadeira fonte de inspiração, afinal se ela conseguiu, pode ajudar-me mostrando um caminho para que possa encontrar o que preciso.

Gostaria de dar destaque a: *coerência entre a teoria e a prática*, esse no meu entender é um dos bens mais valiosos na lapidação de um profissional de nossa área. Muito me ajudou iniciar aprendendo o pensamento sistêmico tendo uma supervisão clínica nesta abordagem e um processo de psicoterapia também nesta linha, complementando com os seminários, fóruns, workshops, entre outros, no mesmo enfoque.

Se o caminho se faz caminhando, frase tão bem aprendida em nosso curso de especialização, este é um longo processo. Nele encontramos um jardim florido, mas também um caminho de pedras.

A elaboração deste trabalho me possibilitou validar esta coerência entre a teoria e prática para o workshop Relacionamentos que Curam.

Ao elaborar as contribuições de cada abordagem para esta Monografia e mais a experiência prática vivencial do workshop, para minha absoluta surpresa, me dei conta de que este estudo não se tratava exclusivamente de como aproximar a Constelação Familiar, Abordagem Sistêmica e Terapia Narrativa, ou compreender o significado do participante do workshop Relacionamentos que Curam, mas sim *eu estava reescrevendo a minha própria história como profissional*.

O exercício de refletir sobre o que cada autor escreve e colocar o meu pensamento foi uma experiência única na minha carreira.

Como psicoterapeuta, atuo na área clínica desde 1988, e exercitar esse entrelaçar do que o outro pensa, do que você entende e acha e colocar em prática foi precioso. Isso não se encontra na leitura solitária dos livros, *é preciso de tempos em tempos uma Monografia e uma comunidade acadêmica para validar seu aprendizado*. O trabalho de consultório muitas vezes é isolado.

E quando eu olho para esta grandeza eu só sinto gratidão a vida, a Deus que me enviou não só uma, mas várias pessoas como testemunhas externas desse processo, cada uma com seu brilho próprio e qualidade. Por exemplo: a Rosa Macedo eu agradeço por sua força, clareza de idéias e inteligência, a Ceneide Cervený por sua valiosa obra literária que em muito contribuiu e me inspirou, a Cláudia Bruscatin por sua qualidade amorosa e apoio, a Mariane Feijó por me lembrar sempre “eu estive pensando...”, a Mathilde por sua vontade de viver e produzir, a Monica por suas aulas bem humoradas e esclarecedoras, a Maria Luiza por seu apoio e alegria.

Outra crença que compartilho com o leitor, é a de que, quanto maior a sua consciência sobre a vida, maior também é sua responsabilidade.

No momento da análise dos dados da pesquisa, a coerência cobrou minha responsabilidade. A partir daí faço as reflexões da p. 51: Tendo-se em vista a própria identidade desse trabalho e a sua história, como psicoterapeuta/pesquisadora

poderia não estar incluída? Se o estudo trata de uma história possível a partir de Relacionamentos que Curam qual é a história da pesquisadora nesse encontro?

Não sei se aos olhos do leitor esta maneira foi agradável, mas neste momento dessa história é o que foi possível para que essa responsabilidade encontrasse um lugar confortável dentro de mim. *Colocar-me na relação no momento da análise de dados foi significativo para a pesquisadora.* Foi também reconhecer a ressonância que uniu protagonista, participante/representante, e psicoterapeuta/pesquisadora.

Essa ressonância passou a ter para mim depois deste trabalho outro significado no workshop Relacionamentos que Curam: De um lado o protagonista oferece a sua história enxergando no representante uma gama de significados, e ao mesmo tempo oferece a este a possibilidade de aceitar ou não seu convite, numa situação de dar e receber, uma vez que o representante, também oferece seus significados para a história ouvida.

No encontro dessas histórias apresentadas pudemos contemplar o trabalho das ressonâncias como uma possibilidade transformadora para todos os envolvidos, protagonista, participantes/representante e psicoterapeuta/pesquisadora.

Como protagonista e como participante/representante André pode experimentar ser observador de si mesmo e refletir sobre as relações familiares, ora em sua família de origem, ora em relação a sua própria filha e ex- mulheres.

Relembrando nossas entrevistas com André, antes do workshop: - “Eu demoro muito para sair de onde estou, e quando faço saio demolindo o que construí”. Quando perguntado sobre o sentido disso para ele, responde: - “*ter que limpar a sujeira e gostaria de tornar as coisas menos complicadas, perder o medo*”. Surge tal questão, tanto na vida profissional quanto pessoal de André. O problema principal que o incomoda entre outras coisas, diz respeito à maneira como lida com o dinheiro que ganha: de lapidar o dinheiro que ganha, nunca tem dinheiro para si mesmo (sic), o que sobra não está com ele. Vivencia a sensação de “*não ter direito a porra nenhuma*”. Não se sente merecedor de usufruir, e não sabe dizer o motivo. Acredita que ter medo é ser covarde e que tem compulsão de cuidar. Ele convive com o problema a cerca de vinte anos Quando perguntado sobre como estava sua vida, André acha que com relação à questão financeira, tudo começou quando se acomodou com o segundo casamento, casou-se pela segunda vez mais ou menos a vinte e quatro anos atrás.

André se percebe comprando o conflito com dinheiro desde então, por exemplo, nas brigas com a segunda ex-mulher dizia para ela: “*do que você está reclamando? Você tem tudo!*” Daí concluiu que o seu dinheiro podia comprar o conflito.

A influência hoje do problema na vida de André é:

- a. Tem menos paciência com pessoas próximas.
- b. Fala mais palavrões.
- c. Vive um ciclo repetitivo ser rico e ser pobre.
- d. Percebe-se lidando com o dinheiro com leviandade.
- e. Impede a evolução intelectual.
- f. Falha do planejamento financeiro.
- g. Afeta vida pessoal.

Quando perguntado (última entrevista) a André sobre o nome que ele daria para seu problema, chamou-o de “covardia emocional” ou “moral”, que tem a ver com uma covardia de ordem emocional e significa não guardar dinheiro na conta, não se sentir digno de ter nada, e quer dizer você ocupar o seu lugar. A imagem de si mesmo diante da influência de seu problema é de uma pessoa desagradável e cansativa para os outros. O objetivo de André é evoluir e sua expectativa nesse trabalho é aceitar quem ele é.

Agora relembro nossa última entrevista após o workshop, ele diz: “Os únicos dois desenvolvimentos que realmente justificam:- o desenvolvimento moral e o desenvolvimento intelectual. Esse trabalho todo desde a primeira entrevista até a entrevista de hoje, ele me deixa mais livre esse acordo, nós só nos desenvolvemos moral e intelectualmente; todo o resto é inexistente, é insubsistente, não tem... O que eu estou levando é uma condição moral e intelectual, o que me atrapalhava e o que me atrapalha o que precisa ser corrigido isso faz parte do meu desenvolvimento, mas isso permite encarnarmos, nós sejamos mais espíritos ...Isso é a essência da nossa vida!

Quando perguntado sobre seus sonhos a partir de agora, após o workshop:- “O que eu tiver que arrumar na minha vida financeira, fazer o divórcio da mãe da minha filha eu sou separado, mas não sou divorciado. Eu vou comprar um apartamento grande o suficiente ou casa grande o suficiente para acomodar a filha

da Sofia e a minha filha, de forma em que elas não torrem o nosso saco (sorri) e elas tenham uma vida autônoma e que eu possa casar com a Sofia, casar no sentido emocional e moral do sentimento...

A participante/representante Sofia, por sua vez, veio para o Workshop para estar a serviço, *“Eu estava a serviço... Eu vim com esse propósito! Eu vim com o propósito até porque eu sabia que eu iria participar e servir de alguma maneira como é...”*[...] *De imediato eu não consegui perceber de que maneira eu poderia trazer para mim aquelas histórias ou de que maneira eu poderia trazer para a minha história as vivências acontecidas naquele Workshop conquanto numa delas inclusive da que eu fiquei na condição da filha, não é? Que eu fiz o papel da pessoa que colocou a questão inclusive e que eu tenha no momento em que você se aproximou que eu fiquei paralisada, não sei se você se lembra disso? Eu tive a sensação “eu estou também aqui”, mas eu não levei... Foi naquele momento, mas eu não levei para o meu nível de consciência depois que eu sentei e terminou aquela... Terminou a questão.* A história de Vera outra protagonista no workshop, foi uma experiência extremamente significativa para Sofia, pois percebeu ressonância em sua própria história e dinâmica familiar. Ampliou seu conceito de relações incestuosas entendendo que ele pode ser usado não só no sentido próprio, mas também naquilo que o casal poderia compartilhar de momentos agradáveis juntos e no lugar, por exemplo, da mãe ao lado do pai quem está é a filha ex.: assistir televisão, ouvir música entre outras. Neste sentido observa a própria história onde descreve vários momentos onde ela é que estava como companheira do pai e não a mãe. Isso provoca uma rivalidade entre essas mulheres.

No workshop Sofia experimentou ir ao encontro do pai no lugar de filha e respeitando a escolha da mãe bem como o modelo de relação conjugal que os pais haviam construído. Na segunda história, Sofia reflete sobre o servir ao representar a avó: *“Eu consegui entender esse servir, essa usurpação do servir, porque no final ela, aquilo entrou como se fosse ajuda e ela acabou assumindo o papel que não era dela... E ela se compenetrava daquele papel que eu acho que ela perdeu a identidade dela, perdeu a identidade dela.”*

“Que ficou muito patente, então quer dizer quando ela podia, quando era uma eleição e uma escolha na amorosidade ela sabia ser, ela não tinha a obrigação com

os netos, mas ela até cuidaria, ou ela cuidava ou cuidou de quem ela quis por opção dela porque estava dentro do coração dela”.

E este é o momento em que Sofia se encontra vivendo seu aprendizado sobre o quer da vida, sobre as escolhas por amor, o que querer das pessoas, o que quer fazer, quando quer ajuda, como quer pedir, a quem pedir, entre outros.

Neste sentido, a experiência de Sofia, foi riquíssima, uma vez que ela nada esperava receber.

Outra consideração importante que quero partilhar com o leitor, é a *importância da entrevista final*. Isto não seria de tudo uma novidade, tendo em vista que há quatro anos realizo este trabalho, diria que ao sistematizar o trabalho intensificou para a pesquisadora a relevância desta parte final. O cuidado redobrado de ir acompanhando e lembrando o início do processo do cliente no próprio workshop.

E, para finalizar, eu gostaria de compartilhar um grande aprendizado neste caminhar de construção em parceria com todos os protagonistas e participantes/representantes que já passaram pelo workshop “Relacionamentos que Curam” nestes quatro anos de trabalho:

A voz do nosso cliente também pode ser uma produção teórica autônoma, não centralizada, simplesmente pelo saber da própria vida e da própria experiência de quem a vive.

Sueli Marino, 2008.

A você leitor, minha gratidão por testemunhar meu caminhar, espero que este trabalho possa de alguma maneira inspirar algo de bom para sua vida. Caso queira compartilhar suas descobertas, estou disponível no e-mail sumarino@terra.com.br

Grata.

REFERÊNCIAS

CAPRA, F. – **O Ponto de Mutação**. Tradução Álvaro Cabral. 28ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2007, 447 p.

CELSUS, A. C. – **De Medicina**. Livro III. 9.1 The Loeb Classical Library, Cambridge, Harvard Univ. Press, 1971, p. 266-8.

CERVENY, C.M. de O. **A Família Como Modelo – Desconstruindo a Patologia**. 1ª ed. Campinas – Editora Livro Pleno 2001, 139 p.

CUNHA, A. G. da; et. al. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986, p. 232, 518.

CRUZ, H. M. **Da Lingüística à Política: O Giro de Michael White**. In **Nova Perspectiva Sistêmica – Uma Parceria Multiversa, Noos e Familie**. São Paulo: Morada do Livro, 2008, p. 76 – 84.

ELKAÏM, M. **Como Sobreviver à Própria Família**. Tradução Maria Alice de Sampaio Dória. São Paulo: Integrare Editora, 2008, 143 p.

FERREIRA, A. B. DE H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S.A. 1986, p.1405.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Tradução de Raquel Ramallete. 35ª ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2008, 262 p.

_____. **As Palavras e as Coisas – Uma arqueologia das ciências humanas**. Tradução Salma Tannus Muchail. 8ª ed. São Paulo: Martins Fontes 1999, p. 23 – 61.

_____. **Soberania e Disciplina – In. Microfísica do Poder**, Ed. Graal. p. 179 – 192.

GOMES, R. Cap. IV - **A Análise de Dados em Pesquisa Qualitativa**. In MINAYO, M. C. de S. (org.); et al. **Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade**. 20ª Ed. RJ, Petrópolis: Ed. Vozes, 2002, p.70.

GRANDESSO, M. A. **“Dizendo olá novamente”: a presença de Michael White entre nós Psicoterapeutas Familiares.** In **Revista Brasileira de Terapia Familiar** – V. 1,n.1, janeiro/junho de 2008. p. 65 – 70.

_____. **Terapias Pós-Modernas: Um Panorama** – In **Revista Sistemas Familiares.** (Buenos Aires – Argentina). Trabalho Apresentado no Congresso da IFTA, em Porto Alegre, em Novembro de 2001. 23p.

_____. **Sobre a Reconstrução do Significado: Uma Análise Epistemológica e Hermenêutica da Prática Clínica,** São Paulo, Casa do Psicólogo, 2000. 422 p.

HELLINGER, B. **Ordens da Ajuda.** Patos de Minas, Atman, 2005. 238 p.

_____, **Viagens Interiores.** Tradução Newton A. Queiroz. Patos de Minas: Atman, 2008, 136 p.

KORNFIELD, J. **A Arte do Perdão, da Ternura e da Paz.** Tradução Vilma Soares. São Paulo. Editora Cultrix, 2002, 144 p.

MARINO, S. et al. **Perdas e Luto.** Seminário apresentado Módulo V do Curso de Terapia Familiar e de Casal do Núcleo de Família e Comunidade PUC-SP, 2006. 34 p.

MATURANA, H. R. **Observando a Observação.** In ELKAÏM, M.(org.): **Terapia Familiar em Transformação.** Tradução Nicole Camacho. São Paulo: Summus Editorial, 2000. 178 p.

MORGAN, A. **O que é Terapia Narrativa? Uma introdução de fácil leitura.** Porto Alegre:Centro de Estudos e Práticas Narrativas, 2007. 132 p.

NETO, O. C. Cap. III - **O trabalho de Campo como Descoberta e Criação.** In MINAYO, M. C. de S. (org.); et al. **Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade.** 20ª Ed. RJ, Petrópolis: Ed. Vozes, 2002, p.51.

PAYNE, M. **Terapia Narrativa. Una Introducció para profesionales.**Paidós,2000. 264 p.

RUSSEL, S; CAREY, M. **Terapia Narrativa – Respondendo às suas perguntas.** Porto Alegre; Centro de Estudos e Práticas Narrativas, 2007. 144 p.

VASCONCELLOS, M. J.E.de. **Pensamento Sistêmico – O novo paradigma da ciência**. 3ª Ed. Campinas , São Paulo: Papirus, 2002. 268 p.

WAGNER, A. (coord.) **Como se perpetua a Família? A transmissão dos modelos familiares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, 166 p.

WALSH, F. **Fortalecendo a Resiliência Familiar**. Trad. Magda França Lopes: Revisão Científica Cláudia Bruscin. São Paulo: Rocca, 2005, 171p.

WHITE, M. **Deconstruccion and therapy**. Dulwich Centre Newsletter, 1991, 3: 21-40.

_____, **Prática Narrativa, Terapia de Casal e Dissolução de Conflito**. In Pensando Famílias, 7 (9), nov. 2005; (11-47).

Internet:

REZENDE, J. M. DE. **Linguagem Médica**. 3ª ed. AB Editora e Distribuidora de Livros Ltda. Disponível em <<http://usuarios.cultura.com.br/jmrezende>>. Acesso em 13/04/2008.

VIEIRA A. J.H. **Humberto Maturana e o espaço relacional da construção do conhecimento**. Vol. I – Número 2 – Novembro 2004 – ISSN 1807-538X Publicação Centro de Ciências de Educação e Humanidades. Universidade Católica de Brasília.
Disponível em <http://www.humanitates.ucb.br/2/maturana.htm>.
Acesso em 30/11/2008.

ANEXOS

André - Entrevista Após o Workshop

Terapeuta – Eu trouxe aqui as perguntas que você me respondeu no workshop. Vai ajudar a gente a lembrar um pouco de como é que você estava no dia. Lembra daquelas duas perguntinhas que você respondeu antes do trabalho.

1. Como estou hoje para esse trabalho?

Você respondeu assim:-

Consciente.

2. O que gostaria que acontecesse aqui para dizer que este workshop foi útil?

Resposta:- Verdade possível.

Nossa você tem uma letra super bonita, nunca vi um empresário com letra tão bonita.

André – Eu sou (fala sua profissão, vamos omitir por questão ética) originariamente.

Terapeuta – É o primeiro profissional que eu vejo com letra bonita. (Sorri).

André – Eu tive que parar num Psicólogo na 5ª série, na 1ª série não é, quando terminei o ginásio porque a minha letra era horrível e então diziam que eu tinha problema mental. Um Professor de Português, Professor Aurélio foi muito companheiro porque ele diagnosticou o problema. A mão não acompanhava a mente, então ele falou:- Ele não tem problema nenhum, ele só tem que fazer um treinamento porque ele vai ter que tolerar o tempo do corpo, então eu tive que fazer um treinamento de caligrafia pesadíssimo para poder adaptar a mão à velocidade, então a letra acabou ficando bonita.

Terapeuta – (Volta a ler as questões do Workshop) **Como você está saindo deste trabalho e o que está levando?**

Você respondeu:- Eu estou levando, saindo um tanto mais homem, estou levando mais conhecimento e coragem.

Como você foi tocado pelas histórias que você ouviu?

Em todas as histórias no sentimento e na razão, a porta de entrada é a energia plena em contato com o Espírito, Espírito com letra maiúscula (explica a Terapeuta).

De acordo com as suas expectativas como você avalia este Workshop?

Pleno de êxitos.

Sugestões:-

Eu achei que o preço poderia ser maior.

Terapeuta - Isso aqui eu achei fantástico. (Sorri).

André - Eu achei muito econômico da forma que você faz, mas é só uma opinião minha entendeu.

Terapeuta – Então vamos trazer um pouquinho aqui... por onde você quer começar?

Você como participante, ou a sua colocação? Qual é um bom caminho para você?

André – Todos, escolha o caminho.

Terapeuta – Não, comece você.

André – Eu não lembro das respostas, você está lendo aí, eu não lembrava das respostas; das duas iniciais, embora se você me perguntasse eu não lembraria, quando você leu eu lembrava de ambas e tenho consciência de tê-las feita ambas, mas as finais não. A não ser a do preço as outras todas eu não lembrava.

Terapeuta – Ta, você disse assim... Como você está saindo desse trabalho e o que está levando?

Eu estou saindo um tanto mais homem, estou levando mais conhecimento e coragem.

Você quer comentar alguma coisa sobre isso?

Não, faz sentido só que esta resposta não está em mim, mas faz sentido.

Como você foi tocado pelas histórias que você ouviu?

Em todas as histórias no sentimento e na razão, a porta de entrada é a energia plena em contato com o Espírito, algum comentário?

André – Não. Isto é... Esta segunda eu tenho consciência disso... da segunda resposta eu tenho consciência e isso para mim é algo absolutamente seguro, é exatamente isso.

Terapeuta – Você encaixa com algum momento do Workshop? Isso que você escreveu aqui?

André – Não, com o Workshop em si.

Terapeuta – Então vamos falar um pouco da sua participação... A primeira parte do trabalho foi àquela parte teórica tem alguma coisa que você queira comentar sobre aquela primeira parte teórica? Ou do grupo de uma maneira geral?

André – Não.

Terapeuta – Aí a gente passou para o trabalho em si, você foi o primeiro não é? Aí teve aquela primeira parte e na verdade você teve dois trabalhos...

André – Três trabalhos, e três bastante característicos... Eles não... O terceiro até pode ter sido uma consequência do segundo, mas para mim eles são bem diferentes. O fato

do segundo ter demorado segundos ou minutos não significa que não tenha sido intenso, para mim eles são bem segmentados.

Terapeuta – Vamos falar de cada um deles para ver Como foi assim o primeiro para você? Aqui olha, eu estava lendo, a gente escolheu para externalizar, como foco a covardia e você comentou com o grupo que o que você queria deixar:-

Uma mochila certa de cada um nas costas de cada um; e a covardia no Workshop você falou assim:- A covardia é uma covardia moral ela tem haver com uma covardia de ordem emocional e significa não guardar dinheiro na conta, não se sentir digno de ter nada, quer dizer você quer o que ocupar o seu lugar.

Então nós começamos com um representante para você, e um representante para a covardia emocional, você lembra quem foram os seus representantes nesse trabalho?

André – Não.

Terapeuta – Não vai lembrar o nome não é?

André – Não, não lembro...

Terapeuta – O que aconteceu você lembra?

André – Ah, sim no final eu lembro, surgiu espontaneamente à figura da... Do aborto do primeiro casamento...

Terapeuta – Acho que era a Vera, não era?

André – Era a moça que colocou a questão também, era a criança abortada que representava a criança abortada... E a Esther representava a mãe da criança abortada.

Terapeuta – Então a Vera estava no papel da covardia emocional...

André – Originariamente sim.

Terapeuta - Quem estava te representando, não me lembrei neste trabalho?

André – Eu tinha pedido para ser a Beth, ela ficou em dúvida e eu pedi para o Antonio.

Terapeuta - E aí você posicionou os representantes... Como você identificou na covardia emocional a questão do aborto?

André – Depois que você chamou para compor a cena, a Esther estava fora e você convidou-a para compor a cena... Eu não lembro porque a que título você a convidou... Porque até aquele momento não existia um desenho, quando você convidou a Esther para fazer a representação... Alguma coisa no contexto ela veio representar alguma coisa no contexto, não lembro o que...

Terapeuta – Mas a Esther veio depois que você falou do aborto.

André – Não. Não, ela veio antes. Ela veio antes porque a Vera se colocou em prantos justamente com a presença da Esther.

Terapeuta – Não André. Eu falei para você assim:- André, isso te lembra alguma coisa? Isso que está acontecendo? (referindo-me a

cena onde a representante da covardia emocional começava a curva-se e chorar). Imediatamente você identificou com o aborto. *

***Esclarecimento da Terapeuta** – Essa é uma questão importante para a sequência do trabalho, uma das **diferenças do Workshop “Relacionamentos que Curam”** para a Constelação enquanto técnica pura é a não interferência por parte do Terapeuta, na colocação de um representante sem que o protagonista identifique para si mesmo o significado da cena trabalhada, ou seja, **os representantes só são colocados na cena a partir das identificações e significados do protagonista**, e não como é na Constelação, vinda do que tem mais força no sistema dentro da visão do Terapeuta; isto é um dos pontos que diferencia o Workshop Relacionamentos que Curam sobre a técnica de Bert Hellinger. Imagino que talvez o fato de André conhecer a técnica da Constelação pode ter contribuído para que ele tivesse essa impressão.

Justamente por tudo ter acontecido muito rápido é que nos propusemos a fazer outro trabalho, o foco na verdade não foi trabalhado, neste caso trabalhou-se a questão do aborto confirmando a posição que André teve em sua juventude, confirmou a André seu posicionamento em relação à mulher e a relação da mulher em relação a sua decisão de abortar na época, mas não se trabalhou o foco que André solicitou; ao término desse trabalho isso foi esclarecido a André e a decisão de seguir e retomar o foco ou não foi dele.

André – Mas com a presença já da Esther eu estava sentado no sofá a Vera estava chorando e a Esther já estava ao lado dela, porque eu me sentei onde a Esther já estava sentada... A Esther já estava em cena.

Terapeuta – André, eu só coloquei a Esther depois que você falou do aborto, não tinha nenhuma razão para a Esther entrar.

André – A Esther entrou por algum motivo específico.

Terapeuta – Por ser a mãe de um aborto, aí sim eu coloquei a Esther.

André – Não é isso que está em mim. Até porque eu não poderia estar sentado quando eu diagnostiquei o aborto eu estava sentado exatamente onde estavam sentadas originariamente a Vera e a Esther e não tinha ninguém no sofá.

Terapeuta – Não André, eu só coloquei a representante de uma outra mulher porque você identificou de cara o aborto, e eu lembro que foi através do choro, você disse que já tinha ouvido esse choro num Centro (Espírita) num trabalho, era um choro parecido...

*André e sua esposa são espíritas.

André – Não, não foi nada de centro, nada de trabalho... Olhando a cena e é por isso que para mim é esta cena...

Terapeuta – Então, mas a Esther entrou depois que você identificou que era o aborto, já que era o aborto eu tinha que colocar a mãe; mas quem identificou o que era quem me deu a senha foi você.

André – Isso eu lembro, para mim ficou claro o que era. Eu só não tenho o... Pra mim não foi assim.

Terapeuta – Na sua imagem ela ocorreu antes?

André – É... Sim, até porque as coisas estavam acontecendo sem nenhum sentido, às coisas estavam acontecendo sem nenhum sentido.

Terapeuta – No Workshop você colocou, eu fiz essa pergunta para você.

Você me falou que tinha feito algum trabalho e que esse choro da representante... A representante começou a chorar você lembra disso?

André – Lembro.

Terapeuta – E você identificou aquele choro em alguma coisa que você já tinha visto.

André – O que eu disse se não com essas palavras exatas "Este choro é o choro que eu reconheço que há anos eu preciso abraçar e por no meu peito".

Não foi trabalho nenhum, depois que a questão foi colocada eu disse para você fora do contexto do Workshop o seguinte:- que para mim era muito clara a diferença entre a energia da constelação, a energia do Workshop e a energia mediúnica porque o atendimento em si da entidade espiritual que foi abortada isso já havia ocorrido há tempos atrás num trabalho espírita mediúnico, o que eu estava te dizendo é para você é que a energia que se trabalha é uma energia que é energia também, mas não tem absolutamente nenhuma vinculação direta necessária com o tratamento da entidade espiritual.

Isso é um assunto realmente da energia da matéria, da encarnação que a gente vive da construção da nossa... Do nosso equilíbrio psicológico enquanto reencarnados.

Então só para reafirmar algo que a gente já havia conversado a algum tempo de que como espírita e conivente com a reencarnação e com o plano espiritual eu não recomendo, não faço e tenho restrições importantes quanto à terapia de vidas passadas e enquanto a gente misturar o trabalho de psicologia de nossa vida material com os trabalhos de mediunidade e do trabalho da vida espiritual isso para mim faz uma grande diferença.

Então foi neste contexto. Mas agora voltando no momento do workshop propriamente dito o que eu senti e o que eu disse no meu contexto foi:- Eu sei o que é esse choro, esse choro é o choro que eu precisava colocar no meu peito a vinte e tantos anos e na época eu até disse quantos anos certinho e nunca fiz e aí quando eu pus a representante da criança abortada no ombro ela chorou tudo que ela queria chorar ela se entregou ao choro e...

Terapeuta – E como foi para você isso, esta cena?

André – Foi um cumprimento de um dever. Não o cumprimento de dever por obrigação, tinha um ato de amor, de compaixão, de carinho e de afeto, de uma entrega final de um trabalho que precisava ser feito. Mas de um trabalho de amor sem... Sem nenhuma obrigação, sem o sentido de obrigação, foi reconfortante.

Terapeuta – Então a sensação foi reconfortante.

André – Isso.

Terapeuta – Então depois o que aconteceu com você? Então você abraçou e aí? Como você ficou?

André – Eu fiquei bem.

Terapeuta – Alguma coisa a mais te chamou atenção para neste trabalho?

André – Chama atenção que a mesma segurança que eu tinha lá há 28 anos eu tive também no workshop; e que em momento algum eu falhei.

Terapeuta – Segurança com você.

André – Em momento algum eu tive alguma dúvida, alguma... Algum comportamento que fosse uma falha, que fosse omissivo que pudesse ter contribuído ou pudesse ter chegado àquela situação.

Terapeuta – E até o diálogo da representante da mãe com você...

André – O mesmo comportamento cafajeste igual.

Eu só estava mais maduro, mais velho, mais consciente e enxergando com melhor plenitude aquilo que eu agia mais intuitivamente quando eu era muito jovem.

Terapeuta – Você tinha quanto anos na época?

André – Vinte e um ou vinte e dois, mas o sentimento de segurança absolutamente igual, só muito mais maduro lógico. O que eu consegui sentir foi a maturidade da idade dos 50 anos.

Terapeuta – Mais alguma coisa desse trabalho, dessa parte do trabalho?

André – Não, foi... Foi importante. Foi importante porque foi espontâneo, ou seja, ele tem algum significado que eu ainda talvez

precise amadurecer com o tempo dada a espontaneidade...

Terapeuta – Se você pudesse me dizer assim o teu aprendizado em reviver essa cena o que você teria para me dizer? Por que você acha que o universo te colocou para depois de tanto tempo de novo nesta cena?

André – ...O racional eu..., eu não tenho a resposta, a tua resposta seria se eu pudesse te dar espontaneamente, o racional me indica que faz parte da minha reconstrução.

Nas nossas entrevistas uma coisa que ficou clara, na última entrevista que eu disse não precisamos fazer o workshop, eu abri mão de uma parte importante de mim próprio, eu tive que me diminuir, eu tive que me, me, me manietar... E você não se diminui, você não consegue ser menor sem ter perdas isso é uma coisa que eu te falei isso para mim é muito claro.

Em algum momento eu decidi não ser quem eu era ou não ser tudo o que eu era e quando você toma essa decisão você só tem perda, você não consegue controlar a perda você se diminui, você não se diminui só na conveniência você tem uma série de outros pelo menos que você carrega então talvez isso faça parte de reconstruir aquilo que eu mesmo me alijei.

Terapeuta – Então tem um significado para você, de reconstrução...

André – Reconstruir uma região no psicológico que eu mesmo me impus; fazer o melhor do que eu sou e do que eu era.

Terapeuta – E resgatar isso no que te ajuda nesta reconstrução?

André – Com muita tranquilidade:- não se junta com quem é pequeno, a tua humildade tem que ser para fazer o bem não para conviver com quem é pequeno por incompetência, por corrupção, por maldade, por leviandade; ou qualquer outra coisa, fazer-se de pequeno é fazer-se de pequeno sem que você tenha que se diminuir, você desce até os outros ...

Terapeuta – Mas, você viu isso nesta cena?

André – Isso é a construção do que eu faço no racional.

Terapeuta – Mas nesta cena como isso se encaixa?

André – Isso se encaixa porque a única coisa que me interessava na cena, é lógico que eu precisava de alguma coisa que de alguma forma fazer parte do contexto aquela que serviu de mãe da criança abortada, mas ela não tinha significado nenhum real ali para mim na cena. Ela estava atrapalhando a cena como atrapalhou a cena o tempo inteiro, até com a própria criança...

Terapeuta – A sua ligação era com a criança.

André – A ligação material, só precisava terminar esta... Este trabalho psicológico.

Terapeuta – Por que essa ligação material com a criança foi importante para você?

André – Porque esta minha... Este meu agir ao final causou dano a alguém...

Se eu nunca tivesse me ligado a uma criatura tão vil, tão baixa, tão inadequada, e falo com tranquilidade não é uma adjetivação nervosa.

Esta situação de conflito com esse espírito, não teria se materializado; porque o aborto é uma situação de conflito muito difícil é uma energia muito complexa ela envolve tanta coisa, ela envolve a natalidade, ela envolve a esperança de uma oportunidade de vida e a perda dessa esperança de forma abrupta por intermédio de outro, ela equivale a um assassinato, ela equivale a tanta coisa junta.

Terapeuta – É... Eu não sou uma conhecedora da doutrina espírita, mas eu já ouvi dizer que existem espíritos que precisam desta experiência...

André – Não era o caso específico, a gente não pode generalizar. Quando a gente faz o workshop à gente trata de caso específico não trata de caso geral. No caso específico não era essa a necessidade, e essas experiências em que o espírito precisa, elas decorrem como regra geral nos abortos espontâneos não nos provocados.

Terapeuta – Não ficou claro para mim por que foi útil para você reviver esta cena?

André – É uma reconstrução, é a reconstrução, lembra que eu falava que faltava... Esse homem era um homem incompleto?

Eu continuo achando a mesma coisa, eu terei cumprido com o meu trabalho nesta encarnação se eu desencarnar como homem.

Terapeuta – Então ela é uma reconstrução porque você resgatou uma cena onde você tão jovem acabou fazendo a coisa que você deveria, você estava correto na sua posição, reafirmou isso para você, você teve a oportunidade de expressar o seu afeto, e isso foi importante...

André – Muito importante, muito importante, e também deixa claro que nós todos seremos iguais, somos iguais... Isso para mim é muito importante.

Terapeuta – Mas alguma coisa desse trabalho? Desse primeiro trabalho?

André – Não, não isso já é bastante.

Terapeuta – E aí eu falei para você, olha isso foi super importante, mas ele não trabalhou a covardia emocional, moral, não é?

André – Sim. Relativamente ta... Ele começou a trabalhar aquela covardia que significou o

não aceitar enfrentar tal como eu sou, tal como eu via... Não é bem assim isso está contextualizado.

É verdade que nós não enfrentamos objetivamente a questão da covardia moral, mas você há de lembrar que o grupo não havia absorvido o conceito o grupo só absorveu o conceito de covardia na segunda chamada.

Terapeuta – Eu coloquei a decisão para você da gente parar ali ou continuar depois... Aí a gente fez outro trabalho... E agora eu queria saber da sua participação no outro trabalho, porque aí você participou...

André – Eu participei, eu fui o avô da moça que colocou a questão.

Terapeuta – Então, me fala como foi para você esta experiência.

André – Fantástica porque eu assisti a cena de incesto que eu pratiquei e ainda não consegui parar de praticar com a minha filha.

Terapeuta – Como assim?

André – Você mostrou a cena de incesto quando... E o incesto passou a ter um conceito para mim muito mais importante da forma como você colocou.

Porque o avô da moça, eu fui o avô da moça, e o contexto era o seguinte:- O avô era um boêmio era um mulhengo e a avó dela havia morrido de câncer prematuramente e a mãe dela por quem ela tinha dificuldades tinha ficado presa à mãe, porque tinha cuidado da mãe até levá-la ao túmulo ela era bem menina quando a mãe morreu e tinha passado a vida cumprindo o papel da mãe quase como zumbi esse era o contexto.

E o... E quando a filha fala e aí vamos contextualizar, quando a mãe falava com a avó e aí seria numa relação de mãe e filha, a avó dizia não porque eu perdôo o teu pai e o teu pai na verdade é um homem, porque na verdade eu gosto dele do jeito que ele é.

O avô com os ovos virados falou para filha que seria a mãe da questionadora o seguinte:- O caramba, ela morreu cedo justamente porque não me aceitava, ela fugiu, ela fugiu e fugiu de câncer porque ela nunca me aceitou como eu era o homem sai de casa e faz com as outras mulheres o que ele não faz com a mulher em casa e vamos contextualizar que nós estamos voltando 80 anos.

Quaaaaannndoo a personagem falou isso, a filha dele ficou paralisada e você interveio mostrando a situação de incesto:- Olha o que você fez com a tua filha, olha como ela não consegue se aproximar de você, porque ela soube neste momento que você anula a mãe dela, anula a figura de mulher, que a mãe dela deveria ter e ela se sub-roga na figura de

mulher... E olha o incesto que você está praticando com a sua filha. E a pessoa que estava fazendo o papel da filha ficava congelada, estava paralisada não conseguia se movimentar; tamanho o medo de ficar perto daquele pai. E isso para mim ficou claro porque eu tenho essa, eu cometi esta prática com a minha filha eu anulei e anulo a figura de mulher da mãe dela e é evidente que ela fica incompleta e ela assume a relação de minha mulher, fica claro isso.

Terapeuta – Não foi bem assim.

André – Como é que foi?

Terapeuta – É assim, mas não é assim. Quando você pensa sistemicamente você não coloca, não é assim naquele contexto, não é que o avô provocou isso são pessoas que ocupam posições complementares. Para o avô ter se portado daquilo foi porque aquela mulher complementou ao não se posicionar como mulher é um encaixe, está certo?

André – Perfeito.

Terapeuta – Então quando você coloca isso, dá à impressão que você está assumindo como papel de avô a responsabilidade total como o agressor, o incestuoso e isso precisa ser contextualizado porque não é bem assim, então você percebe...

A minha pergunta na hora foi se isso que você falou o que provoca no sistema, eu perguntei, quando você ouve isso, eu perguntei para a avó, o que acontece com você? Eu tenho vontade de me afastar. Então se afaste. Eu perguntei para a filha, o que você tem vontade de fazer? Me aproximar. Mas ela não tinha coragem, se aproxima, eu te ajudo, eu banco isso com você, entende então não é que o avô é incestuoso são relações em que elas vão ocupando, encaixes onde todos têm a sua parcela de responsabilidade, então vamos contextualizar.

André – Excelente contextualização, só mostra que eu continuo mumificando por absoluto a figura da mãe da minha filha porque nem responsabilidade eu entendo que ela tenha. Muito bem contextualizado, ou seja, a minha mumificação dela como mulher é absoluta, é preciso vigiar isso... Você tem razão.

Terapeuta – Você tirou isso, então isso encaixou, teve uma ressonância com... Então como você viu que na sua relação com a sua filha é isso que acontece?

André – É.

Terapeuta – Por isso que você está chamando esse de segundo trabalho?

André – Não. Então são quatro.

Terapeuta – Esse não é o segundo?

André – Então coloque como segundo, nós vamos até o quarto trabalho.

Terapeuta – Então houve uma ressonância...

André – Sim total... Lógico, fortemente, tão forte quanto à questão colocada. Qualquer outra questão colocada, como qualquer outra questão colocada.

Terapeuta – Então ouve uma ressonância, fala um pouquinho de como é você sua filha e essas relações? Você acha que esse é um papel que às vezes acontece com a sua filha?

André – Muito, muito.

Terapeuta – Como que você observa?

André – O comportamento dela para com a Sofia, o comportamento dela tentando ser possessiva, ela querendo espaços e ela também foi surpreendida por isso quando ela foi fazer a Constelação Organizacional eu a levei.

Quando fui fazer Constelação Organizacional no meu escritório e eu fui pego de surpresa quase que com uma Constelação Familiar e ela minha filha berrou para entrar e apareceu na Constelação que ela tinha assumido o lugar da mãe numa rixa pessoal contra Sofia porque minha filha se colocava como minha mulher, não como minha filha.

*Sofia é a esposa de André e também trabalha com ele.

Terapeuta – Ela trabalha no seu escritório?

André – Ela foi desidiosa da Faculdade e foi reprovada por um semestre, e eu coloquei-a para trabalhar no escritório durante uns seis meses em que ela teria só três matérias na Faculdade para não ficar mais desidiosa e mais ociosa...

Então... E nesse meio tempo ela foi fazer Constelação Organizacional...

E foi muito interessante nesse aspecto e ela se viu de repente naquilo, e a pessoa que estava conduzindo a Constelação era muito habilidosa e conseguiu levar o assunto de forma que ela enxergou a posição que ela estava assumindo trabalhou aquela relação, trouxe alguém para fazer o papel da mãe dela de forma que encerrado aquele instante, ela mesma falou que não tinha mais nada para fazer.

Que então ela não precisava mais ocupar aquele espaço que então ela iria embora dali. Muito interessante, e a gente vem trabalhando isso, é lógico que isso não é um passe de mágica não.

Acordar e modificar tem um tempo que às vezes são uns cem anos, mas os passos (sorri) os passos iniciais foram dados; estão sendo dados, estão sendo trilhados, um caminho difícil, mas estão sendo trilhados.

Terapeuta – Você transportando isso então para o seu papel agora, o que acha que a partir daí você pode fazer de diferente?

André – Transferir para o meu relacionamento com a minha filha objetivamente, é dar segurança que ela pode ser vencedora no papel de filha, porque ser mulher do André, é uma situação extremamente confortável, é uma sensação extremamente segura, e esta sensação, é uma sensação que ela pode se sentir insegura tendo que ser filha e responsável pela vida dela.

Porque o que ela viu é que quem é mulher do André não precisa ter tanta responsabilidade assim, a vida fica razoavelmente cuidada, e o choque é ela dizer o seguinte:- Cáspita, eu sou filha e a minha vida não está cuidada caramba, a minha vida depende de mim própria e eu tenho que dar para ela a segurança de que ela será bem segura na vida dela pelos meios que ela possui, pelas competências que ela tem, pela inteligência dela, pelas possibilidades dela. Esse é o trabalho que a gente veio fazer, a gente que vem participando disso.

Terapeuta – Lá no workshop, quando você se viu como avó, o que você tirou de bom de útil para sua vida?

André – Tome conta da sua mulher, coma a sua mulher muito, faça com que ela tenha prazeres orgásticos, sexuais... Afeto que ela seja muito bem comida falando vulgarmente... , mas objetivamente de para ela afeto, de amor para ela, construa-a como mulher, liberte-a como mulher faça com que ela seja uma mulher plena. Deixe-a livre para ela sentir tudo o que uma mulher pode e deve sentir e isso longe de sobrecarregar um homem alivia o homem.

Terapeuta – No que isso interfere na sua relação como pai?

André – Isso só torna mais distante a possibilidade da minha filha continuar a ocupar o lugar que não é dela.

Terapeuta – Como é que você acha que você pode fazer isso, porque aí você está vendo em relação à esposa que você tem a Sofia. O avô naquele contexto era valorizar a esposa...

André – É evidente que naquele contexto o André estava olhando aquela cena, e vendo que aquele imbróglio todo era porque ao invés dele comer a mulher dele ele foi comer as outras mulheres.

Eu não estou descontextualizando a época eu entendo o que aconteceu lá atrás, eu entendo como as coisas eram lá atrás. Mas para mim ficou claro que se este relacionamento lateral for um relacionamento forte bem construído, completo você não destrói os relacionamentos

que tem menos chance, de sofrer com os relacionamentos que estão acima de você ou atrás de você, que são os teus antepassados e não destroem os que vêm abaixo de você que são os seus descendentes que isso para mim está claro, claríssimo.

Terapeuta – O que ajudou lá naquele contexto independe da fidelidade ou infidelidade, foi o marido olhar a esposa como esposa...

André – Sim, não tem nada haver com fidelidade ou infidelidade, eu só estou te dando um contexto. Porque se ele tratasse das outras e também tratasse da dele, a dele não tinha morrido... Isso é certeza.

Terapeuta – É o olhar como esposa, e quando o marido olha a mulher como esposa ele dá um lugar a ela, e a filha pode ser filha.

André – Equilibra todo mundo.

Terapeuta – Agora se você transportar isso para a sua relação com a sua filha como fica isso? Na sua vida.

André – Para mim isso já está só tem que ser treinado agora. O conceito foi absorvido por mim e pela minha filha.

Terapeuta – Sim, mas em relação à Sofia.

André – Sim o conceito foi absorvido por nós dois.

Terapeuta – Então quem você está excluindo?

André – A mãe dela, a mãe dela está excluída. É o que eu disse para você eu tenho essa dificuldade, é uma anulidade absoluta é tão nula que eu trago a culpa toda para mim (sorri). É o que eu digo consciente eu estou fazer é que pode demorar 100 anos, mas a gente vai fazer o que pode.

Terapeuta – Então é esse pedacinho que está faltando?

André – É isso aí. Eu preciso trabalhar isso eu sei, eu sei, eu sei. Eu tenho consciência, eu tenho o racional absoluto sobre isso, eu tenho o racional absoluto sobre isso.

Terapeuta – Bom isso é importante a sua percepção, já é um grande passo!

André – (Sorri). Eu não lido mal em falar sobre isso não. Só não tem solução por enquanto. Não sei, não tenho habilidade ainda para dar solução para isso.

Terapeuta – Ok, mas tomou consciência. Já é um grande passo. Então esse foi o segundo trabalho. E depois disso?

André – Depois disso, nós tivemos o terceiro trabalho. O terceiro trabalho foi da covardia emocional quando a Beth aceitou fazer o meu papel, e o Antonio fez o papel da covardia moral.

Aquilo foi muito instantâneo porque as duas figuras masculinas também se abraçaram e se juntaram. Elas precisaram estar juntas aquele trabalho se encerrou em si próprio, é esse que

eu chamo de terceiro, quando eu disse para você que isso representa duas energias masculinas se abraçando e se aproximando, eu disse para você que isso representa que eu nunca tive um homem pra tomar de mim! E isso foi um fim em si próprio.

A partir dali você passou a fazer toda a reconstrução do contexto da minha masculinidade da minha família dos antepassados, mas aí eu chamo de quarto trabalho, o terceiro foi esse, foi muito eloquente, foi muito rápido, mas muito eloquente.

Terapeuta – Me recorda...

André – Eu convidei a Beth (participante do grupo) para fazer o meu papel, então ela pôs o lacinho do homem. *

***Obs.:- Esclarecimento da Terapeuta** - Vale à pena lembrar que no Workshop nem sempre temos o número de participantes masculinos suficientes, geralmente as participantes femininas estão em maior número. Então combinamos com o grupo que no caso de faltarem para representarem os papéis masculinos o protagonista poderá escolher uma mulher e esta usará uma fita cumprida azul no pescoço.

André segue falando:-

Eu convidei o Antonio (participante do grupo) para fazer o papel de covardia moral. O primeiro impulso de ambos foi se abraçarem e se abraçaram mesmo, vigorosamente, fraternalmente, e você me perguntou:- **O que é isso André, são duas energias masculinas. E eu disse a você:- É evidente eu nunca tive um homem para cuidar de mim. Então você disse que esse trabalho estava encerrado em si, vamos fazer então a reconstrução da... do núcleo familiar.

**** Obs.:- Esclarecimento da Terapeuta** - Na verdade, a pergunta para André foi:- Esta cena diz algo para você? O que significa para você? São duas energias masculinas se abraçando.

André segue falando:-

Aí para mim está claro terminou o terceiro trabalho e começou o quarto trabalho.

Esse fala sozinho que eu tenho que entender e conviver e para mim foi natural, Ok eu entendi, esta foi a minha realidade. Ela não é uma realidade feliz ou infeliz é só minha realidade natural, nunca tive e ponto. E isso não é bom nem é ruim, é só um fato, um fato decorrente da minha vida.

Foi muito, muito forte para mim, muito forte para mim, mas extremamente balsamizante! Daí porque deste passo para todo o resto para mandar todo mundo se foder no final, todo o resto que foi muito bonito.

A história da minha avó, eu fiquei muito feliz de ter esta ligação tão forte com a minha avó, minha avó para mim sempre teve um valor extraordinário pela força de trabalho daquela mulher, por tudo o que ela marcou, na vida familiar que ela teve...

Eu compreendo o desprezo que eu tenho pelos meus tios-avôs que sempre gostaram muito de mim que são irmãos da minha avó, sempre adoraram a mim e o meu irmão, meu irmão tem... Hoje praticamente todos faleceram, mas o meu irmão sempre teve... relacionamento... Eu embora conviva muito bem com eles, eu tenho um desprezo absoluto por eles,... Não que eu fizesse grosserias, mas eles não representavam nada mais nada menos que estorvos, que pessoas inúteis, pessoas más que ... pessoas nocivas, ... os irmãos da minha avó, pelo que fizeram com ela, eu estou te narrando a alegria de eu ter visto este... esta minha ligação com a minha avó. Ela era usada então eu me permitia ser usado.

Terapeuta – Então era como se você ficasse aliado à avó?

André - A avó. Mas isso ficou claro na configuração é evidente que eu não poderia deixar de ter um comportamento que ela sempre teve, ela sempre foi usada, ela era forte então não tinha problema monta nas costas que eu carregou.

Terapeuta – Mas, você já sabia disso, você já relacionava isso com a avó?

André – Não, isso ficou muito claro na Constelação e isso foi muito importante.

Terapeuta – Isso é uma repetição de padrão.

André – Sem dúvida alguma... Mas se for, eu nem sei se é uma questão de arquétipo, mas se for uma questão de arquétipo, que é uma repetição de padrão, sem dúvida nenhuma, que isso é algo que está quebrado, está quebrado, não vai adiante, não vai passar para os meus descendentes, está rompido...

Terapeuta – Foi quando eles foram morar na sua casa com os avós, com seus pais e estava difícil saber quem era o pai...

André – Nenhum dos dois era.

Terapeuta – E a ligação forte do seu pai com a avó.

André - Porque ela era a mãe dele, a mãe que ele não teve, a mãe que sempre foi ausente, o pai morreu, a mãe foi trabalhar, e com a desculpa de trabalhar nunca olhou para os filhos.

Terapeuta – E muito mais forte a ligação do seu pai com a avó do que com a própria filha.

André – Com a filha nenhuma, a filha não tinha nenhuma ligação com a mãe. A minha mãe não é a figura apagada e morta que

apareceu na constelação é que a energia a ser tratada é a energia masculina e a energia masculina ali só tinha da minha avó. A única energia masculina de verdade ali era da minha avó, nem do meu vô nem do meu pai, por isso que tratou a energia masculina.

O animus existe um conceito que eu ouvi este conceito de Evaldo Ferreira Franco.

Evaldo Ferreira Franco, não sei se você conhece, é um médium, e é um médium.... É uma referência muito grande... Eu ouvi uma palestra dele em rádio e ele faz um comentário que eu achei fascinante com uma lógica tremenda, ele diz o seguinte:- Que a virilidade do homem é amenizado pela anima que ele recebe. E a feminilidade e a resistência da mulher elas são potencializadas pelo animus, então o corpo da mulher, o espírito quando reencarna, o formato de mulher recebe o corpo com as condições femininas e o animus que é uma energia vigorosa masculina e o homem quando reencarna no corpo viril de homem ele recebe para amenizar esse comportamento que há rancor é guerreiro e que só resultaria em violência ele resolve, recebe a anima que é a energia feminina. E o homem procura na mulher o animus correspondente a ele, e a mulher procura no homem a anima onde ela se aninha e se agasalha para repousar aquele espírito vigoroso animado pelo animus, muito interessante isso.

Então nesse contexto a força masculina da minha avó é a referência... Daí porque pra mim era absolutamente calmo manter todo mundo se foder ao final.

E quando você pediu para eu voltar eu mandei você tomar no cú também, e com muita e talvez como o André antigo, é que eu pude suportar você tentando me acalmar. ***

***** Obs.:- Esclarecimento da Terapeuta:-** Na verdade André não verbalizou nenhuma ofensa para a Terapeuta.

Terapeuta – É não foi legal...

André – Mas, vamos contextualizar só. Isto foi importante, isto foi muito legal. Por isso que eu acho que foram quatro trabalhos. Porque no terceiro trabalho, sem o terceiro trabalho, aquele que durou minutos eu nunca conseguiria chegar ao fim do quarto.

Terapeuta – Bem, eu acho que eu cometi um erro e peço desculpas a você porque eu acho que não tinha haver aquela, aquele colo...

André – Foi antes do colo. Foi antes do colo.

Terapeuta – Como?

André – Quando você tentou me acalmar eu mandei se foder e saí do sistema, você pediu para eu voltar eu mandei eles tomarem no cú; e saí do sistema e você veio me colocar no

sistema de novo e me segurar a energia aqui (aponta para o peito) eu não te pedi, mas eu tive que me segurar para não te empurrar ...

Terapeuta – É, mas isso é algo que precisa ser trabalhado, sabe por quê? Porque isso mantém um padrão, isso não transmuta o padrão. Isso fica claro, a gente identificou de onde vem, mas nós não, foi importante não estou desmerecendo o trabalho ta, eu acho que foi um avanço, foi uma surpresa para mim aparecer a ligação com a avó...

André – Então, para mim também, para mim também.

Terapeuta – Eu não tinha percebido tão forte, então eu acho que é um início, mas é só a ponta do iceberg, tem mais coisa aí. Então... o que ficou forte, porque veja só, no trabalho o padrão que ficou estabelecido foi um padrão muito forte da avó e de uma postura firme, mas ela não transformou isso não foi transformado, e você mantém esse padrão no sistema ... Então o “puta que pariu e mandar o outro se foder”, ele mantém a energia no sistema e não transforma, isso não é uma transformação.

André – E o que é transformação?

Terapeuta – Mantém a exclusão, a transformação seria uma atitude de benevolência é algo completamente diferente, não é na dureza é no perdão e a avó não foi capaz de fazer isso, ela não foi capaz de fazer isso. ****

**** **Obs.:- Esclarecimento da Terapeuta:-** O contexto é o que foi vivenciado no Workshop através da atuação dos representantes.

André – Até hoje!

Terapeuta – Até hoje. Você precisa ser capaz de fazer isso, ela não vai fazer, ela não tem forças para fazer, você...

André – Por que isso não foi trabalhado?

Terapeuta – Lá?

André – É.

Terapeuta – Ela não consegue.

André – Ah, entendi no sistema ela não consegue. Ela não consegue.

Terapeuta – Ela não abriu com a ex- amada do avô, ela não se abriu com o avô, com a filha dela, eu tentei de um lado, tentei de outro...

André – Ela é impermeável!

Terapeuta – Ela é impermeável. Eu tentei de um lado, eu tentei de outro, ela não consegue, e aí não tem como, eu não tem a permissão.

André – Sim, sem dúvida. Eu consigo entender.

Terapeuta – E aí não tem como.

André – Eu consigo compreender.

Terapeuta – Ok. Não foi possível, tudo bem, é aquele negócio que passa para outra geração.

Isso se a gente pegar a Teoria do Hellinger, por este enfoque. Então, é o que fica para os próximos, então a “cura” aspas, aspas, aspas,... E super contextualizado e dentro de uma visão de uma humana ta bom? De uma pessoa pequena, e que não é a dona da verdade, mas do lugar que eu olho a cura não é você mandar o outro se foder, foda-se , isso não é a cura; isso te mantém no padrão. A cura é você amolecer e mostrar para a avó que você a ama, mas que você pode se libertar do padrão que você está e se mantém, é muito mais que isso, e aí a gente tem um limite da técnica que eu acho, vou falar uma coisa que você não gosta, mas eu preciso falar da necessidade de um processo psicoterapêutico...

André – Por que eu não gosto?

Terapeuta – Porque você já me falou isso. Você não tem muita paciência, você acha que a terapia é um processo muito chato, alguma coisa por aí.

André – Depois a gente contextualiza de novo.

Terapeuta – Está bom... Porque a Constelação ou o Workshop são técnicas de intervenção. Eu fiquei satisfeita porque a gente pode identificar que isso não é seu, você percebe? *****

***** **Obs.:- Esclarecimento da Terapeuta:-** André identificou no workshop que a covardia emocional ou moral vinha na verdade da avó que sempre ocupou na família de origem um lugar de serviçal onde segundo André, era muito explorada pela família, a diferença entre ele e a avó, no workshop, foi que ele expressava de alguma maneira seu desprezo pelos tios-avós e sua avó não.

André – Percebo.

Terapeuta – Eu fiquei super feliz de ver ah... eu entendi, olha de onde vem, é um padrão, e nós tentamos de todas as formas abrir o coração. O avô abriu o coração, o avô pediu perdão para ela, mas é muito difícil e se a gente fosse nas gerações anteriores, provavelmente não começou com ela. Nós não temos dados, mas se nós pudéssemos ir nós teríamos que voltar mais gerações para trás.

André – Sem dúvida.

Terapeuta – Mas ok. Entende, então esse é um padrão que você precisa transformar então não dá para ficar no “foda-se” . Eu não podia te deixar no “foda-se”. Porque isso não transforma isso exclui. Então é um outro padrão numa técnica dessa ela vai fazer uma intervenção, mas isso é necessário um processo, então o que você tem que ficar atento a situações na sua vida onde a vida, o Universo, Deus, sei lá o campo espiritual, vão

te pedir situações que envolvam o perdão porque aí você quebra esse padrão. Então essa ex-mulher com todas as restrições ela é uma oportunidade de que você faça esse exercício de perdão por exemplo.

André – Está claro.

Terapeuta – Alguma outra situação vai convidar você a exercitar isso, porque é um padrão que precisa ser transformado.

André – Claríssimo.

Terapeuta – Porque você querendo ou não é um herdeiro do legado dela. Você é o que mais recebeu esta herança deste padrão.

André – Muito claro. Muito claro. No plano do racional claríssimo. (Sorri). Claríssimo. Quando eu falo do plano do racional eu aceito como verdade ta, não tenho dúvida.

Terapeuta – Possibilidade...

André – Não. É mais do que isso porque a possibilidade é começar a fazer. Se eu não aceitar como verdade é impossível. É uma verdade, é real, faz todo o sentido, faz lógica. Tem tudo haver com a energia da natureza que precisa ser respeitada, faz todo o sentido.

Terapeuta – Agora não foi adequado e eu não fui habilidosa na hora eu tentei esse colo para ver se...

André – Mas você sabe que isso não me incomodou.

Terapeuta – Mas não foi adequado.

André – Tá bom aí você vai fazer a sua análise da técnica, eu só posso te falar o que eu senti. Eu não fiquei incomodado com o colo, eu só te olhava e falava “porra me tira daqui”. Mas isso eu te digo não me incomodou, não me incomodou. Me incomodou você me pacificar antes, antes quando você pôs a mão (referindo-se na nuca e no peito) aquela hora você me incomodou.

Terapeuta – Eu queria te pedir desculpas, minha intenção não era pacificar, mas era no sentido de diminuir ou qualquer outra coisa, era no sentido de fazer alguma para te ajudar a transmutar aquilo. Eu te peço desculpas se eu passei essa idéia para você.

Ficou claro agora por que eu...

André – Ficou claro agora fala comigo, conversa comigo. Nós não teremos a última conversa hoje provavelmente. Conversa comigo, não põe a mão.

Terapeuta – Eu não deveria ter te tocado.

André – Não põe a mão.

Terapeuta – Ok.

André – Converse comigo.

Terapeuta – Me desculpe pela invasão. Eu acho que eu fui invasiva nisso.

André – Não peça desculpas, porque todos nós estávamos trabalhando, não é isso

também. Eu só estou te falando com a liberdade que a gente tem.

Terapeuta – Não, não, claro André. Claro.

André – Não dá para dar meia voltinha. Tenho que ser direto.

Terapeuta – Eu me sinto com liberdade para falar e ouvir. Acho que isso é uma coisa bacana.

André – É isso.

Terapeuta – Mas você entendeu ?

André – O que eu posso te dizer é como sugestão e talvez eu devesse na entrevista ter te dito. Só duas pessoas encostam a mão no meu cabelo três:- a minha mãe, a Sofia e a minha filha de vez em quando, quando é ela quando não é a mãe dela que está tocando, mais ninguém. Então é uma questão minha eu deveria ter te avisado, mas a sensação é se houvesse algo a fazer teria que puxar da razão.

Terapeuta – Ok vou levar isso como aprendizado, sou grata pela oportunidade que você está me dando de esclarecer isso. Muito obrigada.

André – É nosso.

Terapeuta – Um grande aprendizado meu e seu. Bom... O que mais? Nossa foram quatro trabalhos, muita coisa!

André – Sim. Para mim foi muito rico eu recebi muito; até pela pouca frequência daquele dia eu acabei recebendo muito!

Terapeuta – Muito legal, muito legal. Tem alguma coisa da técnica que você queira me perguntar?

André – Não, para mim é tão claro! Ficou tão claro o que foi feito e como tem que ser feito as rebarbas que ficam, nosso processo de aperfeiçoamento constante, isso para mim é tão claro Sueli.

Terapeuta - Isso pelo fato de você ter feito a Constelação e ter feito esse trabalho, tem alguma coisa que você achou que precisa de um maior esclarecimento?

André – Não, não há. Acho que a técnica que você aplica é uma técnica muito mais apropriada. Eu entendo a Constelação e continuo achando que ela pode trazer de efeitos que ela pode ser trabalhada, mas hoje eu concordo muito com a Sofia (esposa) quando ela fala que nem todo mundo está preparado para ser independente, para se auto gerenciar a carreira, então a tua técnica é muito mais adequada. Você coleta as informações do seu paciente, você coleta as informações da pessoa e trabalha muito melhor, mais segura sem dúvida.

Terapeuta – Obrigada pelo reconhecimento. E agora assim fazendo um apanhado geral de toda a sua vivência no Workshop, finalizando

este processo, o que você está levando de útil para a sua vida; dessa experiência que a gente pode compartilhar nesses encontros. Foram três entrevistas antes do Workshop, o workshop e mais essa entrevista. O que você está levando de útil para sua vida agora?

André – Os únicos dois desenvolvimentos que realmente justificam:- o desenvolvimento moral e o desenvolvimento intelectual. Esse trabalho todo desde a primeira entrevista até a entrevista de hoje, ele me deixa mais livre esse acordo, nós só nos desenvolvemos moral e intelectualmente; todo o resto é inexistente, é insubstancial, não tem... O que eu estou levando é uma condição moral e intelectual, o que me atravancava e o que me atravanca o que precisa ser corrigido isso faz parte do meu desenvolvimento, mas isso permite encarnarmos, nós sejamos mais espíritos... Isso é a essência da nossa vida!

Terapeuta – Você acha que o workshop te ajudou nisso?

André – Sim muito.

Terapeuta – Você acha que pelo fato de ter sido representante na história da Vera, isso de alguma maneira ajudou na sua história?

André – Não especificamente não, mas ajudou na minha vida.

Terapeuta – Ajudou na sua vida...

André – Ajudou na minha vida sem dúvida.

Terapeuta – Então...

André – Não na história do contexto da questão.

Terapeuta – Mas na sua vida...

André – Ah... Na minha história pessoal sim... Lógico que ajudou na minha vida.

Terapeuta – Você acha que de alguma maneira a Vera te deu, te ofereceu uma oportunidade...

André – Sem dúvida!

Terapeuta – O que você poderia compartilhar com a Vera e que ache importante, se pudesse fazer um agradecimento a ela o que poderia dizer a ela de que a história dela contribuiu para algo de bom para você?

André – Eu agradeceria a Vera porque para ela aceitar ser mulher e por ela conviver com as dificuldades que foi ser mulher para ela e está sendo ser mulher para ela, ela me ajudou a viver uma figura para eu tentar ser um homem melhor.

E se ela não fosse mulher e não tivesse a coragem de mulher, de por o sentimento, de prestigiar o sentimento, que se o sentimento não estiver bom, e se ela não tiver plena de sentimento de amor, o resto é irrelevante e ela não teria vindo e eu não teria chegado a essa, a esse re-exame da postura do homem.

Terapeuta – Isso é uma coisa que você fala daqui do seu coração?

André – É! É!

Terapeuta – E isso você pode compartilhar com ela?

André – Posso, posso.

Terapeuta – Se eu pedisse para você, você poderia colocar isso no papel?

André – Posso lógico.

Terapeuta – Isso vai ser muito importante...

André – Precisa ser agora?

Terapeuta – Você pode colocar? Isso vai ser muito importante para ela, você não avalia o quanto!

Antes, eu pedia para as pessoas escreverem em casa, mas a experiência diz que não é legal porque as pessoas não fazem.

André – Está gravado não é?

Terapeuta – Mas não importa isso (referindo-se a gravação) só eu vou ter acesso (com relação a escutar a gravação).

André – Não, não, mas isso é dela. (Entrega a carta que escreveu).

Terapeuta – Eu vou lacrar, por num envelope e enviar para ela. Isso tem um efeito muito curativo, é uma carta tua agradecendo a oportunidade que ela ofereceu a você. (entrega um envelope a André).

Ela não espera por isto.

* André segue por um tempo escrevendo a carta para Vera.

André – Fique a vontade para neste caso para ler, tá?

Terapeuta – Ok. André com relação à carta de gratidão aos pais o que você fez?

André – Está no escritório eu vou levar para casa para deixar na gaveta onde eu tenho o material escrito daquela terapia relâmpago que eu te falei que fiz. Eu achei que a carta está bem escrita, ela faz um sentido. Eu acho que entregar para eles é um outro caminho, eu acho que é um mundo muito complexo talvez para eles lerem tudo junto.

Terapeuta – Como foi para você escrever esta carta de gratidão?

André – Muito agradável.

Terapeuta – E sobre a perspectiva de futuro você lembra o que você colocou?

André – O que eu tiver que arrumar na minha vida financeira, fazer o divórcio da mãe da minha filha eu sou separado, mas não sou divorciado. Eu vou comprar um apartamento grande o suficiente ou casa grande o suficiente para acomodar a filha da Sofia e a minha filha, de forma em que elas não torrem o nosso saco (sorri) e elas tenham uma vida autônoma e que eu possa casar com a Sofia, casar no sentido emocional e moral do sentimento...

Terapeuta – Nossa! Quantas mudanças não?

André – Na verdade é uma coisa só, não é?

Terapeuta – Fortes, não é?

André – É vai limpando a sujeira vai limpando a sujeira, não é?

Terapeuta – Nossa para um ano hein, tem bastante trabalho.

André – Tem, tem sim!

Terapeuta – Legal, a gente está finalizando a nossa entrevista, você quer me perguntar alguma coisa, me dizer mais alguma coisa?

André – Não, não. O que você colocou é que eu tenho um trabalho de psico alguma coisa para...

Terapeuta – Eu acho que é a Psicoterapia. Essas técnicas de Intervenção (referindo-se tanto ao Workshop Relacionamentos que Curam quanto a Constelação Familiar), elas são ótimas, mas também são limitantes porque não tem um processo para dar continuidade e você precisa trabalhar isso dentro de um processo. Você deu um toque, foi um toque importante e eu sei que você vai pegar firme nisso e você vai se trabalhar porque você é uma pessoa comprometida com o seu processo.

É, mas às vezes a gente precisa de ajuda porque algumas vezes pode escapar, então é legal ficar atento a isso, independente dessa questão de você fazer um processo ou não, eu gostaria que você viesse em outros Workshops até mesmo como participante porque trabalha-se muito como participante.

André – Eu entendo o que você fala, sobre o processo que você fala, mas para mim é um pouco mais difícil. Não o vir, manter a rotina do vir são muitas coisas, se a gente tivesse um prazo pré-determinado objetivo daria para fazer, mas não dá para trabalhar um processo desta forma, a gente tem que mexer...acho que a coisa acontece naturalmente.

Terapeuta – Mas você fez terapia com uma pessoa que você gostou e foi um processo.

André – É, são fases de tempo diferentes de cada um. É uma pessoa que já tinha uma idade hoje ela deve estar mais de 70 anos eu acho que tudo tem o seu tempo, tudo tem o seu momento. Quanto a vir aos workshops eu vou me empenhar para vir sim, no mínimo para poder ajudar as pessoas pelo tanto que eu recebi, no mínimo por isso, já valeria a pena, já valeria a pena sim, eu te peço para me avisar. Eu mudei de secretária, mas não de escritório.

Terapeuta – Eu vou te avisar, claro, não se preocupe.

Eu indico para as pessoas darem um tempinho para até colocarem outra questão, porque isso aqui precisa ser trabalhado...

André – Não, não tem questão para colocar, a questão como você colocou é de processo, Ok.

Eu tenho que conter este impulso em cada momento em que ele chega e analisar a rejeição das coisas não precisa ser sobre violência. Você receber um assédio e não corresponder a esse assédio seja de qualquer forma a gente é assediado em todo o momento a toda hora, seja de qualquer forma de coisas boas e coisas ruins e você conter os assédios que não são bons contra você não seja uma violência pode ser simplesmente não aceitar e trabalhar e isso é esse processo de se tornar um ser humano mais completo.

Terapeuta – É trabalhar essa questão do perdão, a exclusão, trabalhar nessa questão de ir além do que você viu da avó que não é possível para ela fazer.

André – Como é que trabalha isso? Fazer o que?

Terapeuta – Isso vai ser num processo psicoterapêutico...

André – Sim, mas o que é um processo psicoterapêutico? Quer dizer ficar 102 anos conversando sobre o assunto, dez anos... O que é um processo psicoterapêutico?

Terapeuta – Não, não... É você, por exemplo, trabalhar um pouco mais com seu lado sentimental, deixar vir um pouquinho mais a energia do seu, daquele menino que você falou aqui, aquele menino espontâneo, te ajudar a você se conectar um pouco mais com essa espontaneidade, é entrar em contato com esses lados que estão mais sufocados que estão permeando esses...

André – E como se faz isso?

Terapeuta – Não tem uma regra assim, isso é construído dentro de um processo, mas não dura dez anos, isso depende da linha da linha teórica que o Terapeuta segue, por ex. se você for procurar um...

André – Eu estou falando com você, não estou procurando nada, como é que você conduz esse tratamento, como é que você conduz esse reposicionamento?

Terapeuta – Ah, a linha que eu trabalho, eu trabalho com a Narrativa,...

André – Eu entendi, eu estou sendo pragmático com você, do que nós estamos falando? Todo dia, uma vez por semana durante seis anos? Duas, cinco? Uma vez por semana durante seis meses?

Terapeuta – Não, você faz terapia durante o tempo que você quiser.

André – Você é a Terapeuta. Eu faço inglês todo dia porque eu preciso me livrar dessa coisa, então eu preciso aprender. Se você

disser que a gente trabalha todo dia, a gente vai trabalhar todo dia.

Terapeuta – Não, eu trabalho uma vez por semana e eu acho que você não precisaria de mais que uma vez por semana de terapia; durante quanto tempo? Eu não estabeleço isso você é que vai dizer durante quanto tempo você quer ficar por um ano, dois anos, você é que vai dizer. Qual é a sua meta, você quer trabalhar o que? Nós não estabelecemos o tempo, mas o que você quer como meta alcançar?

André – Isto, não foi isso que brotou, é isso que precisa ser trabalhado.

Terapeuta – A meta não é o tempo, a meta é essa questão. Nós não vamos trabalhar tanto tempo, nós vamos trabalhar a meta, o foco, o tema não o tempo. Esse tema, esse foco pode ser trabalhado em seis meses como pode demorar um ano, mas dez anos não vai, o que é isso, dependendo da linha você poderia ficar 10, 20 anos, mas não é minha linha teórica.

Você pode focar tema, e aí você discute o contrato, por exemplo, até aqui para mim está bom, agora quero trabalhar outro tema e aí discute o contrato ou não, não quero mais. Eu trabalho assim.

Respondi a sua pergunta?

André – Ok, respondeu como Terapeuta responde... Eu vou ver, vou me programar e te aviso. Quais são os horários que você tem disponíveis? Isso para mim também é contexto de agenda, para mim é importante. Quais são os melhores dias para você? O dia que a sua agenda está menos lotada?

Terapeuta – Varia de semana para semana, depende do dia, isso não tem problema podemos sentar e combinar, não vai ser problema. Ok sinta-se livre.

André – Ok está feito, eu vou pensar e nós... Eu vou pensar é:- Vou programar minha agenda, a gente vai fazer o trabalho ou mais algumas conversas, combinado? E como sugestão que você pediu:- Reveja os seus preços, tá? Reveja os teus preços, você pode convidar pessoas que não possam pagar, mas você deve cobrar o suficiente das pessoas que podem e devem pagar bem o teu trabalho. E você não precisa explicar pra nenhuma delas quem é quem.

Terapeuta – Eu agradeço a sua sugestão... Aliás, foi a primeira pessoa na minha carreira que me deu essa sugestão, normalmente não se ouve uma sugestão como esta (sorri)!

André – As pessoas são muito filhas da puta! Não é Sueli!

Terapeuta – Eu já escutei de tudo nesta vida, agora um cliente que tenha falado para eu aumentar o preço nunca...

André – Porque as pessoas se perdem aí. Eu tive uma conversa, aqui acabou ou você quer... (aponta para o gravador e refere-se à gravação e término da entrevista)?

O gravador foi desligado, término da entrevista. O tempo total desta entrevista foi de 01h34min.

Obs.:- No final do mês de Outubro, tivemos nossa primeira sessão de Psicoterapia sem um tempo pré-estabelecido.

Sofia - Entrevista Após o workshop

Terapeuta – Eu queria te agradecer a sua disponibilidade para esta entrevista, saiba que isto vai me ajudar muito!

Sofia – Eu me sinto honrada por dar esta entrevista para você. Eu espero que possa te ajudar e ajudar muito mais gente.

Terapeuta – Bom eu vou ler as perguntas que você respondeu no dia do Workshop só para a gente se aquecer e tentar trazer um pouco o contexto do trabalho. Depois a gente vai lembrando e vai montando as cenas que a gente precisa.

Sofia – Tá.

Terapeuta – Então o Workshop foi no dia 13 de Setembro e antes de começar o trabalho você respondeu:-

1. Como estou hoje para esse trabalho?

Ansiosa.

2. O que gostaria que acontecesse aqui para dizer que este workshop foi útil?

Você respondeu:- Compreensão.

Terapeuta – Aí ao final do trabalho existiam quatro perguntinhas. Então a primeira:-

Como você está saindo deste trabalho e o que está levando?

Em paz, serenidade no coração.

Como você foi tocado pelas histórias que você ouviu?

No sentimento e na razão. O fio condutor das histórias de hoje foi no meu entender a importância do amor entre pais e filhos.

Terapeuta – Você quer comentar alguma coisa?

Sofia – É interessante porque eu acho que da outra vez eu disse isso também:- Eu não tenho lembrança de novo do que eu escrevi, antes ou depois. Acredito porque você está dizendo que eu escrevi, mas a sensação de tranquilidade essa sim é interessante eu saí muito serena. Éééé... Mas não me lembro desta questão de fio condutor e etc. Interessante porque eu acho que é o envolvimento do momento de tudo do próprio Workshop que me conduziu a escrever isso. Porque eu não tenho lembrança das respostas.

De acordo com as suas expectativas como você avalia este Workshop?

É pela segunda vez surpreendente! Receba Sueli minha gratidão e minha admiração! Obrigada.

Sugestões:-

Um número reduzido de questões me pareceu melhor.

Terapeuta – Um número reduzido de questões, você quer dizer...

Sofia – De colocações de questões. Eu achei que... Da outra vez acho que foram quatro ou cinco quando eu apresentei. Éééé... Eu achei que desta vez foram duas... Eu achei que foi melhor... Pela quantidade de pessoas, também talvez não é?

Terapeuta – Duas entre aspas porque o trabalho do André...

Sofia – Foram três na verdade... Porque a gente acabou levando praticamente o mesmo tempo, não é? Se tivessem mais questões eu não sei... é aquilo que você diz e também ficou provado para mim ... Nada acontece que não seja de alguma maneira que você perceba que foi programado para aquilo. Não havia possibilidade de ter mais é... De haver outras questões para serem colocadas porque aquelas duas pessoas consumiram um tempo do Workshop nós fomos das 9hs até as 19:30hs, quase 20hs alguma coisa assim.

Terapeuta – Verdade...

Sofia – Sem que se desse, pausa alongada, nada disso. Então não tinha como mesmo então se alguém tivesse teria ficado prejudicado ou se teria acelerado o que não poderia acelerar ou sei lá!

Terapeuta – Não é incrível?

Sofia – Impressionante! Fiquei impressionada! E não porque da outra vez que eu tenha participado as questões fossem menos pesadas ou menos fortes ou menos envolventes, não é e para mim foram muito importantes. Eu não sei como coube! Não sei como coube!

Terapeuta – É incrível, incrível! Foi muito bonito. O trabalho de grupo é muito bonito.

Sofia – E de novo surpreendente, não é? Porque eu acho que existia uma linha da primeira colocada que escapa não é?

Terapeuta – Bom então, vamos resgatar um pouquinho da tua experiência, do que foi mais significativo para você de todo o Workshop...

Sofia – Isso é muito interessante porque... De imediato eu não consegui perceber de que maneira eu poderia trazer para mim aquelas histórias ou de que maneira eu poderia trazer para a minha história as vivências acontecidas naquele Workshop conquanto numa delas inclusive da que eu fiquei na condição da filha,

não é? Que eu fiz o papel da pessoa que colocou a questão inclusive e que eu tenha no momento em que você se aproximou que eu fiquei paralisada, não sei se você se lembra disso?

Eu tive a sensação “eu estou também aqui”, mas eu não levei... Foi naquele momento, mas eu não levei para o meu nível de consciência depois que eu sentei e terminou aquela... Terminou a questão.

Conversando depois com o André, foi então que eu entendi, eu consegui enxergar porque que eu fui para, porque ter representado a filha ou a moça que queria é... Que a questão era adequação e que no fundo tem muito haver comigo, não é, porque é a questão do julgamento de eu sentir, não ter segurança no que eu faço, tinha tudo haver comigo! Não ter...

Terapeuta – Você entendeu que a questão da Vera para você era a adequação?

Sofia – Eu entendi que ela tinha colocado como adequação. E nesse sentido éééé... Eu até me lembro que eu fiz a brincadeira, eu fiz a colocação para ela no final que ela tinha sido muito adequada, então isso me marcou muito! Éééé... Porque ela necessitava, éééé... Na verdade de uma confirmação positiva das suas atitudes, uma confirmação positiva dos pais com relação as suas atitudes e é mais ou menos o que eu enxergo um pouco em mim. Não é? Ainda hoje quando eu me dedico para os meus pais, quando eu me dedico as vezes até para um cliente de uma forma que vai além até da forma que tem que ir, que eu me comprometo.

Éééé... Entrego de alma e para mim é difícil porque eu sempre me entrego muito na... Seja no trabalho, seja na vida pessoal.

Então com relação aos meus pais que era exatamente a questão dela, hoje eu percebo como era complicado para aquela criança ou para a adolescente. Porque hoje quando eu dou assistência para eles quando eu socorro, quando eu estou presente, quando eu vejo se a minha mãe tem calcinha ou soutien e eu vou eu compro, eu faço eu ... e não vem:- Poxa filha obrigada, poxa filha você está ...

Então eu ligo é assim:- Eu estou vendo futebol o que você quer?

E eu estou querendo saber deles, e eu estou querendo saber se está tudo bem.

Eu quero saber se eles estão organizados para irem para determinado momento, então eu transporto isso lá para trás e eu falo poxa eu não tinha como comprar, mas eu tinha como me portar.

Então eu era excelente aluna; então eu entregava desempenho de escola, eu não

mentia, eu obedecia, mas provavelmente não tinha aquela provação para falar é assim mesmo que bom algum tipo de... Algo que eu percebesse a adequação, que eu me sentisse segura por aquilo que eu estava fazendo naquela época.

E hoje a sensação é... Hoje me dá raiva, hoje me dá raiva porque eu falo:- O que mais eu preciso fazer? Por que nunca está bom? Por que nunca é o adequado? Por que nunca uma confirmação?

Então tem sempre um temor será que... Como vai ser recebido? Qual será a atitude?

Então eu me identifiquei dessa maneira na questão, naquele... Naquela questão e aí éééé... Deu para perceber deu para eu enxergar isso até hoje eu busco de alguma maneira essa confirmação deles do tipo e aí você está colocada, você está bem posta, você está bem enquadrada, você age certo, você nos acolhe éééé...Você deu certo Sofia! Na outra questão...

Terapeuta – Voltando um pouco nesse lugar... Sofia o que foi importante para você na história da Vera?

Sofia – Porque eu acho que era alguém, que fica uma coisa meia tonta não é? Às vezes eu falo para mim, mas porque eu ainda preciso insistir nisso. 12.01

Eu já estou fora, eu já vivo a minha vida eu já não tenho dependência ao contrário eu já... Hoje até pela idade deles assim a situação se inverteu um pouco porque eu ainda preciso disso e a rigor a gente acaba estendendo, não é, isso para a vida pessoal e fora.

Parece bobagem você fala assim, mas que tontice que estupidez não é? Isso já passou isso já ficou para trás você já tocou tua vida por que isso te incomoda tanto? Por que essa reação? Por que essa necessidade dessa confirmação? Então dá uma sensação e dá para entender quando você enxerga o outro na mesma posição e acaba vivendo essa mesma posição na pele de outra pessoa, não é?

Então é essa identidade de sentimentos e faz refletir mesmo isso que eu estou te falando agora você enxerga que não precisa mais eu não preciso dessa confirmação. Eu tenho que mudar aquela criança, aquela adolescente que talvez precisasse!

Terapeuta – Agora como foi que lá no Workshop naquele papel que você estava representando isso apareceu?

Sofia – Pois é... (silêncio).

Terapeuta – Ou isso não apareceu?

Sofia – É interessante naquele momento em que você... Que eu travei diante do pai de pavor eu não conseguia andar não sei se você se lembra disso? E que você veio

e disse:- Eu estou com você, você me apoiou e eu olhava para você e você falou:- Eu estou entendendo.

Quando você me disse “Eu estou entendendo”, eu falei assim:- Eu acho que não veio a nível de consciência, mas é como se eu também estivesse o meu medo também estivesse, mas depois que eu saí daquele papel e sentei eu não tive identidade imediata com nenhuma das questões. Foi interessante porque eu saí com a sensação de que eu tinha só servido, estado a serviço de, e que nada tivesse relação com a minha trajetória...

Terapeuta – E aí o que aconteceu?

Sofia – Só depois na conversa com o André como tinha sido etc. e tal, da conversa dos acontecimentos não é do dia, nós fomos comer pizza.

Foi ao conversar com ele talvez até alertada em alguns pontos por ele, foi que eu absorvi que eu entendi que eu trouxe para o racional aquilo.

Eu falei assim você tem razão porque é o que eu procuro até hoje tanto numa história quanto na outra por outra questão. Na dele por outro aspecto, aí só depois eu percebi.

Eu acho que ficou um ito no emocional, ficou muito, muito, muito eu fui embora com aquilo no emocional e levou um tempo para subir e pra chegar no racional. Isso foi muito, foi até assim, eu levei até um choque quando eu falei poxa como é que eu não percebi isso lá?

De todo o meu coração saí daqui achando nossa caramba eu estive a serviço deles não é?

Eu me... (sorri) Eu ofertei nas intuições e tal (sorri) eu só estive a serviço de (sorri).

Lógico, mas não, não tive a preocupação, não sei se é preocupação o termo, mas não tive a, não fez a liga entendeu?

Terapeuta – Sei, ainda que eu tivesse avisado na parte teórica?Eu avisei...

Sofia – Sim, eu achei que eu já havia colocado a questão e que quando eu coloquei a questão eu me percebi nas outras histórias, mas... Interessante, mas...

Terapeuta – Sim, mas como você estava só como participante...

Sofia – Mais, do que... Eu estava a serviço... Eu vim com esse propósito! Eu vim com o propósito até porque eu sabia até porque eu, que eu iria participar e servir de alguma maneira como é... É... É... É...

Terapeuta – Âncora, ajuda, impulso... Tudo junto.

Sofia – Eu estaria representando papéis estaria vivenciando experiências eu vim assim muito pronta para a entrega para servir. Não

tinha nenhuma preocupação não que eu desconhece não que eu ache que tanto que eu nem identifiquei... Eu não sei se foi por conta disso (sorri).

Eu falei caramba!!! (sorri).

Terapeuta – E foi ótimo porque deu para você trabalhar profundamente o emocional e aí levar para o racional.

Sofia – Em nenhum momento eu consegui fazer correlação com a minha história nem depois de terminar (refere-se ao momento depois do protagonista ter colocado a questão), sentada na cadeira, tomando seu café gostoso, não.

Não! Não! Foi depois, e ainda assim porque fui cutucada porque se não eu até hoje estava “Aé é!” (sorri), sabe assim? (sorri). Interessante!

Terapeuta – Quando você foi trocar com o André, quando você foi...

Sofia – Quando eu acho que aí eu me ouvindo...

Terapeuta – Ah, você se ouvindo. Quer dizer você está diante do outro e você se ouve...

Sofia – Conversando e trocando foi bem na troca com ele mesmo e que eu estava querendo mais receber dele, ouvir dele aí é que aquilo foi epa e tchu encaixa!

Terapeuta – E como foi para você a surpresa, quer dizer eu posso pensar que para você isso foi uma surpresa?

Sofia – Sim, lógico!

Terapeuta – Como foi à surpresa de ter percebido que você não estava “só a serviço”, mas que isso também tinha haver com a sua história?

Sofia – Fez na verdade é... Estava bem no racional, eu estava bem dentro... Mas é óbvio que tinha que ter alguma ressonância em mim, não é? Porque faz parte da lógica do trabalho, de alguma maneira eu teria que ser tocada naquelas histórias que foram apresentadas.

Então eu não fiquei perplexa se eu posso te dizer. Teve um “caramba” é claro que sim e aí vem toda a questão, que é fantástico, em que é visível, mas mesmo no dia eu percebia a ressonância, não é entre as questões tanto que tinha um fio condutor alguns em que eu achava até que você leu aqui, mas ficou muito lógico. Encaixou na lógica, encaixou no racional, encaixou naquilo que eu sabia que era o trabalho.

Então foi só mais a questão do repensar... É... No que tinha acontecido e de alguma forma é interessante porque eu não tenho muito vivo na memória nenhuma das duas vezes.

Quando eu entro no dia, quando eu entro no trabalho para pensar eu até consigo, quando eu puxo o trabalho na minha memória para ver

o que aconteceu e etc... Aí eu consigo ter uma memória. Trazer a lembrança do dia porque apesar de um mês que aconteceu eu não tenho os fatos como quando você comentou “Ah fulana”, eu falei, eu precisei:- Quem? Que você falava senhora?

Aí veio e eu falei assim não senhora só tinha era aquela e aí foi o detalhe que nem você sabia não é, mas isso no primeiro momento não tinha senhora, que senhora que eu não vi? Isso é algo interessante que me chamou atenção da outra vez.

É como se eu precisasse buscar lá dentro uma lembrança.

Com o evento que aconteceu há um mês seria natural que estivesse um evento marcante. Eu preciso voltar eu preciso entrar.

Terapeuta – Muito interessante! Muito interessante! Bom... Eu queria voltar ainda neste tema sobre a história da Vera. Então você disse que lá neste trabalho estava no papel da mãe da Vera...

Sofia – Mãe dela?!

Terapeuta – É mãe dela. E aí você paralisou e eu disse assim para você:- Eu estou entendendo...

Sofia – Eu estava no papel dela!

Terapeuta – Da mãe da Vera. A Vera estava colocando a questão.

Sofia - Isso. Eu acho que eu estava no papel dela.

Terapeuta – Você estava no papel...

Sofia – Era da filha!

Terapeuta – Sim da filha da avó. A Vera tinha os avôs, eram os avôs da Vera; e o avô era o boêmio.

Silêncio.

Quem era a representante? Deixa ver se eu anotei aqui...

Silêncio.

Olha o foco da Vera era a inadequação.

Sofia – Ah! Era o contrário! Eu trouxe para o positivo! É interessante! A minha era adequação.

Terapeuta – Você trouxe para a sua questão.

Sofia – A minha era a adequação?

Terapeuta – Não, você trouxe a sua questão na relação com ela! Bom eu tinha entendido... Pelo Genograma vai ilustrar bem...

Sofia – Veja porque tinha aquela relação da mãe não ter exercido o seu papel como mãe e ela era mais companheira do pai do que a mãe.

Terapeuta – Isto. Exatamente! Deixa eu pegar aqui o Genograma a gente já vai ver aqui.

Silêncio. (T. verifica suas anotações).

Terapeuta - É mais isto aconteceu com a mãe da Vera, você era a Celia, a mãe da Vera e foi

a Corita que morreu a avó da Vera e o avô que era o militar e você estava no papel da mãe dela...

Sofia – Gozado eu tinha tanta identidade com ela, o que ficou para mim foi a identidade com ela!

Terapeuta – Mas, você estava no papel de mãe dela. Eu lembro que a queixa dela foi quando a mãe da mãe morreu, ela deixou de ter mãe.

Sofia – E ela estava repetindo a mesma história com a filha.

Terapeuta – Então nesta história aí aconteceu que... Eu disse para você:- Estou entendendo o que disso foi significativo para você?

Você disse que chamou a sua atenção...

Sofia – Chamou minha atenção e é por isso que... E é interessante porque naquele momento eu via e era a a a o sentimento era o sentimento como de uma criança como de um filho com relação ao pai de temor. Por isso que para mim tinha ficado o registro que eu tinha representado quem colocou a questão.

Terapeuta – Quem sabe num outro nível você colocou uma questão!

Sofia – Pode ser.

Terapeuta - Foi muito forte, muito forte, um dos momentos bem fortes desse trabalho! Porque era a filha falando para a mãe, não é? Foi nesse diálogo! E era uma filha que questionava o pai, mas também dizia coisas fortes para a mãe, você lembra disso?

Sofia – Lembro.

Terapeuta – O que você lembra?

Sofia – Lembro até foi um choque para mim quando você falou da relação incestuosa.

Que no primeiro momento eu entendi no sentido próprio depois é que eu compreendi que era a filha assumindo o lugar da mãe não sexualmente, mas naquilo que o casal poderia compartilhar de momentos agradáveis juntos também estavam lá ao ver televisão, ao ouvir uma música era a filha e não a mãe.

Terapeuta – E quando, e aí existia a confirmação do pai.

Sofia – E isso tinha muito haver, tem muito haver comigo! Porque meu pai me levava nos bailes de carnaval. Minha mãe não gostava, eu gostava, meu pai gostava.

Eu ouvia música com meu pai, minha mãe nunca, nunca foi capaz de sentar do lado meu pai para ouvir uma música. Então eu ouvia bolero com meu pai, toda a minha educação, toda a minha cultura musical eu devo ao meu pai. Conquanto ele tem um lado todo de ... De nunca sei quando ele vai estar, tinha isso. Quando ele estava, queria desfrutar alguma coisa eu estava com ele.

Então até chegar ao ponto de eu ter dezesseis ou dezessete anos e queria ir num baile de carnaval a noite no clube, ele me ajudava a falsificar a carteirinha de identidade... Ele sabia até que ninguém ia pedir porque eu estaria com ele não é? Para poder entrar, meu pai então ele levava eu ia com mais uma ou duas amigas, ele nos levava e ficava lá. Ouvir música também olha que legal!

Então tem essa identidade; eu depois eu consegui enxergar todas essas coisas e que tem muita ligação comigo.

Terapeuta – No trabalho a fala do pai, no workshop quando ele tem uma atitude mais crítica em relação à esposa isso tem um efeito no sistema.

Então eu pergunto para a esposa:- Quando você ouve isso do seu marido o que acontece com você?

Sofia – Não lembro.

Terapeuta – Você não lembra disso; então o pai tem uma posição crítica em relação à mãe, quando a filha fala, você lembra o que você como representante da filha falou para mãe?

Sofia – Então eu não era a representante da filha?

Terapeuta – Da filha daquela mãe, a avó da Vera.

Sofia – A sim essa é a confusão que eu estou fazendo. Então tá bom eu estou dentro daquilo que eu achava que eu tinha sido.

Terapeuta – É você foi filha, em relação a quem coloca a questão você é a mãe... Era uma relação mãe e filha.

Sofia – Sim era uma relação mãe e filha.

Terapeuta – Você pergunta por que ela não era forte, porque ela quis morrer.

Sofia – Exatamente.

Terapeuta – Você fala com raiva.

Sofia - Que o pai, o marido era um boêmio, não é isso? E ela passivamente aceitava as coisas e como se estivesse dizendo “agora eu vou”.

Terapeuta - É essa imagem e o pai reagindo crítica a mãe, a esposa.

Sofia – Sim.

Terapeuta – E aí eu pergunto:- O que esta fala, quando você ouve esta fala, para a esposa, o que acontece com você?

A esposa diz:- “Eu tenho vontade de ir embora”. Isso a exclui do sistema.

E aí eu pergunto para a filha:- O que acontece com você? Você lembra o que você respondeu?

Sofia – Não.

Terapeuta – Eu tenho vontade de me aproximar.

Sofia – Ela substitui a mãe.

Terapeuta – Aí é que apareceu...

Sofia – O pavor!

Terapeuta – Primeiro o desejo de ir...

Sofia – Foi paralisante, posso te dizer.

Terapeuta – E aí quando eu me aproximei e falei para você: “Eu entendo”.

Que diferença isso fez para você?

Sofia – Foi um chamamento sim e um acordo para que a ação pudesse ter continuidade porque se não tivesse acontecido eu acho que aquele movimento não teria ocorrido o movimento de aproximação.

Eu acho que ele só aconteceu por conta da tua intervenção de uma forma muito suave não houve intromissão se é que eu posso te dizer não foi uma

ingerência se é que a gente pode dizer não é?

Porque foi, mas ela não foi, não deu choque, não foi incômoda ao contrário.

Era como se fosse uma sustentação para impulsionar o movimento que era necessário fazer...

Terapeuta – E por que não foi incômodo? O que aconteceu com você que fez com que você pudesse ir?

Sofia – Eu não sei, acho que a segurança da... Você conferiu a segurança que talvez estivesse faltando ali.

Terapeuta – E você entendeu a paralisação? De onde eu estava eu identifiquei um congelamento como paralisação tinha um frio, uma coisa gelada. Era isso mesmo?

Sofia – Era isso mesmo. O sangue nem corria pode-se dizer. Eu acho que eu cheguei a falar que eu não sentia as minhas pernas.

Terapeuta – Sim você precisou sentar.

Sofia – Era como se tivesse... Gelar é porque não tinha energia não tinha sangue correndo mesmo fluindo. Foi muito forte!

Terapeuta – Como foi que você conseguiu sair disso, isso é importante para a Sofia. Por isso que eu estou pondo luz nisso, acho que isso é um ponto extremamente importante para a sua história.

Como foi que você conseguiu andar esse pedacinho?

Sofia – Da aproximação?

Terapeuta – Sim.

Sofia – Eu não pensei... Foi interessante naquele momento eu falei assim:- Ela está falando comigo, sou eu que não quero me aproximar? Mas na verdade eu via pai.

Quando você falou como se você tivesse me trazido, tirado um pouquinho daquela personagem e tivesse dito vamos Sofia vamos lá que você vai e aí era comigo que você estava falando.

É interessante que a sensação que eu tive que você estava falando comigo não era a Sofia pequena, a Sofia ali criança, adolescente, sei

lá, recém adolescente alguma coisa do tipo. É como tivesse ocorrido um desdobramento assim porque aquele personagem estava ali, mas veio um outro que era a Sofia.

Você falou comigo naquele momento eu tinha absoluta certeza, mas eu não... Quando eu sentei que terminou eu não trouxe isso para a minha razão.

Eu não sei como eu consigo te explicar isso naquele momento em que você se aproximou e você falou você falava com a Sofia.

Eu sabia que... Eu tinha plena consciência de tudo que era com a Sofia mesmo.

Era a Sofia que precisava fazer aquilo, mas quando encerrou isso eu só percebi essa sensação essa emoção eu tive naquele momento, mas a emoção acho que ela era tão grande que ela ficou ali na sequência ela não veio.

Terapeuta – Veja se eu posso pensar isso:- Eu estou entendendo que você está colocando que quando eu me aproximo de você “dizendo vem”; você sentiu confiança e isso te ajudou... E fez com que você pudesse ir abraçar o pai, ir ao encontro do pai foi trazer você Sofia a sua criança.

Sofia – Sim.

Terapeuta – Porque quando você está questionando a mãe, no papel de Célia mãe da Vera (que foi protagonista), aquela representante, ela deixou a mãe estava meio confundida, é a filha que se confunde com a mulher... Então tem uma competição entre mulheres, tem uma rivalidade.

Sofia – Sim.

Terapeuta – Mas quando existe, quando você se conecta com outro lugar onde você sente, um lugar seguro você entra em contato com uma possibilidade que te dá segurança, você traz a sua criança aí você pode abraçar o pai...

Sofia – Mas a criança que teve apoio e que tem tudo haver comigo... E que ainda busca isso não é? Naquele momento teve.

E o que eu trago para mim disso, que hoje eu consigo perceber e de uns tempos para cá acho que talvez um tempo depois da terapia aí você começa a olhar um pouco mais de uma outra forma o seu relacionamento familiar, a tua família, pai e mãe e etc. ..

Foi que eu percebi e aí houve uma certa também dessa história que eu posso trazer para mim; que quando a minha mãe faz questão de dizer que ela é mais bonita que eu, então é alguma coisa que eu nunca tinha pensado nunca me passou, nunca me ocorreu que ser alta, ser do jeito que eu sou, pudesse de alguma maneira incomodar o ego, hoje eu vejo que sim eu sou completamente

fisicamente, completamente diferente da minha mãe.

Como ela mesma diz, eu sou o meu pai, eu sou o Cunha, meu sobrenome é Cunha. Eu sou o Cunha refinado, ou seja, eu sou...com perdigree. Não tem mistura.

Minha mãe é pequenininha, minha mãe é completamente diferente, mas, contudo que ela fala e aí você junta às coisas e então tem isso também não é? Mas ao mesmo tempo eu sempre e isso eu tenho assim, eu nunca senti minha mãe companheira do meu pai, nem ele companheiro dela...

Terapeuta – Então, mas neste trabalho também foi importante a fala, isso também ficou claro não é? Você lembra do que a mãe falou nesse trabalho da escolha?

Sofia – Que tinha feito a escolha pelos filhos, é isso?

Terapeuta – Não, a mãe vira para a filha e diz...

Sofia – Ah! Que foi uma escolha dela, não é? Exatamente que ela não tinha o direito de se meter.

Terapeuta – Exatamente!

Pode não ser um casamento, modelo de relação que você queira para a sua vida, mas foi uma escolha dela.

Não necessariamente você tenha que fazer o mesmo.

Sofia – Nem tentar ajeitar para que eles vivam melhor! Isso tem ficado claro para mim. É muito penoso é muito difícil, mas eu tenho que entender que é a opção que eles fizeram...

Terapeuta – E para esta família deu certo, para aquele sistema de valores para aquele sistema de crença deu certo, está dando certo eles estão juntos!

Só que o critério de valores seus são diferentes do deles.

É outro sistema de crenças, de critérios de exigências.

Esse casamento deu certo.

Sofia – Dentro daquilo que eles queriam para eles...

Terapeuta – Exatamente!

Sofia – Foi muito forte, muito forte! Acho até que a gente consegue ter um aproveitamento na no racional e é por isso que eu te falo, talvez eu... Como fica muito no emocional, como fica muito no inconsciente, muito lá na base eu acho que talvez eu até tenha um aproveitamento muito maior do que eu imagino.

Possa vislumbrar... O que vem para o racional é muito pouco.

Terapeuta – Você viu como precisa de um tempo?

Sofia – Precisa de um tempo! Provavelmente se a gente voltasse a falar daqui a dois meses talvez mais, outras questões viriam.

Terapeuta – É, mas a gente tem um grande aliado que é o fato de você fazer terapia então, isso não vai se perder. Você é uma pessoa que tem um comprometimento com o seu processo, você vai levar isso para a terapia.

Sofia – É estou levando! E isso para mim está desenhando assim, não é?

Lógico que não é fácil, não é porque você sabe que... (sorri)

E eu falo para mim você já sabe por que você sente? Não é? (sorri).

Por que você senti isso? (sorri). Eu brigo comigo! (sorri)

Mas isso já não foi apresentado para você? Já não foi dito que é assim?

Já não foi dito que é deles entrega para eles! (Sorri).

O que você quer, por que você não entrega?

Como é difícil não é?

Terapeuta – (Sorri).

Sofia - Eu acho que o primeiro passo é reconhecer, se a gente não reconhece a gente não muda nada porque você não está percebendo.

Então esta compreensão este entendimento, essa este racional isso para mim é muito importante porque a minha emoção é muito aflorada. E quando eu consigo puxar e trazer isso para dentro da razão, eu consigo equiparar a emoção deixar no mesmo nível então aí eu acho que eu consigo comigo elaborar melhor e aí eu vou tentando fazer com que essa razão vá e fique e por cima. Claro que vai ser um tempo, claro que é a terapia, mas eu acho assim.

Mas se eu consigo hoje entender um pouco melhor as coisas... Até com relação a mim digamos assim eu consigo me perdoar.

Terapeuta – Você vê quanta coisa Sofia! Desse trabalho o que mais você pode me dizer de significativo? Desse lugar de representante.

Sofia - Não sei puxa! (sorri) Puxa o fio que vem.

Terapeuta – Foi forte.

Sofia – Foi sim!

Terapeuta – Foi incrível, o frio que estava em volta isso me impressionou.

Sofia – Eu senti gelo, gelado! A sensação é uma coisa... A sensação física porque não é só a emoção, eu não sentia as minhas pernas.

Terapeuta – E foi muito bonito o abraço da filha com o pai, como filha, que é completamente diferente!

Sofia – Sim. Eu achei muito, muito interessante. Espero que para ela tenha

aberto... Bom ela faz terapia, espero que para ela tenha aberto janelas...

Terapeuta - Bom dessa história você acha que fechamos?

Sofia – Acho que sim, fico a tua disposição, se você quiser depois de um tempo aprofundar para mais você me avisa.

Terapeuta – Bom e da história, da colocação do André, alguma coisa, como foi para você?

Sofia – Na verdade eu representei a avó que serviu a vida inteira, que serviu a família, serviu aos outros, então é... Fica muito a Sofia nessa.

A Sofia veio para servir, daqui eu não preciso tirar nada, eu só preciso entregar eu não preciso levar nada; já foi a minha postura ao vir aqui não é? Como participante.

E... É um pouco e é muito do que foi a Sofia, a Sofia, eu sou a única filha de três irmãos, três homens e eu; o mais velho eu e dois mais novos.

Então a Sofia arrumava a cama dos irmãos porque a Sofia era mulher, a Sofia lavava a louça porque a Sofia é mulher, a Sofia quando a mãe sofreu o acidente quebrou o fêmur e o braço ficou completamente dependente então a Sofia cuidou sozinha, ninguém lembrou e hoje só hoje eu consigo ver isso.

Só hoje, ninguém lembrou eu tinha que levantar a minha mãe da cama eu tinha que colocar na cadeira higiênica sozinha, dava banho, limpava porque eu estava disponível eu não estava trabalhando eu estava mudando do Rio para cá, não é?

Então era muito natural que a Sofia fizesse e eu assumi aquela função, éééé.... Naturalmente! Nenhum momento me ocorreu me rebelar ou dizer:- “Escuta eu preciso de ajuda”.

É interessante isso, porque era o papel natural eu tinha que estar servindo e posso dizer que não foi...

Eu tenho uma hérnia aqui certamente por conta do esforço porque você pegar um corpo inerte de um adulto não é brincadeira!

Então eu me dedicava; me dediquei ela não tinha movimento, eu tinha que dar banho, eu tinha que dar comida, eu tinha que pôr; e isso foi por muito tempo e aí depois ela teve um outro evento aí eu já estava trabalhando aí a gente precisou de três pessoas!

Passado um tempo e só agora foi que eu me dei conta! Caramba! Mas eu fiz isso tudo e ninguém lembrou que eu talvez precisasse de ajuda nem eu!

Eu não lembrei de mim, coisa que hoje eu faço!

Terapeuta – Esta história é parecida com a colocação da dele porque aquela avó era quem cuidava de todos!

Sofia – De todo mundo... Ela era a única mulher com um monte de irmãos todos homens.

A mãe delegou, ia só tendo filhos e ela cuidava dos irmãos na função de mãe e assim tocou a vida, não conseguiu nunca ser mulher no casamento e...

Precisava até para poder enfrentar essa situação toda, precisou que o forte dela ficasse muito forte.

Então eu acho que é essa identidade não é, de, de, na verdade não é um servir espontâneo.

Porque hoje, por exemplo, eu percebo muito bem quando eu estou é...

Eu gosto de me dedicar à família, não vejo problema em fazer isso, mas hoje eu consigo separar até onde eu devo ir e até onde não.

Coisa que nunca isso me acontecia afinal de contas eu estava ali... Então só um exemplo, nesse final de semana teve o, foi aniversário da minha cunhada, de uma das minhas cunhadas e o meu irmão marcou uma pizza.

Minha mãe teve uma queda de novo, minha mãe está com a saúde muito debilitada desde desse acidente, foi uma série de eventos então ela teve uma outra queda agora está se recuperando, andando de andador, mas... Está entrando num quadro senil bem complicado.

Ela teve herpes ósseo pegou esse nervo do lado direito, então ela ficou em coma três meses e quando voltou ela não voltou à mesma pessoa.

Ela... Ela a questão de limite está perdida se julga no direito de falar o que vem na mente e aí... Você pega também dentro da pessoa. E... aí a questão comigo fica muito...

O embate fica muito... É... Aí em fim eu liguei para saber se meu pai precisava que eu passasse para pegar, se ele ia dirigindo e etc. foi aí que ele estava vendo futebol e ele falou:- “Estou vendo futebol o que você quer?”.

E aí eu estava ligando para ver se eles estavam precisando de alguma coisa, você percebe? Eu não estava ligando para pedir nada, eu queria ajudar, eu queria saber se eles precisavam de ajuda!

Até assim eu incomodo! Então é a questão da adequação e inadequação. A boa filha; puta no momento errado! E aí ele falou assim:- “Não eu não vou levar a acompanhante”, mas é até uma oportunidade da moça ir comer numa pizzaria e ir comer uma pizza, por que que não vai levar?

Não, porque não precisa.

Eu não vou cuidar! Eu consegui dizer! Por que que não precisa? Se ela tivesse que ir ao banheiro, vontade de ir ao banheiro quem ia levar ele? Não é lógico que ia ser a Sofia... Precisa porque a Sofia vai estar lá. Então eu consegui dizer eu não vou! E eu consegui também falar então veja o seu futebol tchau! Se vira!

Lógico que não sem raiva, e aí é que eu falo é o que eu preciso entregar!

A escolha que você fez, eu não preciso sentir raiva, mas ainda não consigo vem uma... Não é raiva, fúria! Fúria por todas as razões, brava comigo por sou a tonta, porque você precisa se preocupar? Afinal de contas se eles precisarem de ajuda, ele pega o telefone o liga!

Fúria porque pô é... não é?

Dedicação é amor, quer dizer “estou vendo futebol”; quer dizer é um pai que não pode deixar um minuto de ouvir, de ver o futebol para falar com a filha que está ligando para saber se ele precisa ser ajudado, pra dizer para ele você não está sozinho nessa!

Terapeuta – Sofia dentro disso que você está falando o que esse lugar de ser representante da avó te ajudou?

Sofia – Porque... Eu consegui entender esse servir, essa usurpação do servir, porque no final ela, aquilo entrou como se fosse ajuda e ela acabou assumindo o papel que não era dela... E ela se compenetrava daquele papel que eu acho que ela perdeu a identidade dela, perdeu a identidade dela.

Quem era aquela mulher?... Que só sabia que só ficava feliz, só sabia ser rude, só sabia ser agressiva... De uma maneira... Não com os netos... Que ficou muito patente, então quer dizer quando ela podia, quando era uma eleição e uma escolha na amorosidade ela sabia ser, ela não tinha a obrigação com os netos, mas ela até cuidaria, ou ela cuidava ou cuidou de quem ela quis por opção dela porque estava dentro do coração dela.

Diferente, diferentemente com relação aos outros. Então isso eu senti, isso me trouxe também um que é aquilo... A Sofia olha, a Sofia faz... A Sofia traz, a Sofia, a Sofia. Oh não! O que eu quero? Até onde eu quero? É algo que eu tentei me chamado a atenção. Por quê? Porque eu tenho muito isso eu vou fazendo porque já está dentro do meu... Eu... Eu absorvi aquilo, eu preciso parar e observar para falar não espera aí. Tem que ser escolha não é? Eu acho que neste sentido como um alerta.

Terapeuta – O que mais foi importante e significativo?

Sofia – Para mim o Workshop, você diz para mim?

Terapeuta – Sim.

Sofia – Eu acho que esses dois aspectos que eu consegui trazer para o meu racional.

Terapeuta – Da parte assim teórica tem alguma questão que não tenha ficado clara?

Sofia – Não, clara não, só que eu fiquei fascinada, me arrependo de não ter anotado o nome a questão quando você coloca que você traz o exemplo das estrelinhas... Que é a...

***Obs.:-** Sofia refere-se à primeira parte do Workshop quando é dada a parte teórica, de como surgiu o “Relacionamentos que Curam” e sua fundamentação teórica, as “estrelinhas” fazem parte de um esquema utilizado pela Terapeuta para ilustrar os eventos significativos da vida do cliente e aqueles que ficaram de fora e que servem de andaime para a construção de uma história mais rica.

Terapeuta – Michael White!

Sofia – Michael White que é da... Da...

Terapeuta - Narrativa.

Sofia - A Narrativa!

Terapeuta – Ele é apaixonante!

Sofia – Eu achei fantástico porque é meio isso você vai escolhendo pontos não é?

Tem toda uma história, mas você pega ali aonde você falhou! Você pega ali ou o que não enxerga nenhum defeito eu achei fantástico!

Eu acho que essa é uma linha... Porque ela não abandona, ela dá uma lógica não é?

Afinal de contas, você vive todos os dias, você passa por uma série de situações por que os registros, por que só algumas marcas?

Por que só algumas luzes ficam acesas? Vamos aprender a olhar! Eu acho que esse é todo o processo da terapia não é?

Tira o foco, esse foco aqui está bom isso aconteceu, mas olha aqui a compensação, olha aqui o outro!

Então eu acho isso, isso é reconfortante porque é a tua história ninguém está te colocando nada. Ninguém está te colocando nada, está só te virando, pegando o rosto * (Sofia coloca as duas mãos no rosto e vira o rosto em outra direção) e te desviando o olhar para algo que também você fez! Você também passou por aquilo, tira dali também alguma coisa, vê o que tem ali, não é? Eu achei isso fantástico, fascinante essa técnica!

Terapeuta – Tem alguma outra coisa que você queira me perguntar sobre o Workshop, sobre os trabalhos? Ou algo que não tenha ficado claro?

Sofia – Só o que me chamou atenção é essa questão pelo fato de serem duas vezes, do Workshop ficar nebuloso, interessante, não

nebuloso porque não compreendi, eu não sei se eu acho que é a emoção do...

Terapeuta – Nebuloso como?

Sofia – Como se tivesse uma nuvem assim e eu não conseguisse identificar, por exemplo, eu estou olhando aqui esse sofá com essas almofadas, eu vejo as linhas perfeitas identifico e etc. e a lembrança do... É como se tivesse um véu sabe, como se eu precisasse me esforçar muito não é a memória que vem... Isso me chamou atenção.

Terapeuta – A primeira vez que você fez também aconteceu?

Sofia – Também, também!

Terapeuta – Quando você fez constelação com outra pessoa?

Sofia – Eu nunca fiz.

Terapeuta – Você assistiu?

Sofia – Eu assisti uma vez uma apresentação corporativa.

Terapeuta – Você ficou assim também?

Sofia – Não.

Terapeuta – Você tem memória dele?

Sofia – Tenho.

Terapeuta – E aquela outra pessoa que você foi no Brooklin assistir não foi?

Sofia – Foi há anos atrás, mas aquilo era uma apresentação, acho que era um... Porque tinham muitos convidados, era muita gente.

Terapeuta – Mas ficou a memória dele?

Sofia – Não me tocou.

Terapeuta – Pode ser que...

Sofia – Não é que não me tocou, eu não vi identidade, eu não enxerguei um aproveitamento. Era outro momento da minha vida na época

Terapeuta – É você tem então uma participação como protagonista ao colocar uma questão e agora você tem uma experiência como participante. Como foi para você estar em duas posições diferentes no Workshop? O que você pode me dizer da sua experiência?

Sofia – Da primeira vez que eu coloquei a questão como protagonista, é... Conquanto eu soubesse é... Que a gente teve três entrevistas que, aliás, já foram três, eu fui no limite não é... É...

Nós tivemos três entrevistas e eu não conseguia até definir muito qual seria a minha questão.

Acho que eu vou precisar colocar outras tantas, mas eu estava muito centrada em mim. Eu tinha muita expectativa é como se eu tivesse muito ligada no meu umbigo e depois eu participei das outras questões, ou seja, mas assim se eu posso te dizer de como eu vim, eu vim centrada em mim, dessa vez eu me anulei se eu posso te dizer.

Enquanto eu soubesse da ressonância em nenhum momento eu fiquei tentando ver que tipo de... Ou nem me chamou a atenção que tipo de relação aquilo poderia ter... De que forma aquilo poderia atuar?

Terapeuta – Então, mas hoje olhando com este olhar que você está tendo hoje o que você teria para me dizer da tua experiência como protagonista e como participante? Um olhar que hoje já sabe de como a ressonância atua?

Sofia – Eu acho que a grande diferença é só de intensidade.

Quando você coloca a questão você tem o teu aspecto muito mais... , ele é trabalhado de uma forma muito mais abrangente porque você é tocado como tudo isso que a gente estava falando até agora de que maneira a questão das outras pessoas que tiveram histórias muito diferentes das minhas eu não tive nenhum tipo de relacionamento de infância, de juventude e etc... Relacionamento familiar... As famílias não... Nada, nada, nada. Como é que isso pode ter me tocado da forma como me tocou?

Ter entrado dentro de mim, da minha casa, me levado para a minha infância!

Então, é lógico que ainda que como participante as histórias elas...

É como se eu tivesse sido protagonista ao representar alguém eu fui, eu levei eu toquei como se eu tivesse apresentado parte de uma história que eu vivi, ao colocar a questão talvez ela possa ser mais abrangente.

Na minha ela tomou um rumo completamente diferente...

Nós fomos lá para Portugal, não sei se você lembra, por conta de uma irmã da minha mãe que não tinha sido reconhecida pelo meu avô, nunca isso me passou pela cabeça, que pudesse ter algum tipo de relação comigo...

Então eu acho que lógico, que colocar a questão é mais rica, agora participar eu acho que é algo para se fazer de tempos em tempos.

Agora se eu fosse dizer alguma coisa com relação ao Workshop e a Constelação eu acho que ela não é, ela não é exauriente...

Ela é tão forte, tão impactante que precisa ter um acompanhamento de uma terapia.

Acho que quem não faz terapia, não consegue, fica difícil conviver com um pacote que foi aberto... Dá até para entender um pouco a resistência das pessoas... Porque vai ter que olhar para o pacote pronto... Então eu acho muito difícil, para mim teria sido impossível. Acho fundamental!

Acho fundamental a entrevista... De novo que eu ainda falei assim:- Poxa, mas a Sueli por

que, que eu que fui lá participar ela quer me ouvir?

Nem eu tinha, por mais que tivesse vindo à razão nem eu tinha refletido tanto quanto isso tinha sido importante para mim e da primeira vez eu fiquei com questões equivocadas e depois da conversa com você, você conseguiu elucidar então eu acho... É...

Terapeuta – Você acha que é importante a entrevista para o participante após o Workshop?

Sofia – Fundamental! Posso te dizer hoje. Eu não tinha percebido por mais que eu tivesse depois, conseguido relacionar comigo não tinha sido com essa profundidade. Sem dúvida! Eu acho!

Fecha, finaliza um... O Workshop, agora tem que ter terapia, tem que levar para a terapia, tem que dar continuidade em terapia.

Terapeuta – É a pessoa fica muito melhor assistida, não é?

Sofia – É porque se não fica muito difícil. Porque você precisa elaborar tudo isso que surgiu não é? Porque as coisas borbulham, elas podem até ter se resolvido naquele momento e naquele plano, mas aqui dentro sozinha (coloca a mão para o coração) a gente não consegue elaborar.

Terapeuta – Bom é o que eu falei desde o início no Workshop não substitui um processo psicoterapêutico, é uma ilusão achar que você meche aí...

Sofia – Eu acho que pode acelerar muito, mas de forma alguma, eu acho que nem substitui e nem elimina você precisa porque se não fica difícil carregar.

Terapeuta – Agora você também é uma pessoa que tem uma experiência em constelação pura e tem a experiência tanto como protagonista quanto como participante nos “Relacionamentos que Curam”.

Ficou claro para você ainda que não seja da área “psique”, a diferença do que é uma constelação pura e do que é esse trabalho dos “Relacionamentos que Curam”? Tem diferença?

Sofia – A diferença é justamente essa é o elo; porque na constelação pura o foco é aquela situação que acontece ali e o cosmo se encarrega do equilíbrio é essa sensação que eu tenho.

Porque não tem um pós, não tem um depois e as pessoas que estão assistindo eu acho que elas ficam alheias aquela situação não é a minha, não tem nada haver comigo.

Eu acho que não existe esse chamamento a consciência:- “Olha presta atenção porque sente como isto vai ecoar em você”.

Isto realmente, eu só que é aquilo que é... Eu converso com outras que fizeram a constelação porque e é diferente, quer dizer primeiro não se fala da questão antes não se sabe nada a respeito e as coisas acontecem lá.

Eu acho que neste aspecto acontecem porque tem que acontecer mesmo... Tanto que por mais que se faça entrevista antes, o rumo que toma é o rumo que vai tomar!

Eu acho que a minha experiência é muito fruto disso.

Imaginava nunca que ela pudesse ir por este caminho, mas achei fundamental é... A conversa depois e assim como agora sendo participante apenas, ou seja, o que aquilo altera em mim, o que tem haver? O que ressoa?

O termo ressonância é fantástico, então nesse aspecto é diferente! Porque toodos aproveitam isso é troca não é?!

Terapeuta – Tem alguma sugestão ou algo que não tenha sido que talvez não fosse útil para o Workshop?

Sofia – Eu acho que se eu fosse te dar alguma sugestão, é você faz isso no Workshop, eu não sei se é porque quando você me perguntou e você já sabia que eu fazia terapia até porque fui indicada pela minha terapeuta que você conhece, mas é essa ênfase para que quem seja participante ou como protagonista e que precisa da terapia.

Terapia – É não sei se você se lembra que na primeira parte do Workshop eu falo...

Sofia – Você fala, eu digo assim na... Porque o participante não tem entrevista antes...

Terapeuta – Então você acha melhor fechar o Workshop só para quem faz terapia?

Sofia – Eu acho que não! Porque se não isso pode ser um norte para a pessoa fazer terapia, eu acho que não, mas eu acho que precisa...

A pessoa que quiser olhar para si de verdade, que não veio por curiosidade ah eu vou lá ver como é, porque tudo que aparece de novo vai, não é?

Faz Reiki, faz não sei o que, faz acupuntura, porque eu vou uma vez e paro que vai pelo apelo da novidade, se assusta! Porque percebe que não é levar a agulhada e acabou depois passa um alquinho e esquece (sorri).

No dia seguinte não tem mais marca na roupa. É então eu acho que quem vem com o propósito mesmo de olhar um pouquinho para si não é, eu acho que vai procurar, ainda que não seja com você vai procurar uma forma de se acolher... Porque é fundamental.

É muito profundo, muito forte, muito denso não dá... É um embrulho que aperta... Eu acho, por exemplo, que para adolescente eu não

recomendaria nunca, eu acho que só adulto deve fazer, nem criança, nem adolescente. Precisa ter maturidade...

Terapeuta – Adolescente eu acho que dá para fazer com determinadas famílias desde que os pais estejam juntos.

Sofia – Ah aí já é diferente!

Terapeuta – Dependendo da questão, pode ser útil para a família, dependendo do caso... Mas com os pais presentes, eu jamais faria sem a presença deles.

Sofia – Porque é muito... Você abre aquela mala assim e aí como é que eu fecho e carrego de volta? Como eu volto para casa? Porque você precisa voltar para casa. Então é isso.

Terapeuta – Você se lembra da sua carta de perspectiva de futuro, o que você colocou?

Sofia – Lembro.

Terapeuta – O que você colocou?

Sofia – Que eu gostaria de... Ser uma pessoa melhor.

Terapeuta – E o que significa ser uma pessoa melhor?

Sofia – É ter isso, conseguir cuidar de mim e cuidar dos outros estabelecendo limites, olhando para mim, me entendendo assim como eu entendo os outros.

Terapeuta – Ai que lindo! Que legal! E o que você fez com a carta de gratidão para os pais?

Sofia – Como assim?

Terapeuta – Você entregou?

Sofia – Eu não tenho... Não tenho espaço para isso.

Terapeuta – Neste momento é isso. Agora do Workshop mais alguma coisa?

Sofia – Não.

Terapeuta – Sofia, das duas histórias qual a que te tocou mais ou as duas te tocaram igualmente dos papéis que você representou?

Sofia – Mais diretamente com a minha história, a primeira porque tinha muito mais identificação comigo.

Terapeuta – O que você gostaria de, aliás, por que foi importante para você estar nesse lugar como representante na história da Vera? O que foi mais importante para você?

Sofia – Eu acho que é me propiciar essa série de reflexões, não é?

Terapeuta – Qual foi a mais importante? Vamos imaginar que ela estivesse aqui o que você diria a ela?

Sofia – Eu acho que o mais importante é conseguir vislumbrar e entender porque a mãe dela agiu daquela maneira e o pai dela agiu assim.

Terapeuta – E por que isto é importante para você?

Sofia – Porque eu acho que preciso fazer isso comigo, eu preciso olhar para a minha mãe e olhar para o meu pai e entender porque eles fizeram esta opção de vida para eles; e aceitar, ainda que não seja no meu entender a melhor.

Terapeuta – E nesse lugar que foi possível que a Vera te ofereceu e você teve a sabedoria de aceitar, você pode reconhecer e se sentir grata pela Vera ter te proporcionado isso?

Sofia – Sim.

Terapeuta – Então, eu queria te pedir para você escrever e colocar isso no papel. Isso vai ajudá-la e muito... Você pode fazer isso aqui?

Sofia – Posso.

Terapeuta – Eu pedia para as pessoas fazerem em casa, mas às vezes demora, então aqui eu já peço e vejo e aí você também já fica sem tarefa.

Sofia – É a Vera, não é?

Terapeuta – É Vera. Escreva alguma coisa curta e que fale da sua gratidão e você pode ter certeza que vai fazer diferença na história dela.

***Obs.:-** Terapeuta entrega papel e caneta para Sofia escrever. Sofia entrega a carta e encerramos a entrevista.